

ANO XLII

N.º 19

Revista da Semana

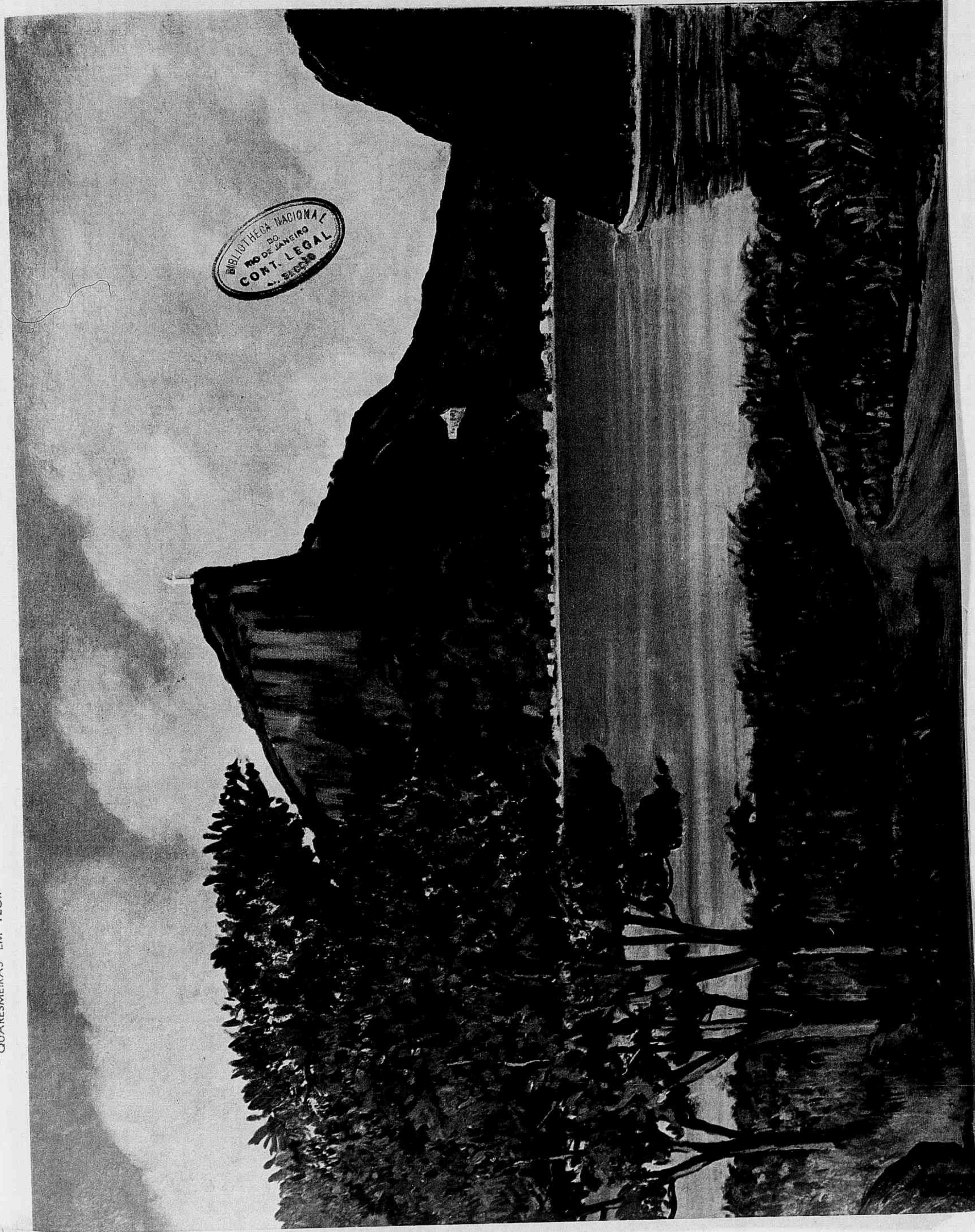
10 de Maio de 1941

1\$500
em todo o Brasil



"QUARESMEIRAS EM FLOR"

(Olho de Odette Barcellos)



ESTADO DO RIO



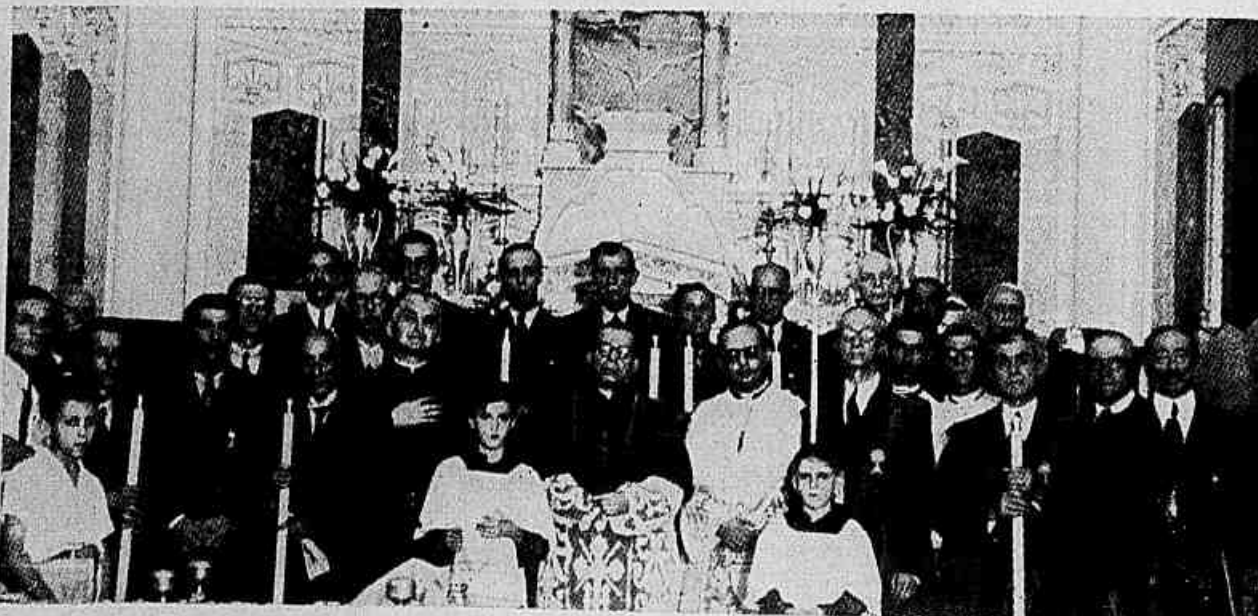
O baile dos calouros da Faculdade Fluminense de Medicina, no Club Central.



A Páscoa dos Militares, que se realizou pela primeira vez em Niteroi, na Catedral.



A posse do dr. Arnaldo Nunes na Academia Fluminense de Letras, na cadeira Azeredo Coutinho.



A inauguração da capela do Santíssimo Sacramento, na Catedral.



Em Ibiapina: doze irmãos filhos do dr. Alvaro Soares e Silva e d. Maria Delourdes Soares do Monte e Silva.

C'ARA'



MINAS GERAIS

A inauguração das novas instalações do Instituto de Assistência Social de Juiz de Fora, dirigido pela sra. Stella Dolores Mont'iro, que se vê no extremo á direita, chefe do Serviço de Fiscalização do Ministério do Trabalho naquela cidade.



BAIA

Aspécto tomado na Catedral da cidade do Salvador ao ser resada a missa votiva pela passagem do aniversário natalício do Presidente, Getulio Vargas. No primeiro plano á direita, o interventor Landulpho Alves.

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM DE 1911 E OS GRANDES PRÊMIOS NAS EXPOSIÇÕES DE SEVILHA E ANTUÉRIA EM 1930

E NA FEIRA INTERNACIONAL DE S. PAULO EM 1933.

PROPRIEDADE DA

COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.

DIRETOR: GRATULIANO BRITO

«REVISTA DA SEMANA. DEVEM VIR DATILOGRAFADOS

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Edifício Martinelli — 10.º andar — Sala G Telefone 3-3885

Endereço Telefónico: REVISTA

REPRESENTANTES

BAIA Joaquim M. Cunha

Praça Castro Alves, 79 — São Salvador

PARANA — Gerson Gomes Lustosa (correspondente)

Rua Carlos de Carvalho n.º 237 — Curitiba

RIO GRANDE DO SUL

Ademar Lobato — (Agência Publix)

Rua Siqueira Campos n.º 1169 - sala 6 — (PORTO ALEGRE)

ASSINATURAS		REGISTRADA
BRASIL E AS 3 AMERICAS		
Um ano.....	63\$000	Um ano..... 80\$000
6 meses.....	32\$000	6 meses..... 40\$000
EXTRANOEIRO		
Um ano.....	170\$000	6 meses..... 90\$000
Avulso.....	1\$500	Atrazado..... 2\$000
15 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ — 15		
Telefones: Direção 22-2622 Gerência 22-2550 Secretaria 22-4447		
Redação e Publicidade 22-9670 Fotog. 22-1013 Portaria 22-5602		
Endereço Telefónico: REVISTA — RIO DE JANEIRO		
TODOS OS ORIGINAIS ENVIADOS A' «REVISTA DA SEMANA.		
OS TRABALHOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES		

MEMÓRIAS DA MINHA MEMÓRIA

Recordo a velha rua do Ouvidor. Não tinha o esplendor comercial nem o movimento de hoje. Já era, entretanto, a mais notável rua da cidade e, acima de tudo, aquela onde se encontravam as figuras dos intelectuais de então. Machado de Assis, franzino, de *pince-nez*, metido numa sobrecasaca, à porta da Garnier; Guimarães Passos, de cigarro no canto da boca, costeletas crespas penteadas para a frente, ostentando coletes berrantes; Alberto de Oliveira, hierático, solene, colando as pontas negras dos bigodes; Emilio de Menezes, rotundo, chapelão de abas largas dominando a cabeleira rebelde, a entrar a miude na Pascoal; B. Lopes, grandes calças bombachas, barba como a do Nazareno, lapela florida, levando seu séquito de todos os dias — a Sinhá Flôr, "esguia mameluca, de olhos de amêndoa e tranças de azeviche", e Raul Braga, o infeliz de talento, ébrio do ono inteiro... Uns em pontos costumeiros, outros passeando, outros mais no natural atravessar da rua, caminho obrigatório. Euclydes da Cunha, José Veríssimo, Coelho Neto, Hermes Fontes...

Ali, porém, todos os dias, horas e horas, ia e vinha, pelo meio da rua, Luís Pistarini. Já havia publicado o "Bandolim", coletânea delicada de versos, com todas as ingenuidades e todas as belezas sinceras do lirismo. Pistarini era uma figura diferente das outras, desde o passo leve às roupas pesadas. Às vezes, aparecia fúnebre, de sobrecasaca preta; de outras, era uma grande claridade, desde a cabeleira loura e os olhos azuis ao terno creme e à esvoaçante gravata *lavallière*. Sempre, porém, carregava a bengala, um enorme bengalão que tinha a forma aparente de um báculo e que lhe pendia, indefectivelmente, do braço. No seu convívio, o tempo corria célere, porque ele nos dizia a história de seus versos, a grande verdade de sua poesia emotiva. Desfilava diante de nós toda a sua vida — a mocidade tumultuária, o casamento feliz, a viuvez precoce, a filhinha orfanada. E ele relatava como e por que escrevera estes ou aqueles versos, confidenciando o seu sentido, explicando o mistério de sua poesia íntima. Uma vez, a sua "Ela" iria a um baile, e ele traçou a ardente carta em verso que está no "Bandolim", suplicando-lhe que não fosse...

"Ah! não! Não vás, não vás! Porque se tu te fores,
Eu morrerei de máguia, eu morrerei de dores!"

E Luís Pistarini, de alma voltada para o passado, declarou o que os versos não poderiam dizer: ela não foi ao baile!

Enviando bem cedo — para morrer viuvo — não lhe faltaram aventuras. Sempre, porém, vivia no seu espírito a imagem da esposa morta, razão da sua eterna feição de tristeza. Por isso, de uma feita, ele terminou assim um soneto em que descrevia uma aventura:

"Mas nunca pode ser completo o gozo,
Porquanto alguém, que já não mais existe,
Tem ciume dêste beijo delicioso!

Tem ciume e, cheia de infinita máguia,
Dos céos me exprobra, desolada e triste,
Com os grandes olhos arrasados d'água!"

Um dia, entretanto, Luís Pistarini desapareceu do Rio de Janeiro. Minava-lhe o organismo o mal que o abateria. E ele foi morrer, vendo parlo as águas do Paraíba e, na distância, os recortes do Itatiaia, na Rezende

poética onde tivera berço, num dos mais sugestivos pedaços da terra fluminense.

Da rua do Ouvidor de então ficara-nos outro Luís, filho de Rezende também, também poeta — e bem grande: Luís Murat.

Murat era uma figura imponente. Tinha vaidade do próprio físico e dizia-nos, aproveitando o ensejo para realçar animadversões:

— Veja si eu me comparo ao José Veríssimo! Sou um homem bonito, e ele é um macaco!

Deu-se, de uma feita, um episódio interessante, que vale relembrar. No fim do século passado, teve o Rio uma revista interessante, a "Vida Moderna". Respondiam pela sua redação Olavo Bilac, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Luís Murat e outros. Em uma de suas edições, a revista, que mantinha uma caixa de correspondência, precursora das que depois se tornaram comuns na imprensa, estampou alguma coisa dirigida a Xavier Pinheiro, filho do notável e incomparável tradutor da "Divina Comédia". Uma correspondência violenta e indelicada. Afirmava a redação haver recebido um soneto abominável de Xavier Pinheiro, o qual, para eterna vergonha do autor, era publicado nessa secção. De então por diante, esse soneto passou a ser a agonia inenarrável de Xavier, porque, volta e meia, aqui ou ali, aparecia, como um estigma, o seu primeiro verso: "Cristo sofreu, e a culpa não foi minha"...

O episódio interessante que se deu, de uma feita, foi este:

Murat, que lera naquele dia alguma coisa nossa a reviver estupidamente o soneto infame e a atribuí-lo a Xavier Pinheiro, disse-nos em tom peremptório:

— Você fica proibido de tocar mais nesse soneto!

— Por que?

— Porque não foi o Xavier quem fez o soneto...

— Não foi o Xavier?

— Não!

Depois de um instante de silêncio, Murat continuou:

— Vou fazer-lhe uma confidência... mas você, enquanto eu fôr vivo, não poderá divulgá-la. O autor do soneto sou eu! Fí-lo, num momento de insensatez, para ridicularizar o Xavier. Arrependo-me. Tenho um remorso imenso da ação infame que cometi. E agora, que você já conhece a verdade, fica na obrigação de afirmar que não foi o Xavier quem perpetró aquela indignidade literária, embora não possa apontar o autor...

Passaram-se os anos. Luís Murat não mais existe, e a história pode ser contada.

Dizem-nos, entretanto, que a perfídia não teve um só autor: teve quatorze! Porque quatorze criaturas se ocuparam, uma por uma, dos quatorze versos do soneto. Pode ser que sim e pode ser que não.

A verdade é que recebemos a confidência de alguém que chamou a si toda a responsabilidade da ação condenável.

Conclue-se, todavia, que, si Luís Murat não foi o autor único do soneto, tamanho foi o seu remorso que ele se sentiu com a culpa de todos, na mais estranha compreensão da convivência. Quiz ele, ao menos perante um amigo, penitenciar-se de uma falta que até depois de sua morte ficara ignorada.

Saibam todos agora...

Christiano Fagundes

INTUIÇÃO

conto de
H. J. MAGOG

Tendo acabado de assinar a correspondência do dia, o advogado Lormière perguntou:

— Nada mais?

O secretário apresentou-lhe um caderno de almanaque, cosido no dorso a fio vermelho e de forma sacramental:

— Temos ainda isto. Uma fortuna que vai cair nas mãos duns pobres diabos realmente dignos de que a Providência se compadecesse deles. Falta a derradeira formalidade... Si o sr. Lormière quer ter a bondade...

Na capa côr de salmão lia-se em grossos caracteres "bastardos":
DEMANDA OLIVAIN.

Mas decididamente o advogado não estava disposto a reler aqueles documentos, redigir o epílogo daquela história que terminara, como tantas outras, por lhe valer uma bela vitória profissional. Tinha trabalhado o dia inteiro e a valer. Uma causa que o apaixonava, o obrigara a puxar pela inteligência intensa, por assim dizer violentamente, sobre a papelada confusa. Não, naquele dia, não faria mais coisa alguma! Sentia imensa necessidade de repouso ou de distração. Não fazer nada ou fazer outra coisa. E, bocejando, despediu o secretário:

— Deixemõs isso para amanhã.

Talvez por terem sido espanados, escovados, esfregados durante demasiado tempo e com capricho também excessivo, é que os móveis daquela sala se assemelhavam, dalgum modo, aos vestuários por demais usados e que o tempo veio descorando e adelgaçando. Naquele interior tudo parecia de acôrdo, até as figuras desbotadas e gastas dos dois velhos que o habitavam. E, como em todos os objetos e no próprio ambiente, ainda neles se notava o cuidado da decência e da dignidade ao extremo. Uma economia rigorosa, imposta pela necessidade, fizera até ali durar coisas com o mínimo de despesa e de estrago. Poupar, lutar tenazmente contra a destruição quotidiana e retardar de dia para dia a vitória final da morte — tal, há muito tempo, a regra máxima e a única preocupação do casal Olivain.

A única, não dizemos bem. Havia, com efeito, outra: dissimular a miséria latente e o angustioso esforço empregado para evitar que ela se evidenciasse aos olhos dos outros. E' o caso de muitos anciãos de quem a época desmanchou os cálculos que pareciam tão prudentes, tão seguros, e reduziu a nada as mais metódicas e sólidas economias. Assim se ampliou desmedidamente a classe, entre todas lamentável, dos pobres envergonhados. São infelizes que a queixar-se da sua desdita preferem ir morrendo lentamente, de dia para dia.

Naquela noite o sr. Olivain não se mostrava menos sereno, menos discreto que de costume. E, solidária como sempre, a esposa o acompanhava nos seus pensamentos resignados.

Sim, naquele fim de dia, igual a tantos e tantos outros, tudo na pequenina habitação oferecia o aspecto modesto e asseado de sempre. Olivain e a esposa andavam, por assim dizer, fora da vida. Continuavam no mundo como hóspedes ou visitantes retardados e esquecidos no seu recanto. Quando se retirassem definitivamente, quem lhes daria pela falta?

Pela última vez, a sra. Olivain subiu a curta escada que ligava o quarto do casal às duas peças do rez-do-chão, e foi ter com o marido que a esperava.

— Pronto... disse ela, no tom mais natural dêste mundo. — Está tudo limpo e em perfeita ordem.

— Vamos então descansar... respondeu simplesmente o velho.

Fizeram a sua *toilette* da noite, dobrando e depondo nos lugares competentemente as roupas que iam despindo. A esposa foi a primeira a meter-se na cama. O marido levou ainda algum tempo em arranjos necessários. Tendo envergado um velho chambre, desceu ao pavimento térreo, dirigiu-se à cozinha e, com toda a simplicidade, como quem cumpre qualquer exigência do serviço caseiro, abriu a torneira do gaz.

Depois, no mesmo passo vagaroso e tranquilo, tornou a subir e foi se deitar junto da esposa. Ela o olhou. Ele lhe sorriu.

— Vamos dormir... aconselhou o marido, com extrema doçura.

Inclinou-se para a beijar, apagou a lâmpada e murmurou:

— Boa noite...

— Boa noite... respondeu ela.

Não disseram mais nada. A esposa não fez pergunta alguma, não mostrou extranhar o cheiro de gaz que principiava a invadir o quarto.

Deram-se as mãos silenciosamente e dispuseram-se a adormecer bem lado a lado...

Nisto, retiniu a campainha da porta. Ambos ergueram o busto, surpreendidos, alarmados com aquele ruido que estavam tão longe de esperar...

— Quem será?

— Valerá a pena ir ver?

— Realmente, agora, para que?

— Mas... quem sabe?

— Sim, em todo o caso...

O secretário do advogado Lormière poz-lhe em frente os mesmos papeis da véspera:

— Aquí está, sr. Lormière... Mas agora não é caso de tanta pressa. Os velhos Olivain estão já informados do ganho desta demanda de que há muito haviam perdido a esperança...

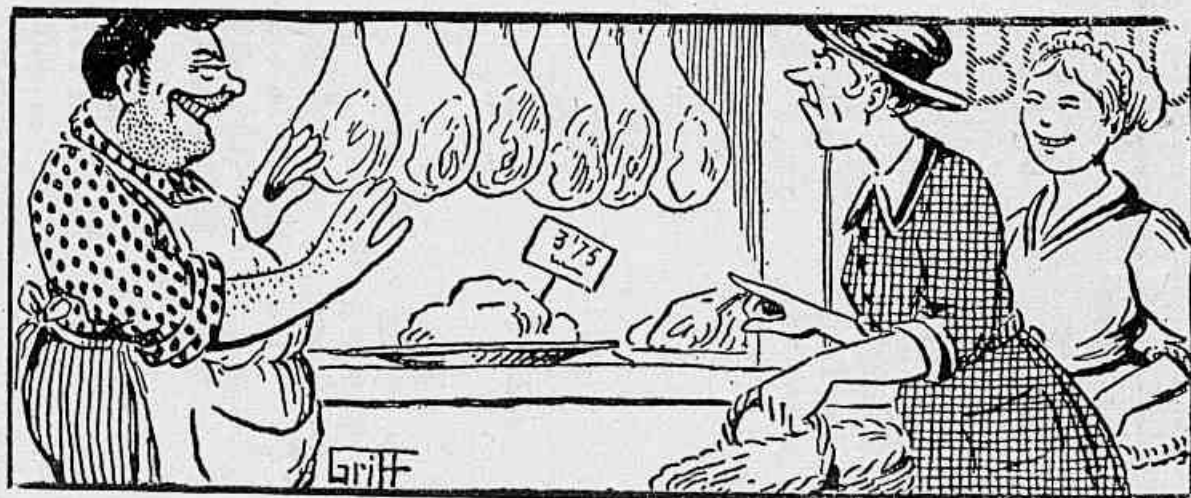
— Mas... Como assim? interrogou o causídico, admirado.

O secretário sorriu levemente, explicou:

— Cedendo a uma intuição, uma espécie de pressentimento, nem sei bem a que, fui hontem a casa deles, para lhes dar a boa nova. Imagine o senhor que tinham aberto a torneira do gaz, para... A miséria, sabe o senhor? A miséria escondida a todo o custo, como se fôra a maior das vergonhas... Tinha resolvido desaparecer. Agora, já não pensam nisso. Mas imagine o senhor que encontrava nos jornais desta manhã a notícia do duplo suicídio. Como se arrependeria daquele adiamento de hontem...

Lormière empalidecera. Tomou a mão do secretário e apertou-a com força:

— Nunca me perdoaria a mim próprio. Obrigado, meu amigo, muito obrigado!



NO AÇOUGUE

— Essas pernas? São tão macias umas como as outras!... Todas as seis são do mesmo carneiro!

Teatro Municipal

O maestro Albert Wolf, que fôra contratado pela Prefeitura para dirigir a série de concertos sinfônicos, apresentou-nos no dia 17 do corrente o 2.º concerto de assinatura.

O programa desse concerto não foi tão bem executado quanto o do concerto passado. A Overture do "Oberon", que abriu o programa, teve algumas imperfeições. O primeiro tempo, que aliás é ótimo musicista, não executou com segurança o solo com que Weber inicia sua famosa Overture.

A Procissão Noturna, de Henri Rabaud, um dos mais belos trabalhos sinfônicos que conhecemos foi, não só bem executada, como esplendidamente interpretada pelo maestro Wolf. Embora seja Rabaud um dos maiores compositores franceses, suas obras maravilhosas, como a que ouvimos naquela noite, são quase desconhecidas no Brasil.

Por que? E' esse, outro enigma do ambiente musical brasileiro. Quando acharmos o porquê, procuraremos responder a essa pergunta.

O Imbapára, do nosso Lorenzo Fernandez, teve primorosa interpretação e execução. Esse trabalho, que reputo o melhor do ilustre compositor brasileiro da moderna geração, tem sido sacrificadíssimo pelas nossas orquestras e pelos nossos "regentes". Wolf deu-nos um Imbapára como ele realmente é.

Não nos agradou, porém, a execução de "Pacific 231", assim como não nos pareceu das melhores a interpretação de Albert Wolf. Preferimos a de Honneger, que conhecemos através do disco. Esta, sim, faz-nos crêr estermos deante de uma pesada locomotiva em seu estado de repouso, em seu esforço de partida e em seu progresso de velocidade, como pretendeu descrever o autor. A Orquestra Municipal não compreendeu a obra. Esse fôto só pode ser atribuído á falta de ensaios.

Berlioz foi sacrificado com a sua bela "Sinfonia Fantástica". Colocaram-na no fim do programa, quando o publico já estava cansadíssimo. Além de pouco tocado entre nós, Berlioz sofreu mais esta injustiça. Não foi ouvido com o necessario interesse. Estamos certos de que, se o maestro Wolf conhecesse o publico carioca, não teria colocado a Sinfonia do Mestre francês no final do programa. A execução não foi das mais perfeitas. Aí ficam as nossas impressões sobre o 2.º concerto da série oficial.

SOCIEDADE OTECA

Acaba de ser fundada na capital da Republica, por um grupo de artistas dos mais conhecidos no cenário musical do Rio, taes como: Iberê Gomes Grosso, Oscar Borgerth, Nelson Cintra e Arnaldo Estrela, uma sociedade de organização técnica, de expansão comercial e



Grupo feito por ocasião da inauguração da Sociedade OTECA

artística, seguindo o exemplo do que existe ha longos anos na Europa e America do Norte. A novel Sociedade, cuja falta já se fazia sentir no Brasil como eu mesmo o disse alhures, facilita o trabalho dos artistas ou das pessoas que desejam organizar concertos ou espetáculos, encarregando-se mediante combinação com as partes interessadas: a) do aluguel do local para o concerto ou espetáculo; b) de sua publicidade por meio de cartazes, prospectos, anuncios nos jornais e nas estações de radio; c) da impressão dos programas e demais providencias relacionadas com o concerto ou espetáculo.

Esperamos que a Oteca encontre no Rio e no país inteiro campo propício para as suas utilissimas expansões e realizações artisticas, como idearam os seus fundadores, ilustres por muitos titulos.

A Oteca vencerá, porque sua fundação foi longamente debatida, e mais ainda porque nasceu de um rasgo de artistas, orientados por Alfredo Gomes Grosso, que é muito entendido em finanças.

A parte comercial da organização está, pois, otimamente entregue. Tudo nos faz crêr que vencerá.

MAGDALENA TAGLIAFERRO

A insigne virtuose patricia, Magaalena Tagliaferro, que tantos sucessos obteve no velho mundo dos bons tempos, a ponto de ser nomeada professora de piano do Conservatório de Paris, acaba de ser contratada pelo Governo para dar um curso de interpretação e alta vir-

Até o Genio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de molestias graves, que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ella, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martirio!

Para evitar e tratar estes padecimentos e as complicações internas perigosas ou inflamação do Utero, use **Regulador Gesteira**.

O Melhor Tratamento é usar **Regulador Gesteira**

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dores da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

tuosidade, que já teve inicio, com grande exito, na Escola Nacional de Musica da Universidade do Brasil.

Muito podem lucrar os professores e pianistas brasileiros com esse curso dado pela segunda vez em nosso país.

O Governo brasileiro dá mais uma vez demonstração cabal de que a educação artistica do nosso povo não lhe é indiferente. Cabe-nos aproveitar a iniciativa, tirando das lições da ilustre mestra, o maximo proveito.

Magdalena Tagliaferro não se limita a dar apenas esse curso de extensão universitária: continua sua brilhante carreira como pianista. Assim é que realizou no dia 19 de Abril, no Teatro Municipal, um recital, cujo programa constou das seguintes obras: 3 Sonatas, de Scarlatti; Momento Musical e Improviso em sol maior, de Schubert; Suite de Mignone; Preludio Coral e Fuga, de Cezar Franck; Jarantela, Noturno, Duas Valsas, Dois Estudos, de Chopin.

Tagliaferro emprestou a todas as obras do programa interpretação digna do seu glorioso nome.

Recebeu, pois, a justa consagração da culta platêa carioca, que enchia o teatro de mar-more da Praça Marechal Floriano.

A Suite de Mignone foi-nos dado ouvir em primeira audição.

E' um dos peores trabalhos do compositor brasileiro. Sem originalidade e sem beleza. A harmonização é insuportavel. Antes de terminar o primeiro tempo intitulado: No Mercado dos Escravos, o publico não suportava mais. A impressão que nos causou foi bastante desagradavel. O segundo tempo melhora um pouco, mas não tem nenhuma originalidade. Os verdadeiros autores eram reconhecidos a cada passo; o mesmo acontece com o terceiro tempo. Emfim, não compreendo porque Tagliaferro, que é uma artista refinée, habituada naquele ambiente parisiense repleto de finura e de bom gosto, incluiu no programa uma obra assim.

O recital de Tagliaferro faz parte integrante da temporada oficial da Prefeitura.

O CAMPONIO E O TIGRE

Nos *Cuentos e Cantares Antioqueños*, de Januário Henao, vem esta ingênua mas divertida historietta:

Um campônio pergunta a outro, com toda a seriedade:

— Que faria você se visse um tigre prestes a atacá-lo?

— Dava-lhe um tiro.

— E se não tivesse arma?

— Defendia-me dele a cacete.

— E se lhe faltasse o cacete?

— Atirava-lhe uma pedra.

— E se não encontrasse a pedra?

— Trepava a uma árvore.

— E se não houvesse árvore ali perto?

O interrogado olha o outro um momento com desconfiança e pergunta por sua vez:

— Homem, será que você quer mesmo que o tigre me coma?

Nos Sertões Nordestinos

O primeiro colégio do Cariri Velho

Celso Mariz



Onde foi o Colégio Brandão (Aspecto atual)

O cliché representa as casas ainda existentes onde em 1866 se fundava o primeiro colégio de ensino secundário no sertão dos Cariris Velhos, da Paraíba. Aliás, um dos mais antigos que teve a província nordestina. Na capital houvera, no tempo da colônia, os cursos dos jesui-

tas e dos beneditinos, ministrando, além do primário, o latim e algumas outras matérias mais interessantes á religião. Poucos anos depois de instalado o curso juridico do Recife, que abria facilidades novas aos mōços da região, os govērnos locais passaram a cuidar de uma organização preparatória dos filhos da terra. Em 1831 se crearam as cadeiras de Filosofia Racional e Moral, Retórica, Geografia, História e Francês. O ato foi assinado por José Thomaz Nabuco de Araújo, avô de Joaquim Nabuco, então na presidência da província. Em 1836 o presidente Manoel Maria Carneiro da Cunha, juntando áqueles elementos as cadeiras de Latim e Matemáticas, fundou definitivamente o Liceu Paraibano. O Latim já existia dantes em cadeiras isoladas, por onde se aprendia o português. A criação da disciplina no curso secundário obedecia ao vulto do programa impōsto pelos estudos superiores.

O Liceu foi unico, no ensino de seu grau intermediário, em toda a Província, até 1842, quando um rapaz de 18 anos abre um pequeno curso em Pilar. No ano seguinte, o padre Rolim inicia o seu famoso colégio de Cajazeiras. Na década de 1850 a 1860, outro curso é fundado em Areia — este, como o de Pilar, para o ensino de poucas matérias, sobrepujando o Latim, de que os diretores eram mestres oficiais. O colégio de S. João do Cariri teve maior importância, tanto sob o aspecto do esforço, em meio mais ingrato, como no tocante á extensão do ensino, pelo numero das disciplinas. O fundador foi o bacharel Francisco Aprigio de Vasconcelos Brandão, avô paterno do grande jornalista contemporaneo Assis Chateaubriand. O pai deste, dr. Francisco Chateaubriand, e outro irmão médico adotaram o sobrenome Bandeira de Melo, um ramo da familia do velho, em cujo meio foram educar-se, em Pernambuco.

O dr. Vasconcelos Brandão nasceu no municipio de Pilar e ali se iniciara,

provavelmente, na escola daquêle professor de 18 anos, que foi o latinista Demétrio Tolêdo.

Ainda academico tivera assento na Assembléa Legislativa provincial, eleito pelo chamado Partido Conservador.

O dr. Brandão formou-se em Direito no Recife, em 1854, e foi atraído á velha comarca do Cariri, onde se ligou pelo casamento a uma ilustre e poderosa familia, entregando-se ao magistério e á advocacia. Sua casa de educação ganhou logo a justa fama que a competencia e a eloquencia do professor autorizavam. De um largo raio de familias sertanejas acorreram alunos ao instituto. As matriculas anuais excediam a 40 alunos. Vários foram os que aí tiveram o impulso providencial, sem o que não teriam chegado aos cursos superiores. Muitos dentre os discipulos do dr. Francisco Aprigio de Vasconcelos Brandão, médicos, bachareis ou mesmo sem titulo acadêmico, figuram mais tarde com relêvo na sociedade, na politica e nas letras da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

O ilustre professor paraibano acabou seus dias na cidade de Jardim do Seridó para onde se transferiu em 1878, lá exercendo cargos publicos, mas sempre ensinando, que o magistério era o verdadeiro pendor daquêle espirito.

S. João do Cariri, seu primitivo centro de ação educativa, fica no meio dos sertões mais amiadada e intensamente batidos pelas secas. O sólo em torno é bastante escaldado e pedregoso. Acêrca de 600 metros acima do nivel do mar, na chapada da Borborêma, seu clima é delicioso pelo inverno e os verões duros, de poeira e secura ambiente, não lhe roubam toda a suavidade das noites. Já hoje uma barragem de agua doce lhe ameniza melhor o ar e a paisagem. No tempo do dr. Brandão era o Taperoá, com seu leito arenoso e os pōços fundos, o unico banheiro e bebedouro do povo.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio. Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma ação certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

ANECDOTAS ANTIGAS

Um dia, em Potsdam, Frederico II ouviu do seu gabinete grande barulho vindo da rua: chamou um official para que fosse informar-se da causa daquêle tumulto. Voltou este dizendo que era devido a um placard muito injurioso para com Sua Majestade, que tinham pregado muito alto na parede: uma multidão de curiosos procurava anciosamente lê-lo.

— Mas a guarda, acrescentou elle, está providenciando para dispersal-a.

— Que não faça tal, respondeu o rei. Mande colocar o placard mais baixo, para que todos possam ler á vontade.

A ordem foi executada; poucos minutos depois, não se falava mais no placard mas foi sempre citado o espirito do monarca.

♦♦♦

Literatos, reunidos na casa de madame de Forgeville, discorriam animadamente e a palavra filosofia era pronunciada a todo o momento. A dona da casa interrompeu-os para perguntar-lhes que beneficios tinham feito á humanidade os filosofos do século, que ela tanto ouvia gabar. D'Alembert respondeu-lhe:

— Senhora, eles derrubaram a floresta dos preconceitos.

— Agora estou compreendendo, disse ela sorrindo, porque vocês espalham tantos fagots (lenha miuda, frioleiras).

Tudo o que é fácil de fazer mediocremente é difficilimo de executar com perfeição: viver, por exemplo.

Bastos Tigre.

SONO TRANQUILO



Quando o sistema nervoso funciona normalmente, o sono vem rapido e decorre tranquilo, povoado de sonhos agradaveis. Se qualquer motivo fisico ou moral vem perturbar a normalidade dos nervos, um ou dois comprimidos de ADALINA bastam para restituir-lhes a calma. Pode-se, então, dormir naturalmente, dando ao organismo o suave repouso de que ele necessita. ADALINA não prejudica orgão algum.

ADALINA
BAYER
CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

SANTOS DA SEMANA

M A I O

10

Santo Antonino. — Arcebispo de Florença, foi cognominado o **Conseheiro**, em razão dos seus conselhos, que prodigalizava tanto como o dinheiro.

De uma caridade infinita, fundou um estabelecimento destinado a suavizar a vida dos pobres vergonhosos. Após haver assistido aos últimos momentos de Eugênio IV, morreu em Florença em 1459, com setenta anos de idade.

— **Santa Solange.** — Pastorinha nascida na aldeia de Villemont, perto de Bourges, e assassinada por Bernardo, conde de Bourges, o qual, depois de havê-la perseguido muito tempo com suas assiduidades, e vendo-se definitivamente repellido por ela, lhe cortou a cabeça num momento de exasperação, em 880.

11

São Mamerto. — Bispo de Viena, no Delphinado. Instituiu as Rogações, para aplacar a cólera divina. Morreu em 475, após haver assistido ao concílio de Arles.

— **Santa Flávia Domitila.** — Nobre dama romana, parenta próxima do imperador Domiciano, morta nas chamas de sua casa incendiada, para satisfação vingativa de Aureliano, pretendente repellido. (século II).

12

Santo Epifânio de Salamina. — Nasceu em 315, aproximadamente. Visitou o Egito e fundou depois um mosteiro em Eleuterópolis. Foi escolhido, em 367, para bispo de Constância, a antiga Salamina. Celebrizou-se nas lutas contra a heresia e morreu em 413, no decurso de uma viagem a Roma.

— **Santa Ritrudes.** — Viuva de Santo Adalbaldo, fundou o convento de Marchiennes, onde morreu em 688, após um governo de quarenta anos.

13

São João, o Silenciário. — Nasceu em Nicópolis. Tornado órfão, viu-se possuidor de uma grande fortuna, que empregou na construção de uma igreja e de um convento. Surpreendeu seus companheiros pela humildade e amor ao silêncio. Nomeado bispo de Colonia, perto de Constantinopla, demitiu-se ao cabo de poucos anos, para viver na solidão (454-558).

— **Santa Glicéria.** — Virgem romana, martirizada em Heracléia, no reinado do imperador Antonino, no século IV.

14

São Pacômio. — Nasceu na Thebaida em 202 e, tornando-se soldado pagão, ficou de tal modo maravilhado com a caridade dos cristãos que se converteu e se retirou para um convento. Teve grande influencia sobre o próximo e angariou numerosos prosélitos. Morreu aos cento e dez anos de idade.

— **Santa Edith.** — Filha do rei Edgard, da Inglaterra. Recusou a corôa e morreu como religiosa no convento de Witton.

15

São João Nepomuceno. — Nasceu na Boêmia em 1330. Foi cônego de Praga e esmolér do imperador Wenceslau. Tendo recusado, terminantemente, a esse príncipe revelar-lhe a confissão da imperatriz Joana, sua mulher, foi torturado e, por fim, afogado no Moldau. É um dos padroeiros da Boêmia.

— **Santa Dionisia.** — Jovem virgem de Lampsaque, no Helioponto, que, recusando sacrificar aos ídolos, sofreu o martírio durante a cruel perseguição de Dêcio (250). Tinha apenas dezesseis anos.

16

São Peregrino. — Cidadão de Roma elevado pelo papa Xisto II à dignidade de bispo e mandado por ele à Gallia, para prégá-la fé. Tendo querido destruir os ídolos que os habitantes de Auxerre adoravam, foi lapidado e, por fim, decapitado.

— **Santa Germana.** — Órfã, pobre e doente, da diocese de Toulouse, ergueu-se a uma eminente santidade na humilde ocupação de guarda de rebanho. Morreu aos vinte e dois anos, em 1601. Operou vários milagres.



Quando estiveram em a nossa cidade, honrando-a com as suas presenças, o caricaturista Raul Pederneras e o cronista Ruben Gill, numa reunião no afidalgado "Império", eu, o dr. Rinaldo, o reporter Hervé e o teatrólogo Tinoco, ao tempo que saboreávamos finos licores, comentámos acerca das correntes estéticas, ora em voga, no ambito

ESMALTE
Lalaque

Nas cores

BRANCO
ROSA NATURAL
ROSA RUBRA
ROSA CORAL
ROSA ANTIGO
CARDINAL
RUBY
CYCLAMEN
GRENAT

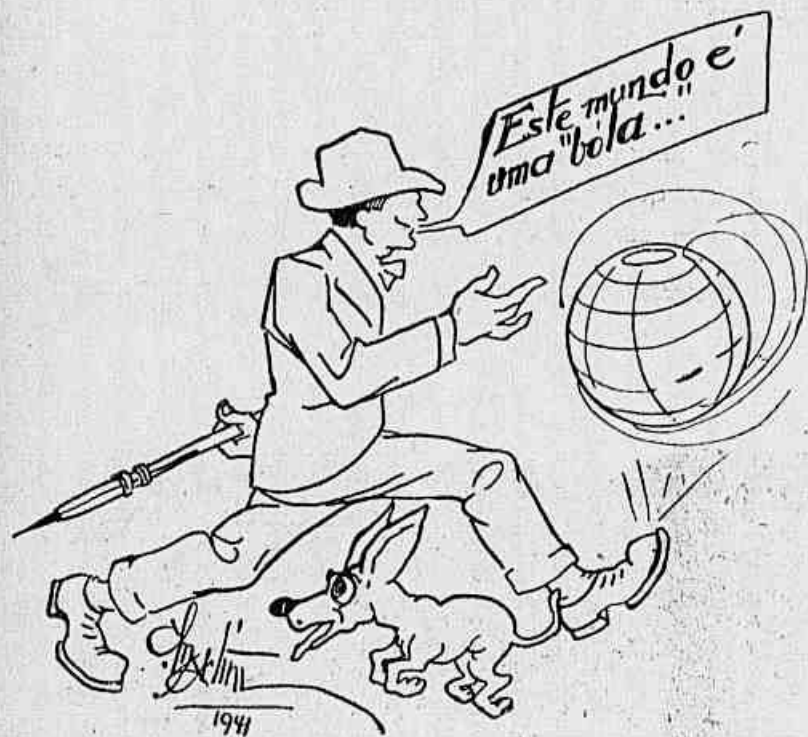
Com o novo esmalte Lalaque
suas unhas brilham como joias!
Dura mais e custa menos!

A venda em todo o Brasil

do setor pictural. O dr. Rinaldo, com uns quais pendores estéticos, "*par droit de naissance et de conquête*", investia, armado cavaleiro, contra os cânones do classicismo.

Para o jovem escultor, *doublé* de crítico, nada valia Da Vinci, nem nada, também, a inigualável "La Gioconda" — "Mona Lisa", com aquele sorriso de esfinge, em que o êxtase transparece numa vaga reticência de pecado. Modernista até à medula, com uma visão unilateral do panorama multiforme da pintura mundial, o jovem discípulo de Hipócrates perdia o senso da realidade, e só admitia a arte como expressão metafísica, e não como palpitante expressão da realidade creadora.

Rejeitava os finos aquarelistas da Inglaterra, e Oscar Wilde, o paradoxal autor de "De profundis", que queria que a natureza imitasse a arte, de nada servia de amparo à minha argumentação em prol do classicismo. Isto quer dizer que a Natureza é pitoresca e não linear, que ela cria e renova sempre as suas formas, mesmo no elemento floral, de onde se evi-



dência que o pitoresco é o irregular, o inexacto, e não o linear, o geométrico, cuja forma é una, absoluta, e a Perfeição deve ser o inatingível... Realmente, a Natureza, mãe creadora, imita, no laboratório fecundo das suas entranhas, as formas múltiplas da arte, e o artista, por um processo de afinidades eletivas, imita, por sua vez, a natureza, dando-lhe, porém, o *quantum* da sua personalidade, imprimindo-lhe certa originalidade, o que, no dizer de Vargas Vila, caracteriza o artista. Daí, certamente, as diversas correntes estéticas que atormentam a ansia do artista, eternamente impotente para crear *algo de nuevo*. Entretanto, o dr. Rinaldo, que fez o Raul e o Gill alastarem-se, já não se contentava com a guerra aos clássicos da pintura, ia além: — apostrofava toda a arquitetura grega, e elevava, num panegírico de apoteose, a arquitetura moderna dos arranha-céus! Falei-lhe da harmonia repousada da linha curva; da elegância e nobreza das ogivas; da policromia de arco-íris das rosáceas; das

colunas gregas com capiteis estilizados em acanto; das cariátides sustentando a arquitrave; dos tímpanos guardando no losango motivos eternos de arte! — Nada. Para ele, o *habitar* era uma vaga necessidade, um processo de progressiva concentração demográfica...

Pedi-lhe que voltássemos ao tema inicial: — a pintura.

Fiz-lhe ver que o classicismo, as linhas mestras permanecem intactas ainda, em que pese à iconoclastia dos rebeldes, que procuram negá-lo. Confundem, assim, técnica, elemento superficial, acessório, com os "cânones" da arte, que é a transubstanciação do gênio, através das formas exteriores do poder *createur*, na definição de Ricardo Bampi, o esteta da Paulicéia.

No fundo, o que permanece apreciável, na pintura modernista, são os elementos oriundos de certos resquícios de equilíbrio e perfeição no debuxar as formas das figuras e das coisas.

Arte arbitrária, negadora dos modelos clássicos, revolucionária, são manifestações mórbidas, esquizofrênicas, meningíticas, paranóicas, a menos que sejam produto de uma genialidade, o que não leem os *soi-disant* modernistas, creadores de mostrengos e *botas*, que são rebentos malsãos de uma teratologia.

Arte não pode ser expressão de tempo e sim de eternidade!

Não há arte antiga nem moderna: — resta somente a Arte!

Picasso, pintor de gênio, na ansia de crear *algo de nuevo*, só é grande nas expressões de sua arte moderna, porque tem talento e cultura clássicos. É um espírito insatisfeito evoluindo no prisma do pitoresco a sua ansia impotente de crear *algo de nuevo*. "Os músicos" é uma tela bizarra, diferente, mas clássica na essência linear das linhas e no *leit-motiv*, o velhíssimo trio carnavalesco.

O nosso Portinari, que há perustrado várias escolas, até o primitivismo, fixou-se agora nas correntes modernistas, mas a sua *pintura*, como técnica, não conseguiu emancipar-se dos moldes clássicos, e o lado poético é plebeu, muito *terra a terra*, sem os vãos altos do anseio metafísico, o que torna a arte um produto da divindade. O artista brasileiro tem talento, mas a sua arte, como bem notou Murilo Mendes, salvo uns inexplicáveis aleijões onatômicos, é simplesmente clássica, nos seus planos, nas linhas de perspectiva e nas massas do colorido, com os valores muito bem medidos, como no "Malhação de Judas", velhíssimo motivo do ciclo bíblico, com uns claros-escuros a lembrarem Rembrandt...

Marinetti, um cabotino inteligente, escusou-se à responsabilidade, creando uma arte futura, como si fosse possível antecipar-se na história da humanidade.

A "Gioconda" é um quadro burguês, sem originalidade, sem artifícios, sem escândalo. Mas que de humanismo, equilíbrio e perfeição tem aquela plácida figura repousada, em que Da Vinci imprimiu o melhor do seu gênio e do seu carinho!

O peninsular genial buscou a perfeição na beleza, que é uma *promessa de felicidade*, segundo Stendhal.

Mutatis mutandis, o artista copia a vida e a vida imita a arte. Que abraço fraternal há nesse enleio em que o

homem e o cosmos se casam num espasmo fecundo e divino! E veem agora os modernistas, creando *maneiras*, simples *maneiras*, de fixar a beleza, sem o conseguir, todavia!... As telas de Murilo, de Velasquez, de Tintoretto, de Rembrandt, de Da Vinci, de Delacroix, nos museus do Prado, no Louvre, nas galerias "degli Uffizi", são ainda atestados eloquentes e eternos de quanto valem as produções da humanidade clássica, que enchem de glória toda a humanidade. E o "Menino Azul", nas galerias inglesas? E as estátuas de Canova, como aquele nú perfeito, com certo laivo de escândalo, que lembra as formas da



duquesa de Borghese, que foi indistigavelmente amante do artista?

Isso tudo eu trouxe à coleção; mas o jovem escultor não quiz dar-se por vencido.

O reporter Hervé saiu para fazer uma visita cordial; o teatrólogo Tinoco para retocar a sua última peça; o meu ilustre opositor para recitar uns sinapismos de poejo, e eu voltei, triste e vencido, para escrever estas variações.

Que pena eu não entender de *foot-ball*!...

André Martin

Da Academia Campista de Letras

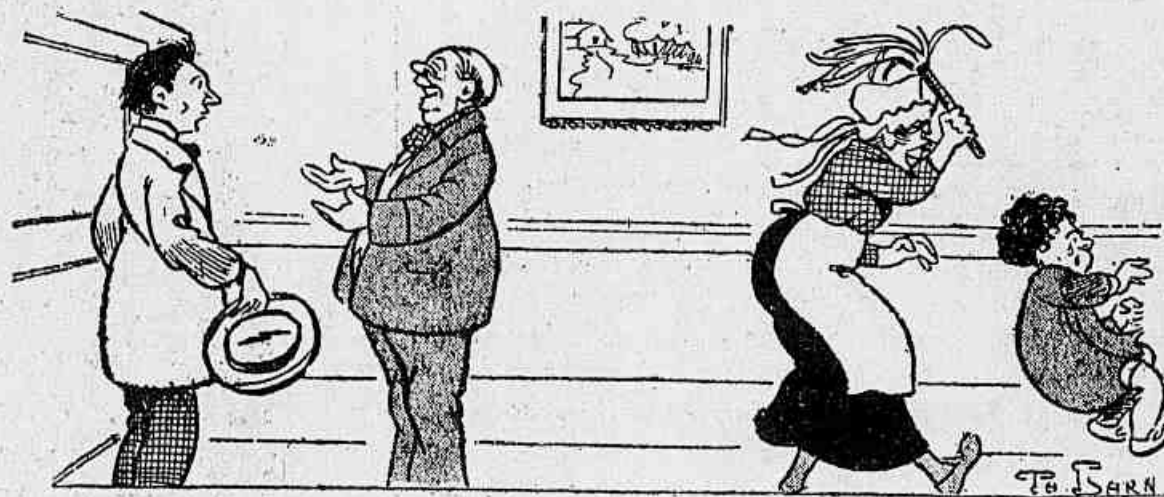
Larga-me!... Deixa-me gritar!...



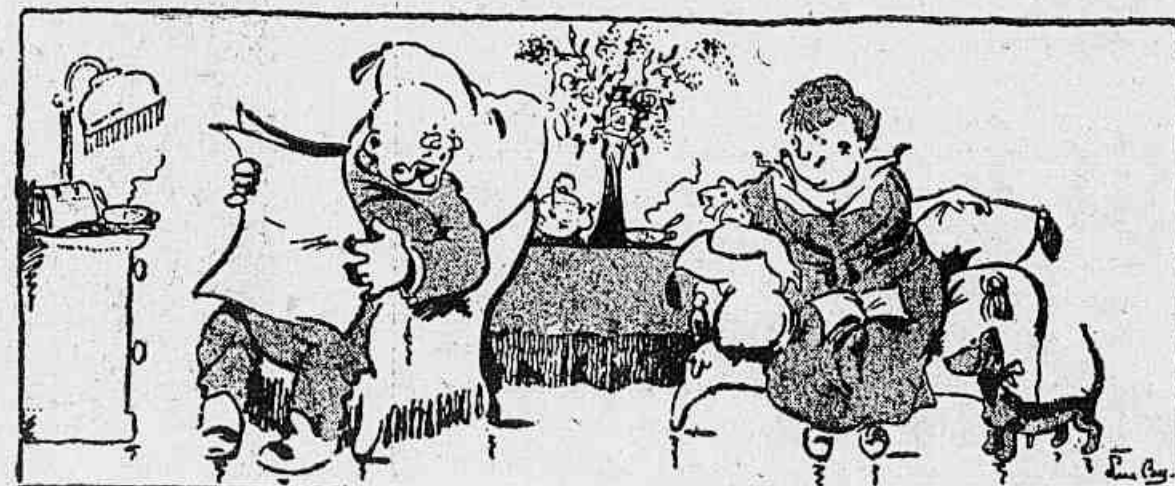
Xarope São João

É INDICADO PARA TOSSE E DOENÇAS DO PEITO

Com o seu uso regular: 1 — A tosse cessa rapidamente. 2 — As gripes, constipações ou defluxos cedem, e com ellas as dores do peito e das costas. 3 — Aliviam-se prontamente as crises (aflições) dos asmáticos e os acessos da coqueluche, tornando-se mais ampla e suave a respiração. 4 — As bronquites cedem suavemente, assim como as inflamações da garganta. 5 — A insônia, a febre e os suores noturnos desaparecem. 6 — Acentuam-se as forças e normalizam-se as funções dos órgãos respiratórios.



— Aqui o senhor será bem vindo, meu caro, e tratado como filho da casa...



Ele: — Eu, quando um de nós dois morrer, irei viver na roça...
Ela: — Oh! eu... eu casarei outra vez!...

NOTRE DAME

de
PARIS

A CASA QUE MAIS BARATO
VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO

A NOTRE DAME é a casa que já se tornou tradicional pelo capricho com que organiza os seus sortimentos.

A NOTRE DAME constituiu-se a verdadeira Cathedral da Moda, onde tudo é beleza, encanto e deslumbramento: SEDAS, TECIDOS FINOS, LINGERIE, VESTIDOS PARA CRIANÇAS, ROUPAS DE CAMA E MESA representam a ultima palavra em qualidade e modernismo.

A NOTRE DAME tornou-se a casa preferida das Exmas. Familias porque concilia a superioridade dos seus artigos á modestia dos seus preços, accessiveis a todas as classes sociaes.

SEDAS finissimas

SEDAS autenticas

SEDAS modernissimas

SEDAS de côres e padrões originaes e exclusivas.

VISITEM A

NOTRE DAME

OUVIDOR, 182-188

Mils
Rio 41

Para
**SENTIR-SE
BEM...**



e ter
**ASPECTO
SAUDAVEL**

peça auxilio do
TONICO BAYER
que enriquece o
sangue e fortifi-
ca o organismo.

Vendido
em vidros
de dois
tamanhos



Tonifique-se com

**TONICO
BAYER**

tonico poderoso
de sabor delicioso

PENSAMENTOS

As épocas da nossa vida não estão nos
fatos visíveis, mas nos pensamentos silen-
ciosos que, á medida que avançamos, acom-
panham-nos.

♦♦♦

Estou certo de que, assim como se exer-
citam os musculos para obter e manter
boa compleição fisica, deve-se exercitar
a vontade para obter e manter firme a
consciência moral.

Renato Kehl.



Cantigas



*Quero fugir-te, mas não pôsso, ó "virgem,"
Pois sou cativo de um poder sublime...*



*A primavera passa e depois volta,
E a mocidade não nos volta mais...*



*Hi adeus! Acabaram-se os dias
Que, ditoso, vivi á teu lado...*



*Onde é que ela mora, onde é que ela habita,
Não quero, não pôsso, não devo contar...*

EXTRACTO Nº 1015 c/cx.
Nº 1017 c/cx.

ROUGE Nº 1067-A
Nº 1067-C

BATON Nº 1068

BRILHANTINA Nº 1012

SABONETE Nº 1080
NOS PERFUMES!
ORYGAM
FOUGÈRE
CHYPRE
COLONIA
LAVANDE

PO' Nº 1050
Nº 1051

LOÇÃO Nº 1020
Nº 1021
Nº 1022

EXTRACTO Nº 1016 - S/cx.
Nº 1016 - C/cx.
Nº 1016 - M

CREME Nº 1014

COLONIA Nº 1003
Nº 1004

LAVANDE Nº 1006
Nº 1008 - F

ORYGAM de GALLY

QUALIDADE, LUXO E FINO GÔSTO
são as características desta coleção de elite.
PERFUME SUAVE E PERSISTENTE

A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

Saber receber

Ser afável, alegre, esquecer completamente os aborrecimentos e as pequenas questões familiares é o primeiro dos deveres para com os hóspedes. Não fazer observações às crianças, nem aos criados. Sorrir mesmo que lhe custe muito quando alguém entornar vinho na preciosa toalha bordada. Para consolo lembrar-se que um sorriso mesmo quando é heroico embeleza.

Sorrir ainda e conservar a calma se os pratos não vierem para a mesa tão depressa como desejava. Os convidados não perceberão a falta de rapidez no serviço se uma conversa animada a dissimula; não tenha a imprudência de chamar a sua atenção por movimento de impaciência. Mas antes da refeição, determinar os menores detalhes, chamar a atenção da cozinheira e da copeira para os pratos que não podem esperar, tal como o soufflé, que não pôde ser servido um minuto mais cedo nem um minuto mais tarde.

"MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!"



MENTHOLATUM
É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.

PROPORCIONA ALÍVIO RÁPIDO

Enfeitar a mesa e a casa. — A mesa deve ser alegre, mas não sobrecarregada. Não acumule, em altura, pirâmides de

flôres nem de frutas. Pequenos vasos ou um grande no centro, mas muito baixos. Candelabros de prata ou de cristal são

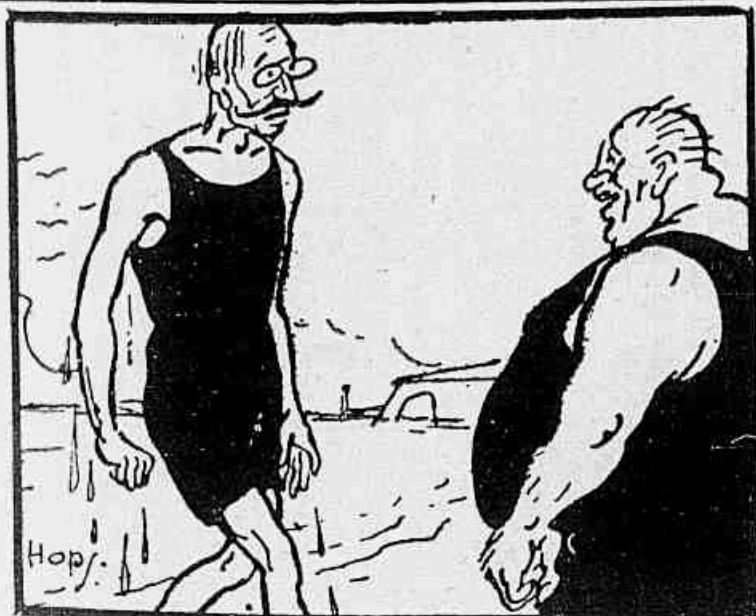
uma guarnição muito delicada e luxuosa para a mesa.

Sobre os moveis, nos vasos, flôres de uma só qualidade, cravos ou rosas, nunca flôres de perfume muito forte.

Procurar fazer brilhar os convidados, nunca pôr uma toilette muito elegante, um vestido singelo para não desmerecer as toilettes das convidadas. Procurar fazer cada pessoa falar sobre o que a interessa: o viajante sobre as suas viagens, o musico sobre a sua musica, é interessante para ele, assim como para os outros. Evitar os assuntos perigosos: a guerra, cada um tendo as suas simpatias, e sendo mais ou menos apaixonado, não se conservará amena a conversa, mesmo entre pessoas que se julgam educadas, a maioria não admite que os que não pensam como eles, não mudem de opinião com os seus argumentos.

Não se esquecer de colocar na sua mesa de toilette: pente, grampos e alfinetes, enfim tudo que é indispensável às faceiras.

Quando a conversa não está animada, invente jogos, faça dançar, procure alguém que sabe contar anedotas. Mas não forcem aqueles que preferem ficar quietos a dançar ou a brincar.



BONS CONSELHOS

— Meu médico aconselhou-me o banho para emagrecer.
— E o meu, para engordar.



— Imagine cavalheiro, que eu o havia tomado por um ladrão...
— Foi como eu que, quando o senhor subiu, o tomei por um assassino!



— Não tem, ao menos, algum papel de identidade? Uma lista de familia, certidão de nascimento... a sua certidão de óbito...?

LIVROS NOVOS

DEUSES DE BARRO, romance de Lloyd C. Douglas, tradução de Dinah Silveira de Queiroz — Livraria José Olympio, editora, Rio de Janeiro, 1941.

É esta uma das mais profundas e emocionantes histórias com que a produção literária dos Estados Unidos está abarrotando as nossas livrarias. Não se trata agora do problema dum homem e uma mulher que, desde o momento de se encontrarem, gostam um do outro e levam quatrocentas páginas ou hora e meia de projeção a fazer, num jogo insensato de vaidades, desaforos um ao outro. **Deuses de Barro** afastam-se desse assunto em que se inspiram seguramente oitenta por cento dos romances e dos filmes norte-americanos. Aqui se nos apresenta a luta de dois homens, mestre e discípulo, o primeiro orgulhoso e incréu, irritado com a vida, com os seus semelhantes, com a própria ciência que, na pessoa dum médico desastrado, lhe assassinou outrora a noiva — o outro cheio de energia, de esperança, de generosidade de carácter e de sentimento. Naturalmente os dois homens começam por se odiar, mas desde logo também se prezam a inteligência e acabam compreendendo-se por completo para o desfecho clássico ditoso.

A sra. Dinah Silveira de Queiroz traduziu este romance no seu estilo vivaz e atual, em que se multiplicam as formas e as expressões, se não corretas pelo menos correntes.

AU FOND DU COEUR, poesias de Beatrix Reynal — Pongetti, Rio de Janeiro, 1941.

A sra. Beatrix Reynal é uma poetiza que — como o sr. Guilherme de Almeida recentemente dizia doutro rimador — faz versos. Nos tempos que correm, tão singela definição indica uma raridade e vale, por si só, um louvor. Mas a autora destes poemas merece mais positivo e alto elogio. Em verdade, ela faz versos de fino lavor e rica essência comunicativa. A sensibilidade da poetiza traduz-se no engenho e no esmero duma verdadeira artista. Os seus versos percorrem todos os metros, ora assumindo a forma ligeira, caprichosa, ondeante dum Banville, ora fremente de intimidade emotiva como os de Albert Samain — e terminando na largueza magnífica do alexandrino. Nessa variedade de inspirações e de formas sempre o nosso espírito se deleita. E há composições que dão realmente vontade de as decorarmos, como, pela singeleza, a espontaneidade e a clara eloquência, as quadras que se intitulam *J'aime la mer*:

*J'aime la mer bleue et profonde,
Ses bonds joyeux et ses tourments,
J'aime ses longs gémissements
Et l'écume blanche de l'onde.*

*J'aime son air mystérieux,
Son air câlin plein de promesses,
La morsure de ses caresses,
Et son appel silencieux.*

*J'aime la mer verte et sauvage,
Le gout de son souffle salé,
Son beau frémissement moiré,
Et tout son infernal tapage.*

*Certains soirs, pour les matelots,
Et pour le brave petit mousse,
Sa chanson si triste et si douce
S'acheve par de longs sanglots.*

*Mais, terrible dans ses coleres,
Elle rugit sous le ciel noir,
Et brise dans son désespoir
Le coeur des enfants et des mères.*

*Puis elle semble de velours.
Elle se tait, et l'on pardonne.
Nous la croyons sincère et bonne...
Elle nous trompera toujours.*

BASES DA ALIMENTAÇÃO RACIONAL, de Dante Costa (2.ª edição) — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1941.

O valor deste livro está bem indicado no duplo êxito da sua primeira edição. As mais ilustres autoridades a receberam com louvores calorosos: o favor publico a esgotou rapidamente. E, com efeito, uma obra que se dirige e agrada a toda a gente.

Sem nenhuma espécie de pedantismo complicado ou vaidoso, o sr. Dante Costa nos explica como a maior parte das pessoas se alimentam excessivamente ou inadequadamente, em todo o caso: mal. Com argumentos claros, tão singelos como os dados em que se apoia, demonstra-nos os inconvenientes que um regime defeituoso provoca, determina, torna funestos, senão fatais. Ensinando-nos a bem comer, cuida não somente de nos prolongar a vida mas também de no-la tornar ditosa. Pugna pela nossa robustez, o nosso bem-estar e — condição que não só as mulheres devem razoavelmente pezar — a nossa beleza. Eis a lição desenvolvida por estas trezentas páginas que toda a gente, pelos conceitos e pelo estilo, lerá não apenas com proveito mas também com gosto verdadeiro.

NA ILHA DE JOHN BULL, crônicas de viagem de Herman Lima — Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1941.

O sr. Herman Lima visitou a Inglaterra, não no caráter de turista nem na qualidade de repórter, mas verdadeiramente como homem de letras e como artista. Os seus olhos tinham sido educados e o seu espírito preparado para considerar figuras, coisas e aspectos de modo bem diverso do geral dos viajantes. Os clientes da agência Cook, sujeitos a itinerários e horários inalteráveis, não têm tempo de ver coisa alguma; os milionários que andam em hiato

ou em automóvel próprio não dão importância a coisa alguma. Há quem percorra o mundo para ver panoramas e para contar que os viu; quem fique conhecendo apenas os preços dos camarotes de luxo e a tabela dos palácios, quem cuide sobretudo ou exclusivamente de si próprio, do seu luxo, da sua ostentação, da sua capacidade de embasbacar os povos, quem coleccione fotografias, estatísticas, autógrafos — ou amores, quem viaje por indole aventureira, por passatempo, por esporte, por neurastenia — ou por não saber fazer outra coisa. O homem culto e de gosto tem sobretudo por objecto verificar o acerto, a exatidão daquilo que já pensava e já sabia. Chegando a uma cidade como Londres não a vai propriamente conhecer, mas antes reconhecer. A um camarada nosso que ia a Lisboa pela primeira vez, perguntaram se não desejava um guia da cidade.

— Não, muito obrigado... respondeu êle convictamente. **Li Os Maias.**



O sr. Herman Lima tinha lido acerca da Inglaterra e em particular de Londres as obras mais luminosamente orientadoras. Levava idéias, noções, recordações numerosas e um critério a que só faltava a confirmação do quadro presente. Passando pela capital inglesa, pizava um chão e respirava um ambiente familiares. E nunca rigorosamente ia sozinho. Acompanhavam-no os amigos do seu espírito, os parentes amados do seu sentimento: Karel Capet, Artur Hugh Clough, Bernard Shaw, Thomas de Quincey, Oscar Wilde, Rudyard Kipling, Eça de Queiroz.

Sabia quando se aproximava dos lugares históricos e dos monumentos da imortalidade. Podia citar de cór as telas e os mármoreos que havia de encontrar nos museus. Diria, sem esforço de memória, os nomes dos grandes banqueiros, dos altos políticos, de todos os vultos mais ou menos notáveis que se lhe deparassem pelo caminho. E nada o surpreenderia — a não ser alguma vez, em que, por exceção, por uma subita e bem recente reviravolta do cenário ou das personagens, a verdade presente desmentisse a nitidez e a segurança de sua expectativa.

Assim o sr. Herman Lima observou e estudou a ilha de John Bull — como se nela há muito residisse. E assim nos fala de indivíduos e de colectividades, de leis e de costumes, de acontecimentos momentosos e de casos de rua, num estilo natural e límpido, elegante e sugestivo, sempre agradável de acompanhar através das trezentas páginas do volume.

CAMPANHA DA PRINCEZA, de Alfredo Valladão (volume II) — Leuzinger S. A. — Rio de Janeiro, 1941.

Campanha da Princeza, ou simplesmente Campanha como o vulgo lhe chama, é uma pequenina cidade cheia de recordações. Quem a visita, olhando-a com alguma inteligência

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, INFLAMAÇÕES, ESPINHAS, CRAVOS, SARDAS, ETC.

MELHOR QUE QUALQUER CRÈME DE TOUCADÔR

e alguma emotividade, logo sente o desejo de se inteirar da sua vida remota, através das gerações que naquele cenário montanhoso se sucederam, deixando tantos e tão preciosos motivos de evocação.

Pouco se tem feito por ela no sentido turismo. De certo os veranistas de Cambuquira consideram um belo ponto de excursão, para passar um dia. Já, porém, os aquistas das outras estações da zona: Lambari, Caxambu, S. Lourenço, geralmente e por ouvir dizer, têm dela a noção duma terra afastada, difícil e sem condições de curiosidade que façam dar por bem empregada a viagem... Infelizmente, não se organizou ou não se pôde ainda pôr em prática uma propaganda capaz de desfazer tal erro, transformando em interesse tal rebeldia. Campanha deve atrair e merece seduzir todos aqueles que na graça ou na grandiosidade dos panoramas sabem gosar o encanto da tradição. Alguns dos seus edifícios remontam a séculos e ainda ostentam vestígios da forma e do caráter primitivos. É uma localidade modesta nas dimensões mas, que figura com singular destaque nos fastos da História do Brasil. E quem, diante da sua fisionomia atual, venha a saber do seu antigo prestígio forçosamente passará a respeitá-la e amá-la melhor.

O sr. Alfredo Valladão assumiu o empreendimento meritório de revelar aos homens de hoje o que tem sido, na existência nacional, tão exigua parcela do Brasil. Este segundo volume da sua obra relata, por mais de quinhentas páginas, de vasto formato, o papel de Campanha da Princesa, desde a Independência até nossos dias. Fala das suas iniciativas próprias, da sua ação no conjunto da política e da administração do país. Cita as famílias locais que deram vultos notáveis, homens altamente representativos: os Vilhenas, os Veigas, os Brandões, os Valladões. E tudo o que, dalgum modo, possa engrandecer a terra ou dar-lhe mais relevo, este autor aplicadíssimo e entusiasta, com o escrupulo da exatidão e ao mesmo tempo um enlevo apaixonado, narra, explica e comenta, para que, possuídos, de longe, da admiração e da ternura devidas a Campanha da Princesa, tenhamos sincera vontade de a ir conhecer de perto.

J. L.

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA RIOGRANDENSE — Tese de Paulino Jacques em Separata dos Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia — Porto Alegre, 1940.

Geralmente lêem-se em artigos, e ouvem-se em conversas, referências à "República do Piratini" criada por Bento Gonçalves e Souza Neto. Mas são poucos os brasileiros que realmente conhecem como se proclamou essa república e as características fundamentais desse fato.

Paulino Jacques, com a lógica clara e o estilo atraente que sempre foram a essência de suas colaborações na imprensa carioca, nos mostra nesta pequena tese como se processou essa etapa significativa do movimento revolucionário de 1835.

Há duas maneiras de escrever história. Ambas podem ser verdadeiras em alguns casos, ambas podem ser falsas noutros; mas na sua forma expositiva e interpretativa são sempre contraditórias. Uma é a história massada, explanação de documentos inumeráveis, e sem dúvida base da história como ciência. A outra é a história narrativa, que sem falsificar a verdade a apresenta como um filme. É a história feita em ensaios e em biografias.

Paulino Jacques conta o acontecimento histórico de 11 de Setembro de 1836 desta última forma. Até certo ponto é melhor, devido ao fato de facilitar a leitura, forçando o es-

SIGA O EXEMPLO DE MUITAS GERAÇÕES



O FRASCO GRANDE É MUITO MAIS ECONOMICO

FORTALEÇA OS SEUS FILHOS COM **EMULSAO DE SCOTT**

Dos 17 aos 45... cada mulher recebe 40.880 beijos



Sempre recebem mais beijos as que usam **BATON COLGATE**...



É natural! São sempre mais *beijáveis* os lábios que o Baton Colgate torna maravilhosamente expressivos, cheios de vida e encantos! O Baton Colgate dá uma magica apparencia de mocidade... e irresistível sedução! Sabe por que? Porque o Baton Colgate é feito de Karanava, o sensacional emolliente embelezador dos lábios!

Torne os seus lábios *beijáveis*... dê-lhes uma cor viva e atraente, com Baton Colgate. Procure-o hoje... e não deixe de experimentar a nova e sensacional cor que está em moda: *Vermelho Amazonas*, de Baton Colgate.

IMPORTANTE! Assim como um grão de arroz cresce na água, as suas partículas dilatam-se também com a humidade da pelle, provocando a dilatação dos poros. O novo pó para rosto COLGATE finissimo e delicadamente perfumado, não contém uma só partícula de arroz.



Grande 3\$500
Medio 2\$500

Colgate

BATON COLGATE

tudioso a lê-lo integralmente, com prazer. E' baseado em bons documentos e a forma meio romaneada que nele existe é romaneada no bom sentido da palavra.

REVISTA GENEALOGICA BRASILEIRA — publicação do «Instituto Genealógico Brasileiro», dirigida por Salvador de Maya. — São Paulo, 1941.

As relações entre a Genealogia e a História são á primeira vista menos perceptíveis que as existentes entre a genealogia e a simples biografia. Realmente é indiscutível fornecer ela dados aos estudos biográficos, muito em voga atualmente, se bem que também se possa afirmar contribuir muito as biografias para os estudos genealógicos.

Entretanto, e aqui aparece o verdadeiro e positivo valor que a genealogia tem para a ciência histórica, ela investiga e pesquisa todos os recantos e miudezas de numerosas vidas humanas, quasi desconhecidas, e completamente desprezadas pelas outras ciências auxiliares da História.

Ora, os homens e suas vidas fazem parte da História. Muitas vezes como fatores, outras tantas como produtos, mas o que é indiscutível é que se eles não existissem também não existiria a História.

A genealogia, preocupando-se com uma série infundável de vidas humanas e tendendo a preocupar-se com todas elas, tem necessariamente de trazer contribuições á História. E justamente por isso é que Percy A. Martin, da Universidade de Stanford, escreve ao tenente-coronel Salvador de Maya dizendo... "devo frisar a V. S. que essas revistas contém dados de grande interesse para estudante de história como eu".

As famílias estudadas pelos genealogistas apresentam milhares e milhares de indivíduos, que viveram vida normal, meio apagada e meio puxada pelos fatos. São eles, que não aparecem com destaque em biografias ou nos acontecimentos de sua época, os elementos mais uteis á História entre os fornecidos pela Genealogia. Chega-se ao aparente paradoxo de afirmar que esta ciência é tanto mais auxiliar quanto menos importantes forem os homens estudados por ela. Mas há uma razão lógica para isso — os grandes homens têm suas atividades bem conhecidas sem haver necessidade da Genealogia para isso.

A ciência histórica, que procura conhecer a evolução da vida da humanidade e dos homens através dos tempos, não se preocupa mais unicamente com as grandes datas e as pessoas importantes. Visando analisar e explicar os fenômenos históricos pelos métodos mais científicos e eficientes, ela é obrigada a inquirir e observar os diferentes modos de vida dos milhões de homens que passaram pela terra noutras épocas. Conhecendo-os fica mais fácil explicar a Sociedade e a própria evolução humana.

Só nos resta louvar o esforço dos srs. Salvador de Maya, Mello Nogueira e Toledo Martins, publicando esta revista, que vem obtendo magnifico êxito. Reune o ultimo numero mais de 200 páginas, repletas duma esplândida documentação enviada por estudiosos dos mais diversos pontos do Brasil. É uma revista interessantissima, que se lê com o maior proveito e a maxima satisfação.

M. B.

UM CAPRICHIO

Anselmo Macieira

Acabara de abandonar o leito. Contemplou-se demoradamente no espelho, penteou o cabelo quasi com devoção e pintou-se de leve. Em seguida vestiu o *maillot* de banho, tomou o café, que a criada trouxera pouco antes, escovou os dentes mais uma vez e sorriu para si mesma.

Não gostou daquele sorriso. Procurou rir de outra maneira, abrindo mais a boca, sem, no entanto, escancará-la; apenas o suficiente para exibir a dentadura. Ao conseguir, sentiu uma alegria infinita pela sua mocidade e beleza. O rádio espalhava uma canção bonita como a manhã, e ela não tardou em acompanhá-la, em surdina, como um pássaro entre as folhas duma árvore.

O hotel debruçava-se na praia branca, para onde se dirigia Helena, descendo a escada de mármore, larga e alva como a sua própria vida.

Invadiu-a uma incompreensível timidez. Não era bem pudor. Menina e moça, estava nesse período da vida feminina em que o sol começa a brilhar, embora ainda seja madrugada.

Corou. Depois, surpreendida, quasi revoltada contra aquele sentimento de inferioridade, estendeu-se na areia, totalmente. E os seus cabelos, os seus olhos, os seus nervos, o seu sangue, a sua carne — toda ela, enfim, não tardou em afirmar-se, pelo milagre duma simples reflexão: "devo ser bela"...

Viu um casal de namorados, fúteis e sorridentes. Mas, por isto, felizes — "Felizes". Balbuciou esta palavra e poz-se a escutar o eco que ela deixara no seu pensamento. "Por que, também, não posso namorar e — até — casar?"

Qualquer um não serviria. Com muito cuidado, reparou nos jovens deitados na praia. Si estivesse a escolher um vestido, numa loja, não teria maior naturalidade. Era a mesma coisa. O dinheiro de papai satisfazia-lhe, sempre, os caprichos.

Traços grosseiros no rosto, ombros largos, estatura elevada, impetuosidade nos gestos, elegância viril nas atitudes. Resolveu-se por ele, num entusiasmo instintivo de mulher, pela força máscula do homem.

Recordou-se. Tratava-se do médico que lhe fizera uma visita, poucos dias antes, quando estivera ligeiramente enferma. E marchou para ele, como um soldado caminha em direção ao inimigo — iria conquistá-lo.

Mas, no fim de poucos instantes, o rapaz correspondeu a uma saudação esportiva que lhe foi dirigida por alguém, lá de cima do terraço.

— E' minha noiva, Helena. Preciso ir buscá-la.

Sim, a vida é boa, esteja certo. O espinho está na roseira, que importa seu ferimento? Não impede a roseira de dar flores e mesmo o seu perfume é ainda melhor. Não é precisa a noite para que resplandeça a aurora? Também é preciso ter sofrido para saborear bem a felicidade.

Richepin.



... e a senhora, torturada pelos sofrimentos de todos os meses, nem pode gozar! Uze, diariamente, 2 a 3 colheres do Elixir das Damas — formula que faz mulheres ditosas — e goze a vida com saúde, alegre e feliz!

ELIXIR DAS
DAMAS

Dist. Araújo Freitas & Cia

Efemérides da semana

10 de Maio. — Nasce no Rio Grande do Sul o marechal Osório (1808). — Nasce no Rio Grande do Sul Antonio Ferreira Viana, jurista e ministro de Estado (1834). — Falece Alexandre Bernardino dos Reis e Silva, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1892).

11 de Maio. — Falece no Recife o capitão de mar e guerra Francisco Rebelo da Gama, defensor da fragata "Imperatriz" (1830). — Nasce em Sobral (Ceará) José Júlio de Albuquerque Barros, Barão de Sobral, Ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1841).

12 de Maio. — Falece no Rio Evaristo da Veiga, jornalista notável da Independência (1837).

13 de Maio. — E' creada no Rio a Imprensa Régia (1808). — E' abolida a escravidão no Brasil (1888). — Nasce a bordo do "S. Luis" na baía de Mogúncia (Maranhão) Raimundo Corrêa, magistrado, poeta, da Academia Brasileira (1860). — Falece na Baía Inocêncio Marques de Araujo Góes (Barão de Araujo Góes), Ministro do Supremo Tribunal (1897).

14 de Maio. — Falece no Rio monsenhor Azevedo Pizarro, autor das célebres "Memórias Históricas da Capitania do Rio de Janeiro" (1830). — Falece no Rio Manoel Jorge Rodrigues, Barão de Taquarí, que defendeu a Colônia de Sacramento (1845). — Falece no Rio Ernesto Ferreira França, Ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1872). — Falece no Rio Uladislau Herculano de Freitas, que foi Ministro da Justiça e Ministro do Supremo Tribunal Federal (1926).

15 de Maio. — Falece no Recife o coronel Bento José Lamenha Lins, que foi, em 1824, uma das figuras da guerra civil (1862).

16 de Maio. — Falece em Lisboa o conselheiro Tomás Antonio de Vilanova Portugal, que foi ministro de D. João VI no Rio de Janeiro (1839).

Teve vontade de chorar. Mordeu os lábios, sangrando-os de raiva, muita raiva. E jurou levar avante o capricho, custasse o que custasse.

Jogavam bola. Era loura, de formas impecáveis e feições bonitas. Como a odiava! Si pudesse, com que volúpia não a estrangularia! Lembrou-se, porém, do quinto mandamento e rezou, em plena praia — arrependidíssima... "Tenho de me conformar". Sofrera a primeira derrota

em sua existência. Fôra humilhada pela outra, mais alta, mais vistosa, mais atraente...

O sangue povoou a sua face, os lábios tremeram. Invejava. Incontinenti, a consciência do pecado — esse pecado de que tanto lhe falaram no Sion — atormentou-a. Ia penitenciar-se, de novo, quando certa idéia absorveu por completo a sua atenção.

Fingiu despreocupação, ergueu-se, esfregou o corpo com as mãos para tirar a areia, e correu para o mar. Anfitrile acariciou-a, suavemente, como si estivesse dando um conselho...

Esse foi fácil. Daí por diante cortejou-a. Uma noite, juntos e sós, ao beijo argentino do luar, declarou-lhe amor. Amor eterno, como todos os amores...

Refletiu, então, na rapidez com que tudo se passara. Reconheceu a incompatibilidade completa que a separava do namorado. E deixou-o, sem pretexto nenhum.

A lembrança do outro se tornou viva. O amor acaba sempre triunfando. Amor? Exatamente — amava. Não preferiu esta palavra, porque o amor não se diz nem se compreende — sente-se. "Hei de conquistá-lo! Afinal sou herdeira de dois mil contos..."

"Helena Matilde, precisando falar-lhe, solicita-lhe o especial obséquio de comparecer às seis e meia à quinta mesa, ala direita, no *grill* do Hotel."

Às sete, ele não chegara. Às sete e quinze, nada! Recolheu-se ao quarto e chorou. Chorou até dormir.

Acordou, percebendo junto ao seu o rosto bom e austero do pai. Emudecida, ouviu todas as perguntas. Como ia de saúde; si brigara com alguém; si desejava alguma coisa. Queria, somente, vê-la feliz.

As lágrimas, porém, continuaram rolando sobre as conchas de seu rosto; o pensamento vagava, acelerado por longínquas reminiscências. Torturada de dor. As faces abraçavam, numa sensação desconhecida. Ele permanecia insculpido em seus olhos, interpondo-se entre ela e o mundo.

— Papai... eu... queria pedir uma coisa a você, sim? Nós... nós vamos embora, sim?

O sinal anunciou a partida. Toda a ferragem rangeu, no esforço da arrancada. Ela baixou a cabeça e meditou: "nem tudo se compra nesta vida".

E a máquina apitou, vaiando a sua tristeza.



CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Toda a correspondência para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião dentista ALEXANDRINO AGRA. Rua S. José, 84 - 3º andar - Tel. 22-6200

A. B. C. (Minas Gerais) — Antes das refeições, de preferência.

Ernesto Junior (S. Paulo) — Pode fazer como pensa, que dá certo.

Novaes Durban (Rio Grande do Sul) — Não é possível.

Vitor Figueira (S. Paulo) — Muito além do ponto em que está intervindo.

Carlos Zozimo (Minas Gerais) — Procure aí, nas livrarias.

C. I. L. A. (Minas Gerais) — Muito cedo para observar os efeitos.

Salvador Gonçalves (Santa Catarina) — As provas radiográficas devem ser enviadas.

Elmano Nogueira (Santa Catarina) — Remoção urgente da raiz de que me fala em sua carta.

Viana del Castilho (S. Paulo) — Três vezes ao dia é o suficiente.

S. Lima (Rio Grande do Sul) — Trabalho móvel seria melhor.

Xisto Rios (Espírito Santo) — Pode executar em dois tempos.

Alvaro Monte (Rio) — Procure com urgência o seu dentista.

Nacy Hylmm (Alagoas) — Parece.

Alexandrino Agra

HEMORROIDAS E VARIZES

Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, absolutamente seguro, das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não o encontrando em sua farmácia, peça-o ao depositário. CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OITO-SETE-QUATRO) — SÃO PAULO

Oh! o amor de uma mãe que ninguém esquece. Pão maravilhoso que Deus reparte e multiplica. Mesa sempre servida no maternal lar! Cada um tem a sua parte e todos a têm toda inteira.

Victor Hugo.

A falta de fósforo no organismo

Passam-se em nosso corpo fenômenos maravilhosos que a ciência procura desvendar e explicar. Nos livros elementares estuda-se a função digestiva, a circulatória, a respiratória etc. Só em livros médicos são estudadas certas funções complexas de transcendente importância, como seja a **química dos humores**. Segundo o estado de equilíbrio ou desequilíbrio dos humores, o indivíduo apresenta-se, respectivamente em estado normal ou anormal. Às vezes, o desequilíbrio corre por conta da falta de um elemento indispensável, como o fósforo que tem um papel importantíssimo como ativador do metabolismo.

A falta de fósforo denuncia-se pela fraqueza, desânimo, cansaço, nervosismo, palpitações e ansiedade. Basta restabelecer o equilíbrio químico dos humores por meio de um preparado de fósforo, por exemplo o Tonofosfan, para que desapareçam, como por encanto, todas as manifestações mórbidas. Com duas ou três injeções voltam as disposições gerais do organismo e o contentamento de viver.

ONDE É?



Uma igreja simples. A linda fachada azul esconde um interior em que não há o menor luxo. É uma igreja de subúrbio carioca.

A rua da Capela, na Piedade, termina por uma escadaria talhada no granito. Subindo-a chegamos à igreja de Nossa Senhora da Piedade, que do alto da colina domina as casas que se estendem ao longe até à encosta das montanhas inacessíveis. A emoção que se sente dali não pode ser narrada. A vida, a vida calma de milhares de moças e rapazes que habitam naquelas casas pequeninas, sobem até nós num transporte de emoção. E, às tardes de sol que doçura e que mansidão se espalha por aquela paisagem humana de um colorido sem nome.

As bandeirinhas de papel dependuradas entre a igreja e as velhas árvores são as recordações das festas religiosas que de quando em quando ali se realizam. Nas tardes de domingo, os garotos da vizinhança vão jogar "foot-ball" a um lado do pátio que circunda a igreja, enquanto do outro lado um padre conta velhas e bonitas histórias a novas e bonitas crianças.

No interior do pequeno templo não há o delírio ornamental do barrôco ou a majestade greco-romana. Nas paredes e nos cantos o que há são enfeites de papel "crêpon", feitos pelas moças e senhoras do subúrbio. Flores amarelas e azuis, vermelhas e róseas enriquecem o templo com a riqueza de suas cores e a expressão de simplicidade e de carinho que nos mostra.

GANHANDO O PÃO DE CADA DIA



Seis horas da manhã. Norma sai apressada de casa nem tendo tempo de acabar o penteado. Quando chega à porta lembra-se do chapéu de chuva e volta para apanhá-lo. São seis e cinco. Até logo, mamãe! E vamos correr senão perdemos o trem.

O trem elétrico chega de repente, bonito e pintadinho de novo. Mas ele pára todas correm para as portas.

Zás-trás! Vamos tirar uma fotografia rapidamente senão ele dispara por aí e a gente fica do lado de fora.

Ufa! Quasi não deu tempo. Meio minuto de parada é bem pouco para o viajante que procura embarcar e muito menos para o fotógrafo, que quer tirar um bom flagrante.



A estação fica um pouco distante, mas num passo bem ligeiro é questão de cinco minutos. Norma tinha tempo de pegar o trem das 6,15, mas primeiro ela vai chamar umas colegas de trabalho que moram bem perto. Por azar elas estavam atrasadas e Norma tem de escolher: perder o trem ou perder a companhia. Ora, é muito melhor perder o trem. Resultado — uma espera de quinze minutos na estação. Ainda bem que havia um banco vago. — Agora vamos pedir um "memorandum" da Central, fala Norma ao reporter.

Entre seis e sete horas da manhã os bondes descem cheios para a cidade e para os bairros fabris. Os trens da Central passam velozes, e neles milhares e milhares de pessoas viajam em pé, devido ao acúmulo de gente que deseja chegar ao trabalho na hora certa. Tanto nos primeiros, como nos segundos meios de transporte, estão em grande número as jovens operárias do Rio de Janeiro.

Desde cedo, pouco depois de haverem deixado os risonhos dias da infância e da escola, começam essas mocinhas a viver com intensidade a luta pela vida, a ganhar o seu pão diário com o suor do próprio rosto. Não conhecem as facilidades da vida nem a ociosidade dos dias passados na leitura de um romance ou no descanso de um passeio à floresta. As segundas, as terças, as quartas e os demais dias úteis da semana são para elas sempre os mesmos. Sáem de casa correndo, sobem ao bonde ou ao trem, viajando quasi sempre desconfortavelmente e vão para a loja, para o escritório, para a fábrica ou para a "bombonnière". Estão sempre esperando o príncipe encantado, tipo Delly ou Ardel, que nunca chega.

A mulher hoje trabalha em todo o Universo. E' essa uma das maiores realidades contemporâneas. A REVISTA DA SEMANA não poderia deixar de focalizar numa rápida reportagem a vida de uma operária no Rio de Janeiro. Não é uma vida diferente das outras, pelo contrário. Também tem suas amarguras e suas distrações, suas tristezas e suas alegrias. E há, aos domingos, uma boa matinée no cinema do Encantado ou de Madureira, na qual se pode ver Henri Garat ou Dorothy Lamour. E um dia chega o namorado definitivo. Não o príncipe encantado imaginado nos romances "água e açúcar", e sim um companheiro de trabalho, um colega de casa de cômodos, um irmão duma amiguinha.

Enfim, a vida é assim mesma. Os sonhos só existem para não ser realizados, caso contrário não seriam sonhos.

A característica feminina que mais permanece na mulher que trabalha é a faceirice. Ajeitam-se todas, penteiam-se cuidadosamente, vestem-se direitinho, nunca esquecem os deveres comuns da mulher. Por

Em plena hora de trabalho, ao lado de muitas outras moças. De vez em quando um olharzinho disfarçado para o relógio afim de ver se já são 11 horas. Que fato estranho! O estomago bate horas mais cedo que o instrumento de medir tempo. Enfim... — Vamos trabalhar que é no trabalho que se ganha o pão de cada dia, disse Norma.





isso dissemos pouco atrás — as mocinhas que trabalham são iguais a todas as outras mocinhas.

Norma trabalha numa das centenas de fábricas do Rio, numa das milhares de fábricas do Brasil.

— Qual a leitura que você prefere, Norma?

— Romances para moças e jornalinhos juvenis. De guerra não sei nada, nunca soube, nem quero saber. Além do mais, Iugoslávia é nome difícil e a Grécia nem sei onde fica. De jornais só os que trazem as histórias do Zé Mulambo ou do Tarzan.

— Você gosta de morar no subúrbio?

— Não, até hoje ainda não encontrei uma moça que gostasse de morar nos subúrbios. Parece que existem romancistas e poetas que elogiam as moças suburbanas, mas nós preferíamos ser doutros lugares e não ganharmos os elogios. Já com os rapazes é diferente. A maioria gosta mesmo do subúrbio.

— E cinema, Norma?

— Cinema é a cousa mais deliciosa dêste mundo. Nós amamos o cinema acima de tudo o que existe. Muita gente suicidar-se-ia si o cinema acabasse. Os circos também são bons por causa da orquestra que fica na frente antes de começar a sessão.

— Vocês namoram?

— Não. Conversamos muito, e de vez em quando com rapazes diferentes, mas não namoramos. Namorar, para nós, é muito perigoso.

— Você já foi ao Corcovado, ao Pão de Açúcar, a Copacabana, a Santa Tereza?

— Não, não, não e não.

— E a Paquetá?

Chegou enfim a hora do almoço. No refeitório da fábrica as moças retiram os alimentos, que tinham trazido de casa, da estufa em que os haviam colocado. E nas mesas coletivas fazem calmamente as refeições.

Um momento, senhoritas! Uma pose especial para o fotógrafo. Pronto. Podem continuar o almoço. Não convidam o repórter para esse carurú?

Ao lado — Acabou o dia. Vamos lavar as mãos e o rosto com rapidês e mudar o vestido afim de sair. Nada de vagareza, pois existem moças esperando a vez. Como é bom molhar o rosto com água fria; hem, mocinha?



— Já! Várias vezes em pic-nics deliciosos. Como foi bom!

Esta rápida palestra passava-se na estação de Encantado, enquanto o trem não chegava.

De repente apareceu o elétrico. Norma com suas companheiras não embarcaram no vagão que parou na nossa frente, mas correram afim de entrar noutro que vinha mais atrás.

— Por que você não vai neste, Norma?

— Porque comprámos passagens de segunda classe, disse ela. E uma das garotas que ia em sua companhia falou com um ar triste: — Somos pobres companheiras de viagem, não é?

Pela primeira vez ficámos melancólicos, pois aquelas meninas consideraram viajar de segunda classe uma grande diferença e acham que nós podemos "notar" isso.

Poderíamos lhes dar lições filosóficas para provar que essas cousas exteriores não interessam. Mas que resposta melhor que a verdade palpável?...

— Ora, meninas. Nós também viajamos de segunda!



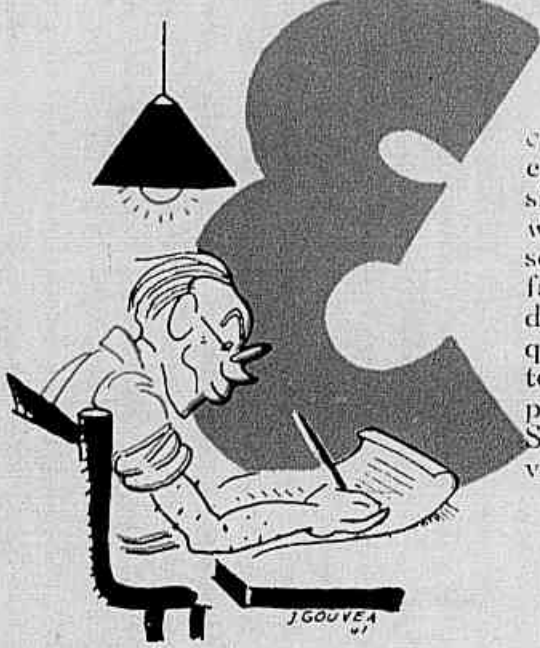
Após o almoço um passeio pela calçada fronteira á fábrica só pôde facilitar a digestão. "Footing" ás 11 horas e meia da manhã. Passaram a perna nas moças da Cinelandia.



Parecem até outras moças. Contentes e alegres despedem-se da fábrica. — O dia de hoje está ganho e muito bem ganho. Levam os clássicos embrulhos das moças que trabalham. Para que e por que tantos embrulhos? Que é que vocês levam aí? — Nada. É um mistério indecifrável, o saber o que vai tão bem embrulhadinho em papel cor de rosa ou numa pasta de escolar. Talvez sejam os aventais de trabalho?

Vão á estação pegar o trem. Como sempre estão passando superlotados.

— A única cousa que eu não gosto na vida é viajar em pé depois de tanto trabalho: a "Central" e a "Light" podiam pôr nas horas de movimento uns bondes especiais para as mulheres. Não é boa a minha ideia?



SCREVENDO SÔ-
bre Machado
de Assis um
crítico encontrou
entre o escritor bra-
sileiro e Dostoie-
wsky um traço de
semelhança com re-
ferência a negação
da vida. E apontava
que nos dois escri-
tores os personagens
pouco trabalhavam.
Seus personagens
vivem de expediente

O ELOGIO da PREGUIÇA

onde a proteção ou a boa fortuna evi-
tam o esforço...

Mas será isto uma negação rancoro-
sa do mundo?

A tese que o trabalho em si, ou seja
a simples atividade produtiva obstrui-
da de seu objetivo, possa dar sentido
e elevação à existência do homem é
muito relativa. O trabalho serve para
limitar o homem e deter sua tendên-
cia para algum ideal. Não me referin-
do aos que sonham com um poema...
Mas o trabalho, o trabalho como obri-
gação, subordina o homem e acaba,
pelas circunstâncias, matando qualquer
aspiração espiritual.

O ressentimento que há sobre o tra-
balho é porque ele é imposto, é neces-
sário e obrigatório e vamos exercê-lo
de maneira diferente de nossas tendên-
cias e portanto contra vontade. (Os
grandes sonhos de detrás de um bal-
cão e da máquina de datilografia!...)

Si de algum modo o trabalho é ni-
velador, nada faz o homem mais vai-
doso. Reparem no trabalhador quan-
do vê os que passeiam, os que se espre-
guiçam nas praias e nos bancos públi-
cos, nos casinos e campos de esporte
e na forma dos epítetos: "malandro",
"bôa-vida"... E' vaidade, despeito e
inveja.

Porque só o invertebrado não sentirá
entrar no trabalho à hora sempre igual,
igualzinha a qualquer máquina, religio-
samente levantar na hora igual, todos os
dias, voltando sempre obstinadamente,
 fingindo não ser um castigo e, como
um castigo, cair, um dia, exausto como
todos os outros animais; elogiar, por-
que tem de ser assim e não se pode
mudar ou negar que elogiamos; ficar-
mos vaidosos de saber obedecer e in-
vejarmos os que são afortunados. Al-
guns cantam em versos ou ainda pior
em discursos, mostrando alegria de ga-
nhar o pão; outros têm alegria de ga-
nhar dinheiro, o que não é a mesma
coisa. Mas seria muito ridículo limi-
tar tanto a vida.

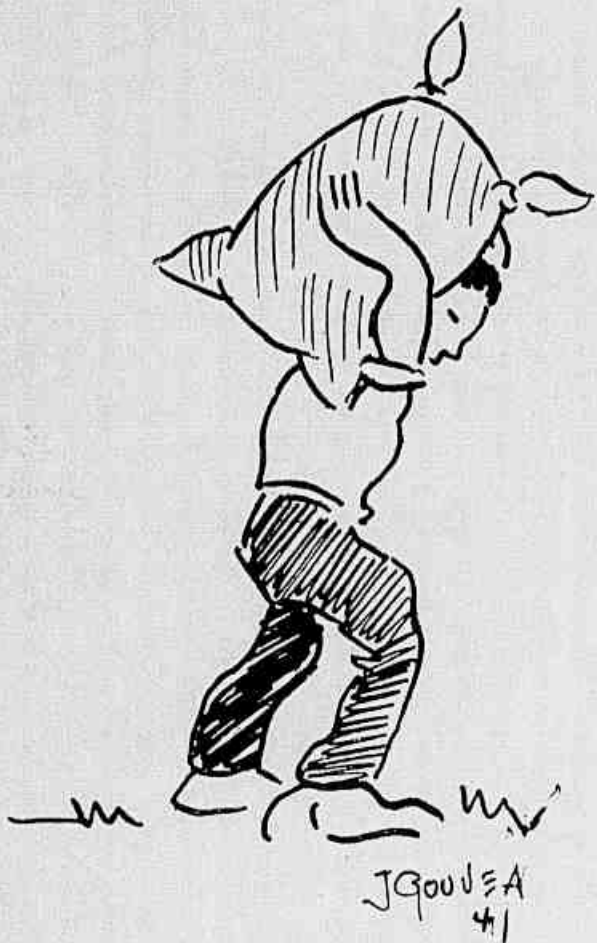
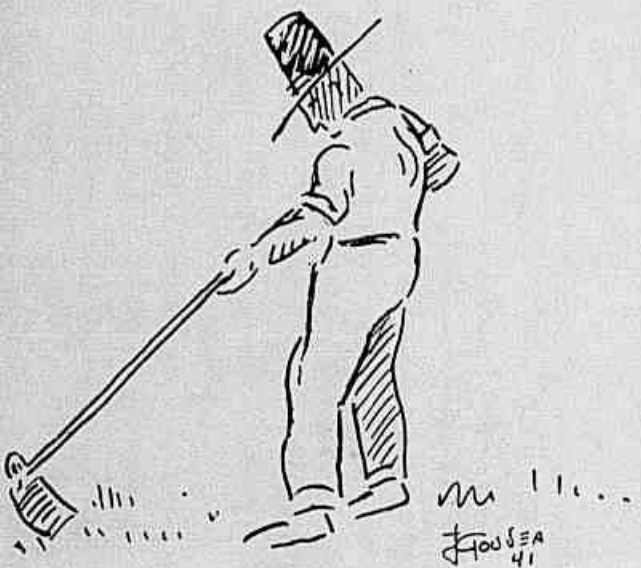
A expressão "luta-pela-vida" demons-
tra quão estúpida é a vida, porque,
longe de ser uma alegria, é uma luta.
E não me consta que luta seja sinôni-
mo de alegria. Só se fôr esportiva...

Elogiam o trabalho e o consideram
nobilitante, sem reparar nos que so-
lavancam o ano, a vida inteira, sem
uma parcela de recompensa. Isto seria
considerar o trabalho como se diz —
sem querer pensar, nos discursos sem
raciocínio — uma coisa bela!

Trabalha-se porque é a mais fácil
via para se obter dinheiro.

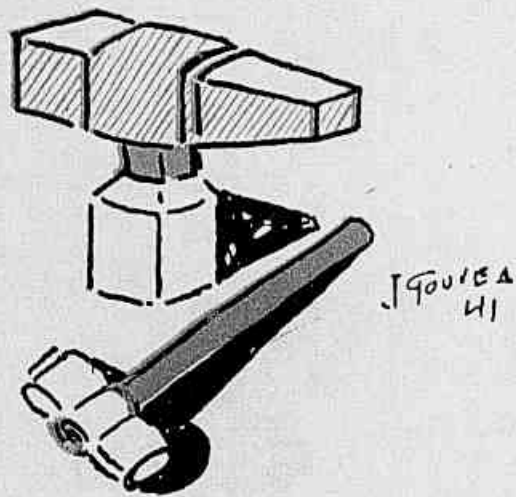
E' verdade que até para se obter
dinheiro roubado é preciso trabalho...
Portanto, não é suprema redenção por-
que é, como toda atividade, sujeita a
chances de proteção que fazem uns
mais afortunados que outros.

Quanto trabalham a vida toda, com



todo o animo, vigor e dispêndio de
energia para glória alheia, num esfor-
ço inútil! Dirão que a sorte não sorriu,
ficam à margem, trabalhando, lutando,
sempre o último, para mostrar que
trabalho não eleva.

Não eleva e também nivela. E o
homem, eterna criança, engendra mais
labor: máquinas para destruir monta-
nhas, e constrói casas mais altas que
as montanhas. Depois resolve destruir
as casas, abre na rua uma grande pis-
cina após ter secado outra lagoa e ma-
tado todos os peixinhos. E' o progres-
so. Progresso e lei-do-menor-esforço que
espantam espíritos ainda voltados para
os tempos tranquilos das vacas gordas.
Mas os embaraços vieram mostrar que



nem tudo estava errado e o desenvolvi-
mento vertiginoso e guerreiro pouco
concorre para que as vacas fiquem mais
gordas.

Que adiantou progresso e conquista
da indústria e ciência a desejar que se
desvendem mundos melhores, e conti-
nuam as coisas mais nebulosas, tortu-
rantes, problemas multiplicados e as
estatísticas infalíveis mostrando que
morremos mais cedo? Os laboratórios
trabalhando para as vitaminas-vida-
eterna e outros laboratórios aperfei-
çoando a pólvora e outras dinamites...

O mundo está dividido entre Voro-
noff e pão de Molotov...

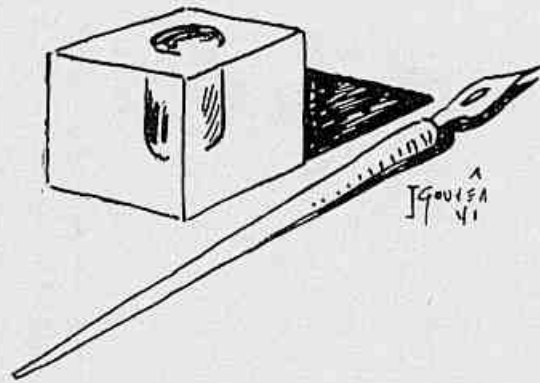
Antigamente, construíam-se as ca-
tedrais como verdadeiros sonhos de poe-
tas; hoje a construção é das usinas;
e vemos tanto as catedrais como usi-
nas ruírem ao vôo rápido e menos poé-
tico dos pássaros.

Que adianta o sonho, a construção,
o trabalho, si tudo é desfeito numa vo-
lúpia de mergulho? Noutras épocas os
covardes riscavam a palavra homem
para acrescentar diabo.

Final, o progresso é sinal de civili-
zação? Por que etapas de civilização
distanciadas dos tempos bárbaros, quan-
do não sabemos ao certo o limite da
moral e do indecente?

Por isso o realismo da vida presente
vai desfazendo umas nebulosas, ao pas-
so que vai criando outras com a mu-
dança apenas de cor.

Assim o dia 1º de Maio vai to-
mando outra feição do denominado
enfaticamente *Dia do Trabalho*. Primei-
ro porque, sendo dia do trabalho, data
com tinta vermelha, na folhinha, ale-
gria anunciativa de que vamos ficar
em casa descansando. Segundo uma
grande mentira, porque quando a fo-
lhinha anunciou *dia de Carnaval*, todos
foram pandegar carnavalescamente. No
dia de Ano Bom há cartões de felicita-
ções e palmadinhas nas costas. Em
qualquer data religiosa existem atos e
preceitos do ritual religioso. No dia
primeiro de Maio, cognominado dia do
Trabalho, todo o mundo fica contente
porque não trabalha. Logo é uma men-
tira que precisa ser riscada; e o mundo,
que anda tão errado, já está riscando
essa lorota. E depois essa data de 1º
de Maio não nasceu, propriamente, para
comemorar o trabalho, foi motivada
por um choque entre policiais e operá-
rios, em Chicago, em Maio de 1886.
No momento não se tratou de traba-



lho. Quando muito no aumento de or-
denado e horas de atividade, o que é
um pouco diferente... Si antigamente
havia lutas e revoltas sangüinárias en-
tre patrão, e operário e os movimentos
de classe se agitavam pela redução
de horas de trabalho, era prova cabal
de que a maioria jamais gostou de tra-
balhar. Aliás não precisa ser grande
cientista para notar que nosso mento
e músculos dão-se muito melhor des-
cansando do que em atividade. O ho-
mem inventando a máquina não a fez
para suprir operários, mas para ter al-
guma coisa que trabalhasse por ele;
e o relógio é o exemplo mais fácil.

Desde o choque de 1º de Maio de
1886, em Chicago, viveram os operá-
rios lutando por melhor salário, colô-
nias de férias, hospital, assistência aos
seus filhinhos, enfim ansias, desejos,
sonhos, que eram berrados em praça
pública, transmitidos em folhetos qua-
si sempre de capa vermelha, brochuras
suspeitas, dando com muita gente nas
galés e nos cemitérios. O que levou o
autor do filme *PREDESTINADOS* a
fazer um diálogo entre dois meninos,
no qual um perguntava pelo pai do
outro:

— E seu pai?
— Papai morreu na cadeia.

— Por que?
— Porque falava em redução de ho-
ras de trabalho, assistência aos fracos,
instituições de amparo às espôsas e
filhos dos operários...
— Mas isto tudo existe!
— Existe hoje; mas no tempo de
papai era proibido pedir atos de huma-
nidade e ele morreu na cadeia...

Num dos cinco livros de Moisés, no
primeiro Pentateuco ou, menos enfati-
camente, no "Gênesis" já se falava no
trabalho. Mas fala-se no trabalho sem

BOR
SEBASTIÃO
FERNANDES

hino ou samba carnavalesco. Fala-se
sem laudatório, mas como um imposto
de expiação do primeiro pecado:

"Pois que deste ouvidos á voz
de tua mulher e comeste o fruto
da árvore, a terra será maldita na
tua obra; tu tirarás dela o teu sus-
tento com muitas fadigas todos os
dias de tua vida. Tu comerás o
pão no suor do teu rosto, até que
tornes á terra de que foste to-
mado."

São palavras que venceram o tempo.
Nem precisam ser comentadas. Basta
o simples enunciado. E então porque
a parvoíce de dizer que o trabalho dig-
nifica e eleva?

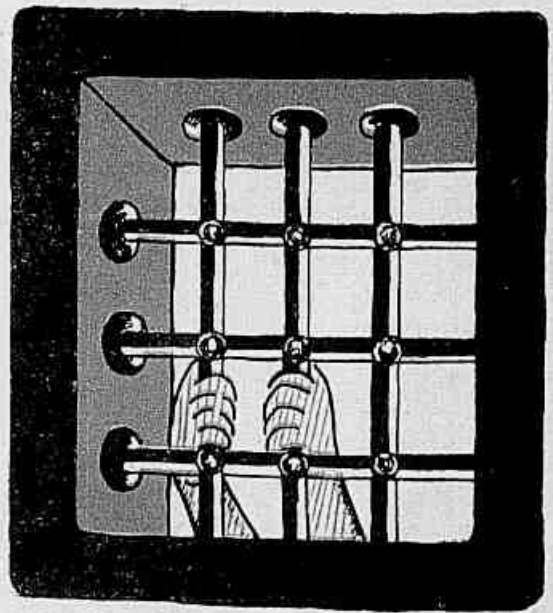
Si no princípio houve a frase bíblica
mostrando o caminho do escravo e para
alguns irracionais que não eram bons
artistas nos circos, depois inventaram
o domingo, a semana inglesa e a apo-
sentadoria. E a vitória da máquina,
reparem que o automóvel venceu de
tal forma a carroça que todos os bur-
ros entraram em aposentadoria com-
pulsória.

E nas folhinhas de outrora havia os
"pensamentos": *Mais vale quem Deus
ajuda do que quem cedo madruga*, lem-
brando os que trabalham de noite e
acordam tarde...

Aliás um romance já disse que tra-
balho, seja qual fôr, é uma fadiga.

Por isso não diremos que precisamos
comemorar o *Dia-do-Descanso* ou *Dia-
da Preguiça*, porque há gente para tu-
do, até mesmo para gostar de traba-
lhar. Mas, no fundo, não há prazer pa-
ra trabalhar: há necessidade. E ficamos
com uma bruta inveja dos índios e dos
pássaros que não morrem de fome e
não precisam de modista, alfaiate, ca-
lendário ou boletim meteorológico para
suar, saber quando é domingo, ou as
duas estações do ano.

Mas, na verdade, raramente fazemos

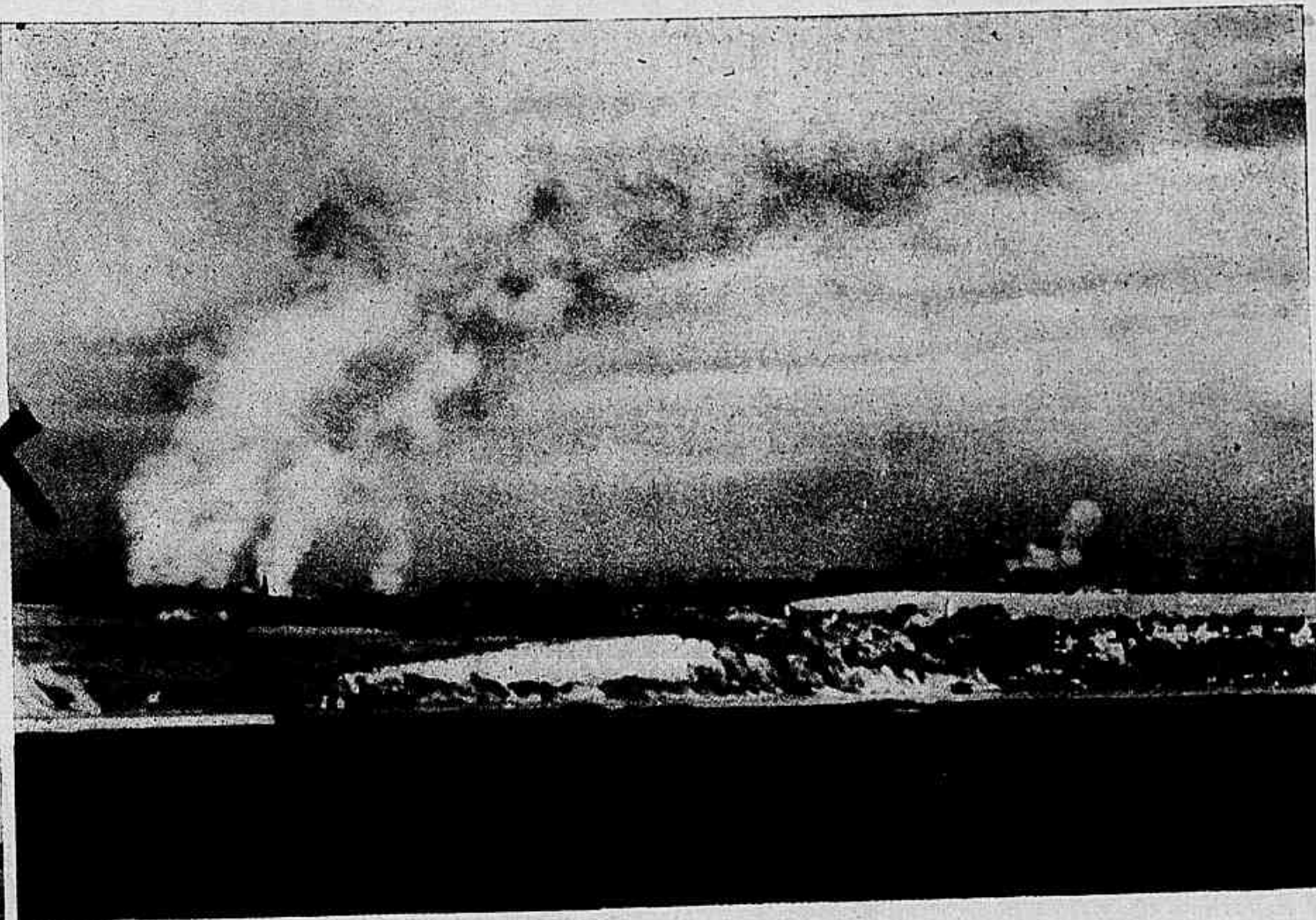


aquilo que desejamos ou amamos e
nos lembramos dum grande pintor que,
ao ser perguntado porque não procura-
va a escultura nas horas de distração,
respondeu que Arte não é distração.

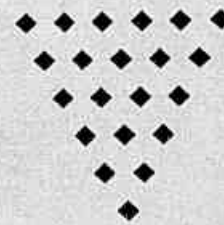
Por isso o melhor exemplo é de Jeo-
vah, que trabalhou seis dias para des-
cansar no sétimo. Mas já me informa-
ram que ele devia, com o seu poder,
trabalhar um dia e descansar os ou-
tros seis. Mas o caso verídico da his-
tória é que ele trabalhou seis dias,
está descansando até hoje...

Está aí um bom personagem para
Machado de Assis e Dostoiéwsky.

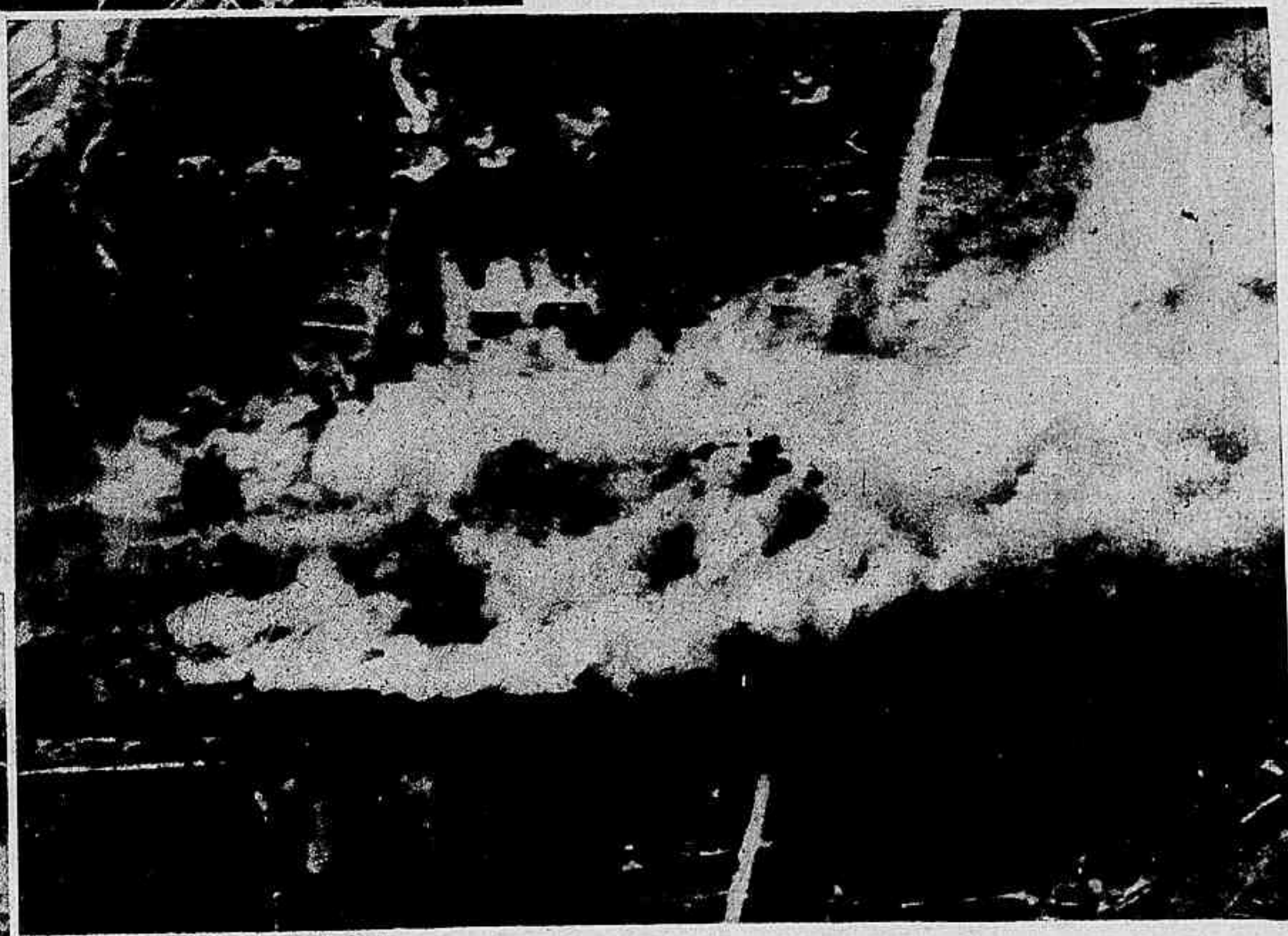
PÁGINAS da GUERRA



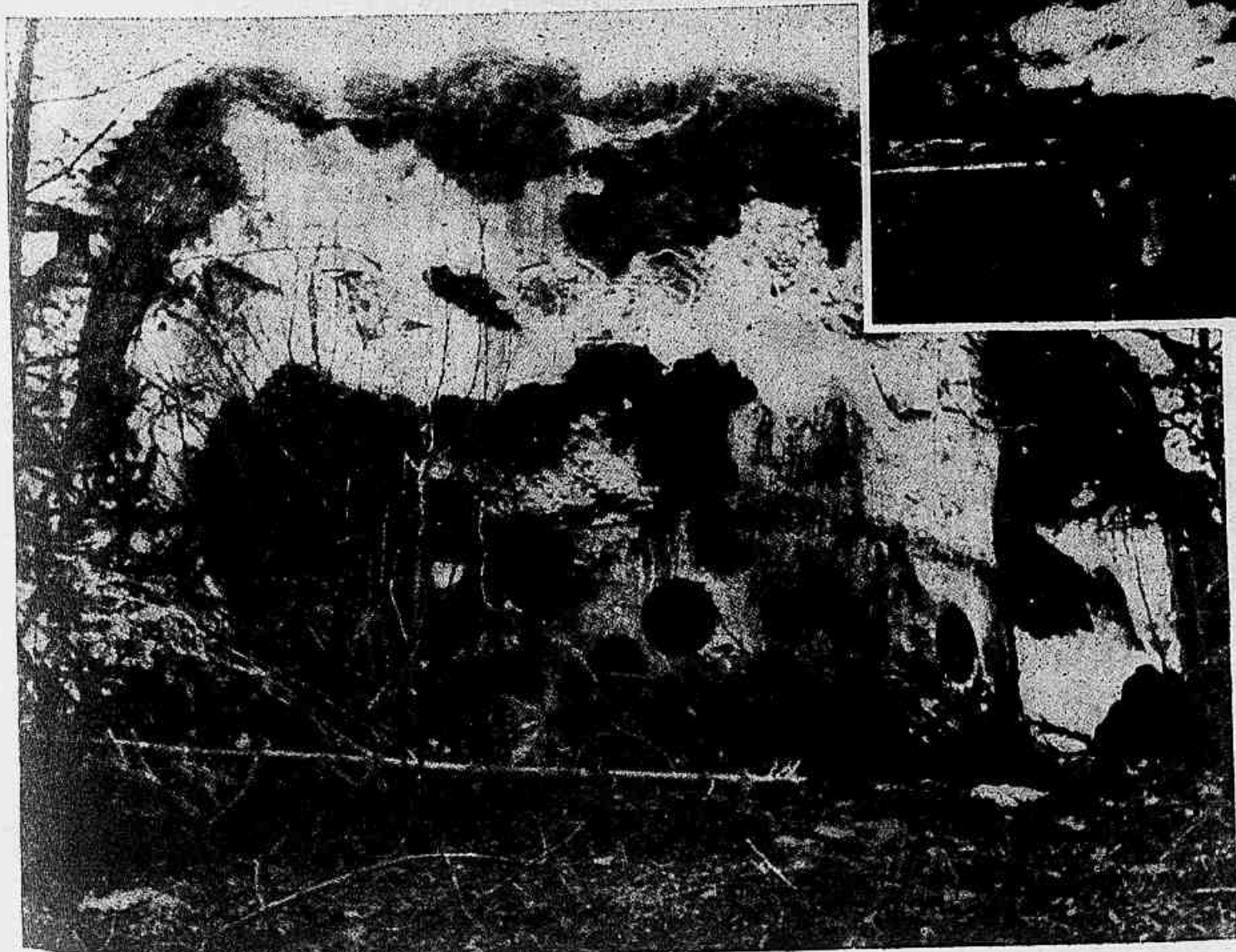
Nuvens de fumo que se elevam sôbre a Inglaterra — Uma bomba arremessada por aviador alemão atingiu a região costeira inglesa, nas proximidades de Deal, em Dover. O efeito foi nitidamente fixado na chapa fotográfica apesar da grande distância de 20 klms.



Soldados do Reich na praça do mercado da cidade sérvia de Nisch.



Ao alto: — Stukas alemães atacam a fábrica sérvia de munições de Kulevac — Enormes nuvens de fumaça testemunham em poucos segundos a destruição prevista, que se materializou amplamente.



À esquerda: — O avanço de tropas alemãs nos Balcans — Mau grado um terreno de difícil acesso, as tropas germânicas puderam avançar, coroadas de êxito, contra toda a linha do teatro de guerra situado no sudeste europeu. Atrás de uma linha de bunkers muito bem camuflada, os iugoslavos esperavam poder defender as fronteiras, porém o avanço das tropas do Reich não pôde ser impedido.

(Fotos R. D. V.)



Foi 1815 de dias capitais na historia do seculo XIX napoleonicamente estreado. Sentio-se revoluto a Europa, primeiro pela guerra, do sol de Austerlitz ao crepusculo de Waterloo, depois pela diplomacia nas suas artes de esconder pensamento sob engodo de palavras.

Em 1815 veio á America homem de raça fina na Europa, o principe Maximiliano de Wied-Neuwied. Nutria ele almo desejo, o de conhecer o Brasil, admirando-lhe a natureza nas suas diversas manifestações, apreciadas pelas creaturas mercedoras do nome de animais racionais. Sóbra na vida quem esteja nas condições de obter o titulo contrario.

Chegando ao Brasil nele encontrava o principe de Wied a côrte e boa parte da população de Lisboa por assim dizer de pé no estribo, na intenção de remigrar como fez em 1821.

Os sabios e os seus imitadores são, em geral, calados, esquivos ao falatório masculino e á taramela feminina. Os cultôres do saber avaliam, mais do que ninguém, a brevidade da licença de viver, todo minuto lhes é precioso.

O principe de Wied dedicava-se ao saber e pois não veio ao Brasil para conversar, da lingua do paiz não percebendo patavina. Julgava bastante vêr e ouvir sobretudo representantes zoológicos domesticados ou selváticos.

Entre nós, por bastante tempo, viveu o naturalista Emilio Goeldi, de nome consagrado em museu paraense de espalhada fama.

Era Goeldi fervoroso devoto da natureza brasileira, especialmente no tocante ao reino animal. Com perfeito conhecimento de causa, Goeldi manifestou sempre apreço pela admirabilidade dos estudos do principe de Wied feitos em época sem meios de encurtar distancias nem ter confortos em viagem.

No depoimento goeldiano era o principe de Wied "excellente observador no escrever justo, seus trabalhos sobre Vertebrados pertencendo ao que de melhor se encontra sobre esta classe de animais."

Em relação a Brasil foi o principe de Wied coevo de Martius, Spix e Natterer. Ninguém superou o ultimo no reunir vertebrados nossos, mas para felicidade e riqueza alheia. Ao justificar os dous substantivos vamos dizer, em segredo, que o Museu de Vienna se tornou o grande herdeiro do zelo e das excursões de Natterer, o protegido da imperatriz Leopoldina amiga de mineralogia. Por atavismo legaria tal estima ao filho D. Pedro II e ao bisneto D. Pedro Augusto de tão desditoso fadario por longos tempos prolongado. Natterer e outros são exemplos da esportação da historia natural brasileira.

O principe de Wied não fez, nem exportou tanto como Natterer, mas fez bastante e também esportou. Vio-nos para nos mostrar. Ao mostrar-nos em historia natural só encontraria o embaraço da escolha no reino animal, alvo de suas diligencias de estudioso. Como tal era conscio de que o conhecimento certo das cousas do saber não comporta opiniões no ar ou asseverações á carga cerrada sem fundamento.

Estudar de perto a vida de uns tantos animais impõe cuidados de prudencia ante instintos e garras quaes os de feras. Mesmo pequena uma onça pintada inspira respeito no prevêr o que será crescida. Para dizer qualquer coisa sobre a baleia convém não se avizinhar do abrutado cetaceo, nem aproveitar as formidaveis aspersões que atira aos ares quando foge de arpão ou folga na piscina oceânica dando exemplos a baleote que á materna sabe defender.

O principe de Wied acercou-se de especies domesticas ou domesticadas, vertebrados de boa paz ou de comica presença quasi de feição humana, assim os simios. Segundo Goeldi a America do Sul abriga a cerca de 42 % de todos os simios do globo. Não se infira, de modo algum, propensão da gente sul-americana só para caretas e volteaduras.

Deu largas á curiosidade o principe de Wied ao estudar tudo quanto encontrou dentro e fóra de aviários. Com tempo apenas para simples admiração, pela brevidade da passagem pelo Brasil, Maximiliano da Austria, o amigo dos rouxinões, já admirará a natureza brasileira.

O principe de Wied, ao envez do seu par de sangue azul, que o Mexico avermelharia, teve lazer para se enfronhar no que a nossa natureza ostenta ou esconde.

Chará do inaitoso Habsburgo, Maximiliano de Wied não se arriscou a ganhar imperio e a perder vida na America, lamentando Goeldi que Maximiliano d'Austria não houvesse continuado a ser um naturalista. Tinha quéda para tanto.

Estudando nossas aves, o principe de Wied suspeitou-lhes duas posturas em breve espaço de tempo, o que ficou depois conhecido segundo Goeldi. Nem deixe de ser lembrado ter evidenciado Maximiliano d'Austria, irmão tão diverso de Francisco José, o contraste geral entre o canto das aves brasileiras e o das européas, á semelhança do contraste de sons entre instrumentos de corda e de sopro.

"O excellent principe Maximiliano" — qualificação de Goeldi — deu-se ao trabalho de formar lista de aves nossas para demonstrar o predomínio da bi-postura em nossas aves; Euler, em 1867, começando a revogar a opinião.

Quanto a ovos não devia escapar ao principe naturalista a circumstancia de aves nossas, a máo exemplo de cuco europeu, não nidificarem, depositando ovos em ninho de especies diversas.

As aves não nidificantes buscam padrastrós para os filhos. Conforme Goeldi, um dos

ESCRAGNOLLE DORIA

MAXIMILIANO DE WIED

padrastrós mais procurados é o tico-tico no desprendimento explorado de maneira revoltante. No matrimonio também ha dessas especulações, consolem-se os tico-ticos.

Como todo o probo, foi principe de Wied vacilava para asseverar. Confessando impossibilidade de afiançar por exame proprio, punha de quarentena dizerem indios do

sul que o urubú-rei nidifica em arvores ôcas.

De urubú-rei a gavião real vai pequena distancia de asa. O gavião tão rapineiro, é que quem o mata no Perú anda de casa em casa arrecadando premios de galinhas, ovos e milho, chamando a si sem muita lisura o que o gavião-real não obteve.

Soube-o "o principe excellent" na paciencia de bom naturalista sem a pachorra de um colega que n'um centimetro cubico dos excrementos de morcego soube contar 41 restos de pernas de bichinhos maiores ou menores.

Entretanto com vagar de naturalista o principe de Wied internou-se em floresta nossa a vêr se em cópa de arvore bispava algum periquito, um d'esses trepadores que pressentindo observador ficam parados, no escuro das folhas confundindo plumagem sombria.

Singelamente, sem as grandes telas de historia natural á Buffon, o principe de Wied descreveu aves brasileiras. Assim consignou o modo de viver do anú preto: "Vive esta ave por toda parte no Brasil, onde quer que em pastos abertos alternem moitas e capões, em nenhuma porém surge nas florestas densas. Vê-se esta ave caracteristicamente sociavel, pousada em bandos, nas cercas das fazendas entre gado que pasta, no chão, pelos arbustos vizinhos e até nas costas das rezes, de sociedade com o caracará-i. No solo passeiam misturados aos vira-bostas. Ninguém os atropela ou faz-lhes mal".

A's observações do principe ajuntou Goeldi outras proprias dizendo: "quem não houver observado ainda esta ave muito pouco tem visto do mundo animal no Brasil e se me coubesse examinar historia natural não deixaria passar candidato que não desse noticia da ave em questão, o anú-preto". Felizmente para esaminandos, Goeldi nunca participou de banca de Historia Natural.

Esta latinisa uma porção de nomes. A chelidoptera tenebrosa é a nossa andorinha silvestre, a tatéra nortista. Para estudar-lhe o ninho, o principe de Wied, no Jequitinhonha, desceu por barranca arenosa do rio. Precisou cavar em sentido horizontal para encontrar sobre grosseira cama dois ovos branco-leite de tatéra.

Dos ninhos o principe de Wied ia ao canto das aves, enlevado com os gorgeios do sabiá da praia ou da restinga. E' frequente vê-lo, disse o principe, na ponta de arbusto, de cabeça levantada, desprendendo cantar claro, de lindas variações. Nas costas arenosas, requeimadas pelo verão, vi constantemente esta ave, de certo um dos melhores do paiz por todos os pontos onde viajei".

Não viajou pouco o augusto naturalista, passando pelas aguas do rio Doce, alcançando as do Itapemirim e do Itabaipana. Junto deste, em Muribeca, o principe de Wied descreveu o nosso pato bravo proclamado rei dos patos pelos vaqueiros marajoáras.

De Wied declarou ter apanhado exemplares da especie, embora ariscos e nada fáceis de apanhar, procurando acautelarse de caçadores nos sitios solitarios ou impenetraveis, juncaes, brejos, costas arenosas de ilhas.

Não teve Maximiliano de Wied a permanencia no Brasil de Natterer, de quasi quatro lustros, sem que por isso seja menos prezavel a contribuição do principe para o estudo de nossa fauna, esta menos opulenta de obras do que a nossa flora, mercê do admiravel grupo de botanicos encabezado por Martius.

Percorrendo a costa do Brasil, do historico Rio de Janeiro para o Norte, também historico, o principe de Wied, chegado em 1815, partia quando Natterer chegava, em 1817, para ficar conosco até 1835 e reunir vertebrados nossos em numero grandioso. Os nomes de Natterer e de Wied figuram em rôl de benemerencias a par dos nomes de

Wallace, Burmeister, Bates, Rodrigues Ferreira e outros de igual mérito.

Em 1826, por imprensa de Weimar, o principe de Wied dava conta ao mundo pensante do que aprendera quanto a vertebrados brasileiros.

Quando por sua vez Emilio Augusto Goeldi redigiu livro sobre vertebrados do Brasil, no seu retiro da Colonia Alpina na Serra dos Orgãos, disse não ser dispensavel a obra do principe de Wied por muito que houvesse decorrido tempo, evitando o homem de cada geração de estar na crença de que só ela sabe.

Valeu-se Goeldi para encarecer Maximiliano de Wied e outros peritos de saber de conselho dado por Schopenhauer: "Não ha maior erro do que acreditar-se sempre mais certa a palavra escripta por ultimo, que tudo escripto mais tarde representa avanço sobre o escripto mais cedo, que toda mudança é progresso. Portanto tome cuidado quem quizer instruir-se de não agarrar só nos livros mais modernos, julgando que o saber caminha sempre. Leiam-se, pois, quanto possivel, os proprios promotores, os fundadores, os inventores ou quando menos os mestres reconhecidos da especialidade".

Schopenhauer anda certo. As idéias têm ascendencia legitima, a bazofia é filha natural.



Principe Maximiliano de Wied Neuwied

Escragnolle Doria



A visita do Arcebispo Metropolitano à Federação das Indústrias de São Paulo.



A visita do consul norte-americano ao sr. Adhemar de Barros, Interventor Federal.



A comemoração do "Dia do Contabilista" pelo Instituto Paulista de Contabilidade.



A homenagem do Instituto dos advogados ao dr. Percival de Oliveira, recentemente nomeado desembargador do Tribunal de Apelação de S. Paulo.

JORNAL de SÃO PAULO



Na sala "João Mendes", da Faculdade de Direito: a homenagem da Academia Paulista de Letras e da Congregação da Faculdade de Direito à memória do professor Alcântara Machado.

FOTO

Lerr

Praça do Patriarcha, 96 — 6.º andar. Phone: 2-4349

**Quando fôr
a São Paulo**

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

★

• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succadora de
MAPPIN STOKES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

INSTITUTO ROENGTEEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES — FERNANDO AZZI
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394 - SÃO PAULO



O jantar de confraternização da Associação dos Antigos Alunos do Liceu Franco Brasileiro, no qual foram homenageados os srs. Lucien Tontain e Jean Touque, que regressaram dos campos de batalha da França.



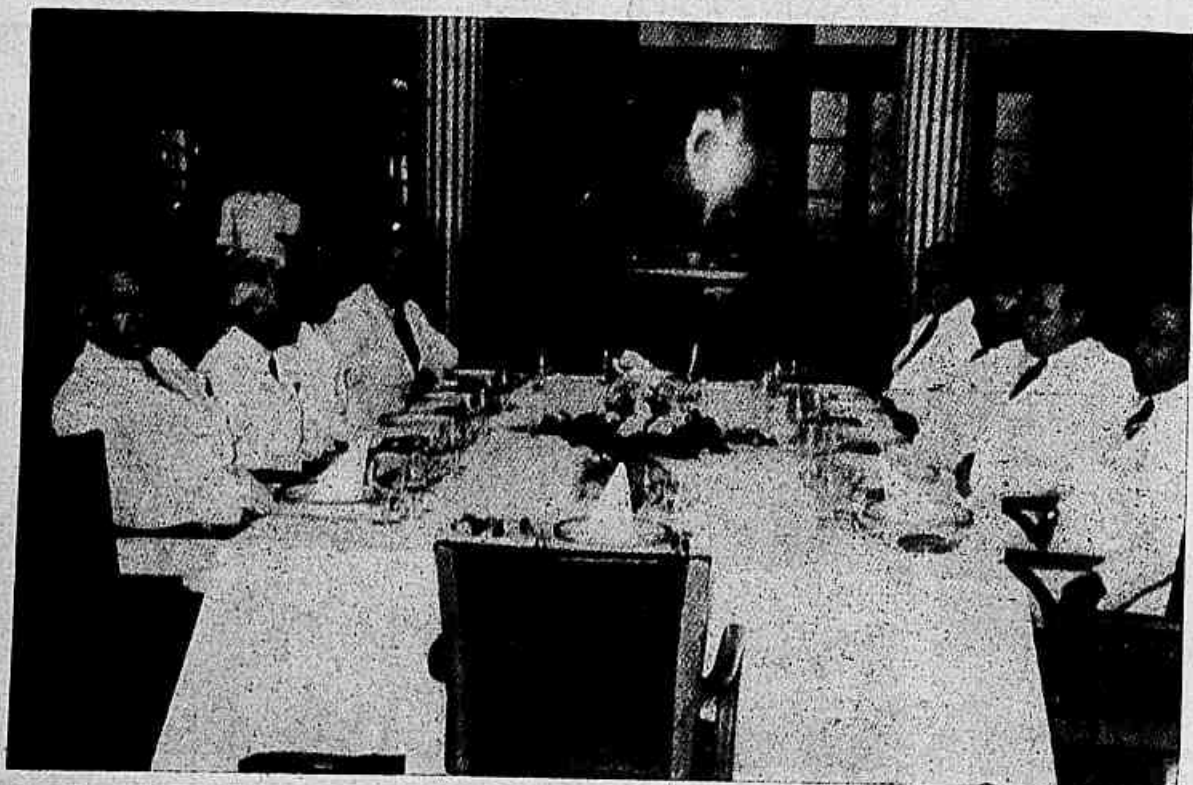
A senhorita Laura Fossati, da nossa sociedade, filha do dr. Luiz Fossati e de d. Maria Fossati.

Crônica

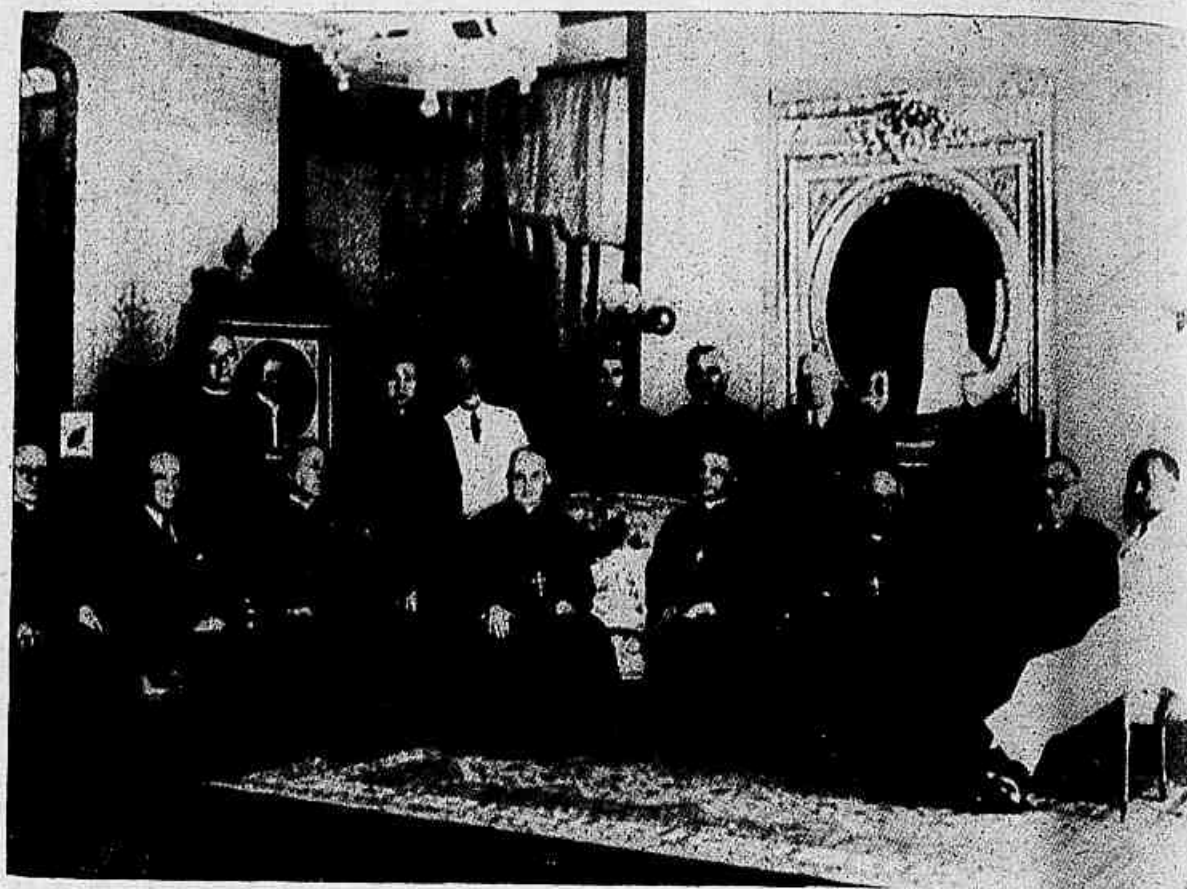
Só nas praias quentes da Califórnia Douglas ouvira algumas vezes rápidos comentários a respeito dumas músicas estranhas e dolentes, quasi desconhecidas, que se cantavam no Rio: o samba e a canção brasileira.

Como bom norte-americano, o simpático embaixador é homem de ação e não gosta de perder oportunidades. Procurou, desde que aqui chegou, alguém que lhe apresentasse esses ritmos musicais, que seu espirito curioso desejava conhecer e — quem sabe? — saborear.

Há dias atrás, o sr. Miguel Barroso do



FESTAS INTIMAS No Automovel Club do Brasil realizou-se o almoço que o jornalista Paiva Lima, presidente da embaixada de imprensa "Presidente Getulio Vargas" ofereceu aos diretores da Associação Brasileira de Imprensa, em retribuição ás gentilezas recebidas e tendo como convidado de honra o sr. Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda. Sentaram-se á mesa os srs. Herbert Moses, Heitor Beltrão, Oswaldo Souza e Silva, Paulo Filho, Gastão de Carvalho, Pereira Rego, Manoel Lourenço de Magalhães, Helio Silva, Bastos Tigre e Raul de Borja Reis, diretores da A. B. I., Lourival Fontes, director do D. I. P., e Paiva Lima, presidente da Embaixada. O almoço decorreu em ambiente da maior cordialidade, sendo trocados varios brindes.



NA NUNCIATURA APOSTÓLICA

Grupo colhido por ocasião do almoço oferecido a D. Pedro Massa, por haver sido sagrado bispo de Ebron. Vêem-se na foto, além de s. ex. o sr. nuncio apostólico e o homenageado, as seguintes pessoas: arcebispo de Mariana, bispo de Assis, general Azeredo Coutinho, dr. Nelson de Senna, major Aluizio Ferreira, monsenhor Gonzaga, João Uchoa e Portolupi, dr. Lopes Martins, o superior dos Salesianos, padre Consolini, dom Martinho O. S. B. e com. Edmund Lynch.

Noticiário ELEGANTE

Amaral ofereceu em sua residência, na Fonte da Saudade, uma recepção ao conhecido astro, na qual Dorival Caymi, Francisco Alves, Carolina Cardoso de Menezes e Laurindo de Almeida interpretaram diversos numeros de musica brasileira, entre os quais «Malandrinha», «O que é que a baiana tem», «Onde o céu azul é mais azul» e «Canta, Brasil».

Douglas Junior gostou de nossas músicas populares. Não sei, porém, se o samba e a canção gostaram de ser apresentados ao astro da terra dos «dólares». Quanto a mim, penso que a musica brasileira é um pouco tímida e só se apresenta com todo o seu sabôr nas calmas noites de luar do alto do morro ou do vilarejo do sertão. Junto dos estrangeiros elas ou ficam acanhadas ou querem se mostrar e ficam se «bamboleando» todas num exagerado artificialismo de quem quer deslumbrar os habitantes de outras terras. Perde o caráter de brasileiro simples, que é o seu maior encanto.

M. B.

ANIVERSÁRIOS

MAIO
10
SABADO

as sras. Rosalina de Almeida e Maria Carolina Vinhas; a senhorita Hilda Neto dos Reis; os dres. Alcino Santos Róngel e José Dantas de Souza Leite.

MAIO
11
DOMINGO

a sra. Lucy Barbosa de Lima Bastos; a senhorita Maria Beatriz Gomes Netto; o ministro Edmundo da Veiga; os dres. Flavio Rezende Rubim, Renato Gomes de Campos, Deoclecio de Campos e Mario Rolim Teles.

MAIO
12
SEGUNDA FEIRA

a professora Maria de Lourdes Nogueira; a sra. Oteline Coelho; a senhorita Alice Abdnago Alves; o sr. João Manoel da Cunha.

MAIO
13
TERÇA FEIRA

as senhoras dr. Randolpho Chagas e Candido de Oliveira Filho; a senhorita Inah de Melo; os dres. Oliveira Motta e Arthur Leão.

MAIO
14
QUARTA FEIRA

as senhoritas Eulina Martins Tinoco, Natalina Guimarães Campos e Laura Dias Fernandes; o dr. Domingos Segreto.

MAIO
15
QUINTA FEIRA

as senhoras Sá Rheingantz e Conceição Leite Ribeiro; as senhoritas Edith de Abreu, Iracema Silva e Laurinha Guerra Duval; os dres. Leonidas Machado e Barros Campelo.

MAIO
16
SEXTA FEIRA

as senhoras Felix Mangia e Baeta Neves; o general Nepomuceno Costa; os dres. J. Auzier Bentes e Antonio Leite Garcia; o sr. Armando Waddington.

CASAMENTOS

— a senhorita Babyne Sá e o sr. Edson de Almeida (João Pessoa — Paraíba)

CHA' DA CALOURA

Realizou-se o tradicional "Chá da Caloura" organizado pelas estudantes femininas das faculdades superiores do Distrito Federal.

MUSICA — Hoje á noite o famoso violinista Yehudi Menuhim, considerado o mais perfeito entre os que vivem no presente momento, dará o seu primeiro concerto, que está sendo esperado com ansiedade.



Douglas Fairbanks Junior e senhora chegam ao Hipodromo.

O acontecimento de maior relevo na vida da cidade, nestes ultimos tempos, e sem duvida a visita que ora nos faz Douglas Fairbanks Junior, um dos mais legitimamente representantes da cultura americana. O fato e notavel pela tradiçao artistica de que se reveste a personalidade brilhante do querido astro de Hollywood, e ainda mais im-

Uma tarde inesquecivel no Jockey Club Brasileiro

Conciente de sua missao de "Embaixador da Simpatia", o enviado de Tio Sam vae visitar a tribuna popular, afim de sentir palpitando, de perto, o coração da gente humilde do Brasil.



Autografando o album da senhorita Newton Tatsch.

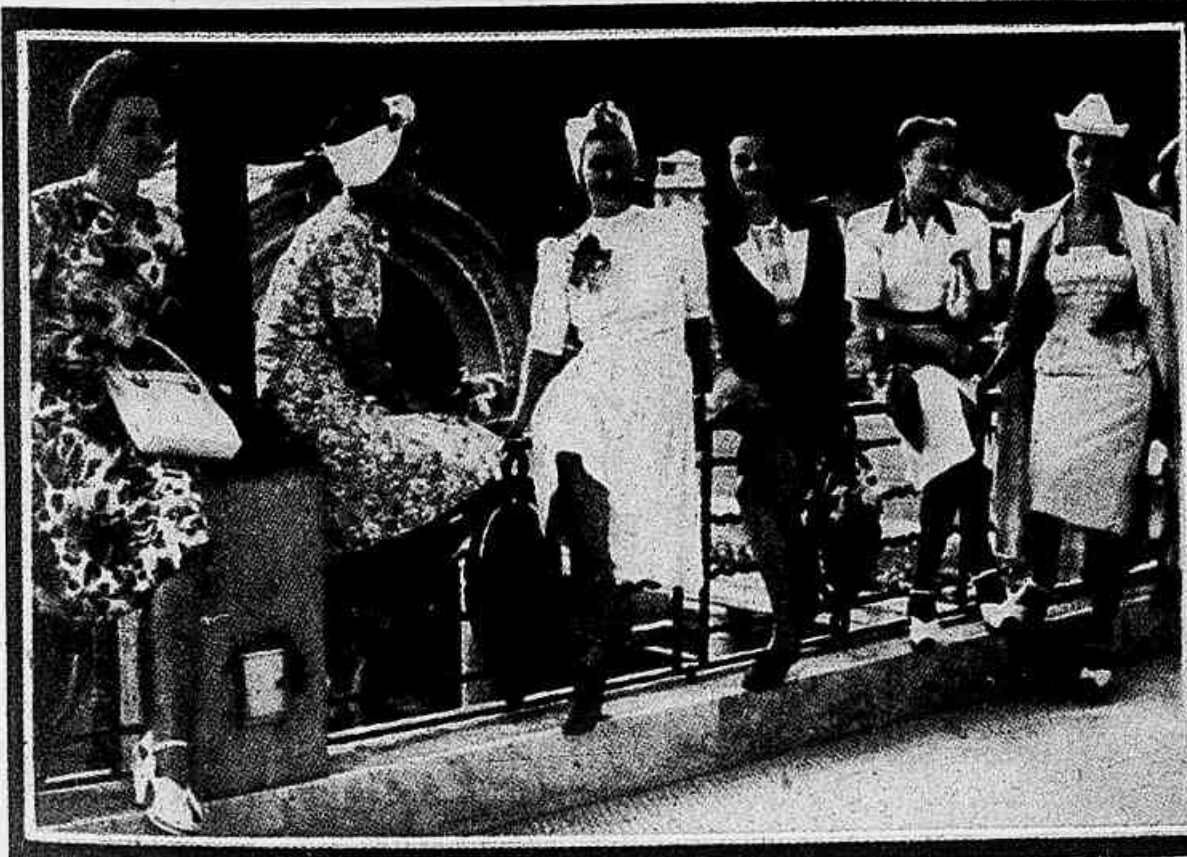
portante pela sua missao de "Embaixador da Amizade", tarefa que em boa hora lhe foi confiada pelo presidente Roosevelt. A nossa pagina focaliza aspectos do Hipodromo do Jockey Club Brasileiro, por occasiao da visita ali efetuada por Douglas Fairbanks Junior.



O querido astro e sua esposa, em companhia da snra. Lourival Fontes e do snr. Joao Borges Filho.



Em palestra com o general Góes Monteiro.



Um dos sucessos do dia foi a exhibição dos "modelos ingleses", ora em visita a esta capital



Na Tribuna de Honra o astro é alvo das atenções gerais.

DOUGLAS *no Rio*



Continuando a reportagem da visita de Douglas Fairbanks Jr. ao Rio, estampamos aspectos que aqui se vêem e que representam: Ao alto da página: à esquerda, Douglas em palestra com o sr. J. Caffery, embaixador dos Estados Unidos, na residência do ilustre diplomata, por ocasião do jantar que lhe foi oferecido. Ao alto destas linhas, e no mesmo ambiente, Douglas em conversa com o príncipe D. João de Orléans Bragança; ao lado, no primeiro plano, a sra. Douglas Fairbanks, e a seguir a senhorita Régis de Oliveira. Em baixo: Douglas fazendo sua conferência na Associação Brasileira de Imprensa e um aspecto parcial da assistência.





CERTO DIA, UM REI...

...mandou fazer para o bem do seu povo um chafariz numa rua denominada de Mata Cavalos. Era no ano de 1817, 124 anos depois um reporter reparou que ele continuava de pé apesar da rua ter mudado o nome para o de Riachuelo. E resolveu perguntar aos moradores das proximidades, que o vêem todas as manhãs, e aos viandantes que por ali passam apressada ou vagarosamente, qual foi o rei que o construiu. Será que muitos ainda

se lembrariam ou saberiam que existiu um rei no Rio de Janeiro e quem foi ele?

Éra domingo de manhã. Uma senhora saía de sua residência, em frente ao chafariz, no momento em que chegamos. Abordamo-la e perguntamos:

— Estamos fazendo uma reportagem sobre aquele chafariz e pedimos da senhora a gentileza de nos informar se conhece qual foi o rei que mandou fazê-lo.

A moça refletiu um pouco, olhou para a inscrição que continha a palavra Rey e depois, um pouco pesarosa de não nos poder dar a informação pedida, nos disse:

— Meu senhor, infelizmente estou morando aqui há pouco tempo. É verdade que já perguntei ao meu marido isso, mas depois ele se esqueceu e não me explicou.

— Está bem, minha senhora, não quer dizer nada.

Pouco depois passava ao lado do chafariz uma menina loura e muito viva.

— Será que você sabe, menina, qual é o rei a que se refere este chafariz.

— Não, não sei. Estou no começo do quarto ano da escola e ainda não estudei esse ponto.

— Qual nada! Aposto que você nem sabe ler.

— Isso eu sei! Quer ver? Olha, a palavra rei é esta aqui. E a lourinha subiu no chafariz e apontou para a palavra. Quando desceu perguntou:

— O senhor precisa muito saber qual foi esse rei?

— Preciso!

— Pois bem. Prometo que quando eu dêr o nome dele na aula mandarei para a "Revista" uma carta informando ao senhor.



— Pois não. Obrigado.

Quasi na esquina da rua André Cavalcanti estava um dos mais velhos moradores da rua do Riachuelo — o sr. Alexandre. Fomos até junto dele e perguntamos se sabia qual tinha sido o rei do chafariz.

— Que nada! Quando vim para o Brasil lá foi para cuidar de chafarizes? Vim foi para ganhar o dinheiro, ó homem!

Seu Alexandre disse essa frase na típica pronuncia portuguesa. E nos explicou que desde 14 de Fevereiro tinha 80 anos dos quais 43 no Brasil sendo trinta e tantos na rua Riachuelo.

— Que nada! Continuou. — Que rei! Quem há de conhecê-lo se esse chafariz foi feito há séculos. O que eu sei é que quando vim para aqui havia ali atraz uma fundição.

Parou um pouco, pensou e tirou os óculos para dizer uma frase que lhe pareceu concludente.

— Que nada! Se fosse o imperador, não se punha lá — pela policial!

A rapaziada da esquina também não nos pdeu informar quem havia sido o desconhecido rei. Mas resolveu nos apresentar a seu João, um velho de 81 anos que é o mais antigo morador da rua. Mora bem perto do chafariz.

Quando lhe perguntamos qual tinha sido o rei do chafariz ele nos disse no primeiro momento.

— Eu não era nascido.

Mas logo depois falou:

— Foi o D. João VI.

Perguntamos qual era a sua opinião sobre esse rei.

— Foi um bom rei. Deu muito impulso aqui. Construiu o Jardim Botânico, a Quinta da Boa Vista e os Arcos. (Entre parêntesis: a Quinta já existia e os Arcos já Gomes Freire os havia construído).

— Como soube o senhor isso?

— Tenho ouvido falar.

— Seu pai chegou a conhecê-lo?

— Chegou. Mas nunca me contou mesmo nada dele sinão que fez algumas remodelações. Do Pedro I é que me contou aventuras e feitos. Mas do chafariz só sei isso.

Despedimo-nos do seu João. E já davamos por encerrada a reportagem quando estava passando um senhor visivelmente estrangeiro. Inquirimos se sabia qual havia sido o rei que mandara fazer o chafariz. Disse-nos que não. Citou-nos Pedro I e Pedro II como imperador e terminou aventando a hipótese de tel-o algum rei português enviado da metrópole como presente.

Mas o que muita gente não compreende é a policia ter sido encarregada de erigi-lo. E que naquele tempo os trabalhos dessa instituição eram de maior amplitude e foi á custa da policia que ele foi construído no terreno junto ao muro da chácara do tenente-coronel Claudio José Pereira da Silva, na época de Paulo Fernandes Viana, por ordem de D. João VI.



O novo bispo, envolto nas vestes pontificiais e empunhando com a mão direita o báculo sagrado, está sentado no faldistório. É o momento chamado da entronização, em que pela primeira vez o novo pastor das almas contempla o seu rebanho. A mitra, as luvas e as sandálias prateadas destacam-se no cenário quase oriental.



No começo da sagração episcopal. Ainda padre, está D. Pedro Massa ladeado dos bispos assistentes D. Helvécio e D. Henrique.

Das cerimônias mais importantes do rito católico, destaca-se singularmente a sagração episcopal, dotada duma riqueza extraordinária de símbolos e duma profunda expressão mística, ambas muito aproximadas das reminiscências religiosas egípcias, persas e doutros povos orientais.

Pouca gente conhece as circunstâncias que envolvem a sagração de um bispo. Além de ser um fato que não acontece comumente, costuma passar despercebido da maioria das pessoas que não sabem estar perdendo uma das cousas mais maravilhosas e significativas da época atual — um acontecimento que nos faz atravessar os tempos medievais e nos leva até à investidura dos sacerdotes das religiões orientais. Em magnificência e grandeza esta cerimônia só é excedida pela coroação do Papa e sagração dos Cardeais. O bispado é considerado o grau superior, a hierarquia mais alta da Igreja. O bispo é o sucessor dos apóstolos, exercendo em sua diocese a plenitude do poder eclesiástico como chefe do clero colocado sob as suas ordens, intérprete das leis da Igreja e mantenedor da ordem litúrgica.

Sabemos que vai surpreender, a todos os que imaginam ser a sagração episcopal uma cerimônia rápida, o tempo de sua duração. Ele excede a três horas e meia, e basta isso para dar uma noção de como é interessante.

O bispo "eleito", isto é o novo bispo só pode ser sagrado por um delegado do Papa. As principais partes da investidura divi-



Uma imponente e preciosa mitra ladeada pelos presentes simbólicos ofertados pelos padrinhos: dois pães, um dourado e outro prateado, dois barris de vinho nas mesmas condições e duas velas.

dem-se em forma — que são as palavras pronunciadas ritualmente pelo sagrante — e matéria — que é a imposição das mãos, a imposição do livro dos Evangelhos, a unção do santo crisma na cabeça, a entrega das insignias, a prostração durante as ladainhas etc...



Chegou o instante da prostração. O eleito atira-se nos degraus do altar e durante meia hora fica em contacto com os céus. Um detalhe curioso: o comprimento das vestes usadas na cerimônia da sagração.



O sagrante está no altar-mór, sentado no faldistorio, lendo os Evangelhos segurados por um de seus capelães



Quasi no final da cerimônia, aproxima-se D. Pedro Massa do altar-mór, ladeado pelos seus assistentes.

As insignias episcopais são o báculo, que como cajado do Pastor significa a autoridade pastoral, o anel, que é o símbolo da união do bispo com a sua diocese; o Evangelho, representando a missão de pregar o credo como o faziam os apóstolos; a mitra, significando o capacete dos combatentes pela fé e tendo ao centro uma abertura, simbolizando os dois raios de luz saídos da fronte de Moisés por ocasião de sua descida do Sinai, e as luvas, representando a pureza das ações e obras praticadas pelo bispo.

No primeiro domingo de Maio realizou-se em Niterói, no santuário de Maria Auxiliadora dos Salesianos, a sagração de monsenhor Pedro Massa — Bispo titular de Ebron, prelado do Rio Negro e administrador Apostólico de Porto Velho, no Amazonas. Foi sagrante o Nuncio Apostólico, D. Bento Aloisi Masela, e assistentes D. Helvécio, arcebispo de Mariana, e D. Henrique, bispo de Cafelandia. Os padrinhos eram: coronel Eduardo Gomes, general Otávio Coutinho, dr. Escragnolle Dória, dr. Nelson de Sena, dr. Lopes Martins, coronel Raul de Silveira Melo e major Aloisio Ferreira.

PREPARAÇÃO DA CEREMONIA

A igreja estava repleta. Quando entrámos, perguntámos a uma senhora de idade que havia subido a escadaria do templo ao mesmo tempo que nós:

— A senhora já assistiu a alguma sagração?

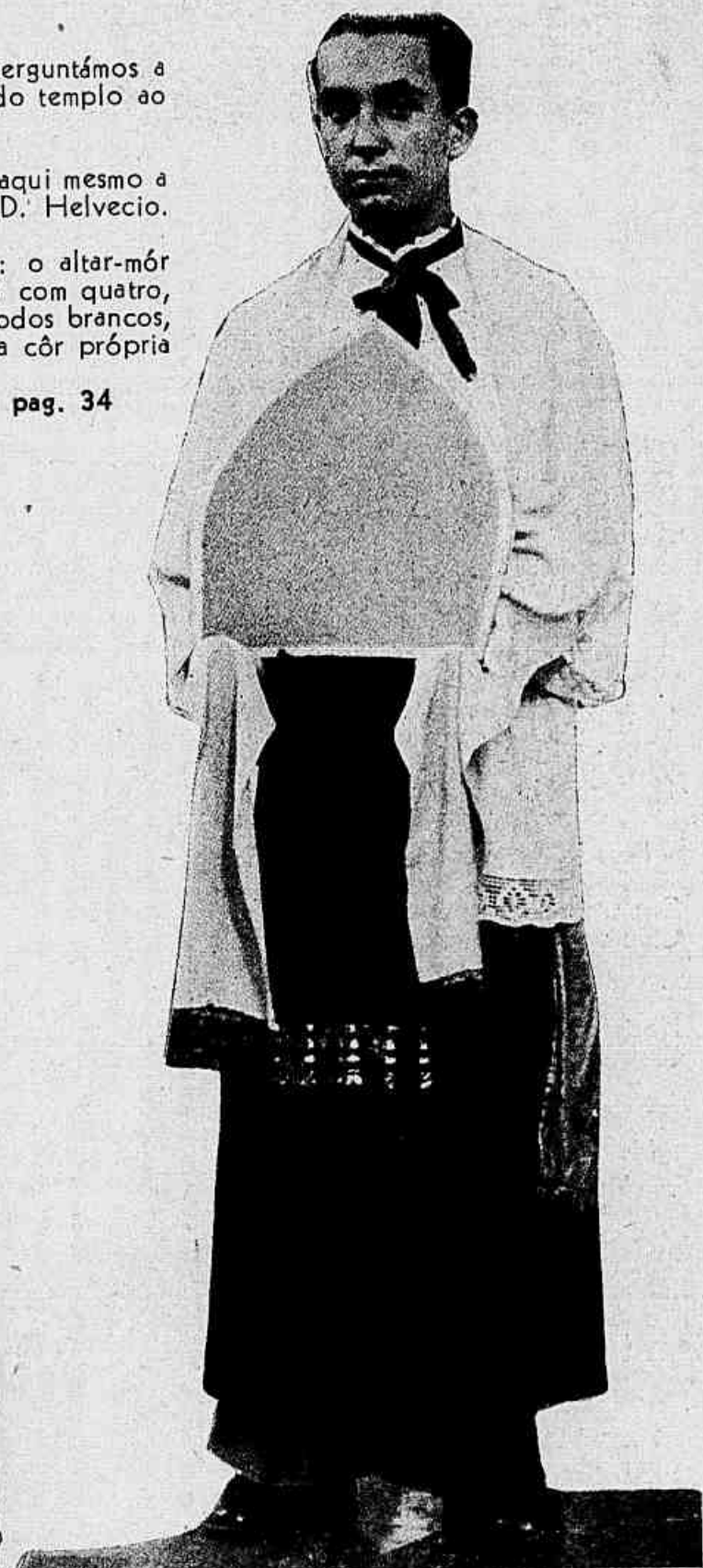
— Já: a do Bispo de Valença na Catedral e aqui mesmo a de D. João da Mata, D. Henrique Mourão e de D. Helvécio. Foram cerimônias muito bonitas.

No Santuário estavam preparados dois altares: o altar-mór ornado com sete velas, para o sagrante e um outro com quatro, para o eleito. Neste os ornamentos pontificais eram todos brancos, que é, como nos informou o mestre-de-cerimônias, a cor própria da sagração dos bispos.

Conclue na pag. 34



E' a hora solêne da Imposição dos Evangelhos sobre a cabeça e as espáduas do eleito significando que o bispo é ao mesmo tempo o interpretador pela inteligência e o escravo pelo juramento das leis contidas nos livros sagrados.



Durante a sagração fica este capelão do lado direito do altar-mór, segurando a mitra que virá a ser entregue como insígnia episcopal ao bispo, quando consagrado.



Nossa voz seja um hino vibrante levado no vento...

Uma professora se aproximou de nós e mostrou o programa das comemorações. O Dr. Bricio Filho, veterano das sangrentas lutas de 1893-94 ia fazer um discurso representando o grêmio «Floriano Peixoto» do qual é presidente e depois ia falar a diretora da escola. Sérios e atentos os alunos seguiram as palavras dos dois oradores.

Terminada essa etapa diversas meninas vieram falar conosco espontaneamente.

— O senhor é da REVISTA DA SEMANA?

— Sou, porque?

— Quer visitar a exposição dos trabalhos que fizemos sobre o patrono da escola?

E assim fomos conhecer a exposição. As salas estavam desertas: fora uma ou outra criança admirando algum desenho ou fotografia. Com recortes de jornais e revistas estava ali narrada a vida de Floriano e a de alguns outros vultos brasileiros. Vistas dos Estados mostrando paisagens, rios e montanhas distantes, também existiam em quantidade.

— Quer tirar o nosso retrato, pediram às meninas.

— Pois não! Seja feita a vossa vontade.

Fomos à janela e dali apreciámos a entrega do prêmio «Floriano Peixoto» ao aluno Roberto Bastos da Costa, que em todo o curso vem tirando o primeiro lugar. Fez um discurso de agradecimento bonito e cheio de gestos.

O Centro Cívico Rocha Pita apresentou uma dramatização infantil com o aparecimento de Tiradentes, José Bonifácio, Benjamin Constant e Deodoro. Cada um contou à assistência o que fez, enumerando com um pouquinho de vaidade, que decerto eles não tiveram, seus feitos e terminando com a declaração: — E Floriano consolidou isso tudo.

Estavam presentes duas filhas do nosso segundo presidente — as senhoras Maria Anunciata e Maria Josina, que se achavam ladeadas pelos coroneis Pío Borges, Jonas Corrêa e Ayrton Lobo, Drs. Floriano Lemos, Arthur Peixoto e Bricio Filho.

QUANDO chegamos à Praça Argentina, no cimo de uma colina em São Januário, o vento da tarde nos trazia na música emocionante de Vila-Lobos os versos do hino cantado pelas crianças da Escola Floriano Peixoto:

« Levado no vento, correndo no azul,
E percorra esta terra gigante
Que vai do Amazonas aos Pampas do Sul.

Floriano esse herói brasileiro
Que aqui, nós contentes juramos amar...

No interior da escola estava se comemorando mais um aniversário do nascimento do Consolidador da República. Em forma, sob o pavilhão enfeitado de bandeiras e flores, estavam as dezenas de meninos e meninas que frequentam aquela escola. Todos sorridentes e alegres pelo meio feriado e pela festa bonita.

Entrevistamos uma menina de 8 anos:

— Você sabe quem foi Floriano?

— Sei. Foi o homem que consolidou a República.

— E gosta dele?

— Gosto, seu moço. E gosto também da República.





OS ANÕES, LITUANOS no Club Ginástico Português



Flagrantes colhidos na tarde de domingo ultimo ao realizar-se nos salões do C. G. Português a interessantissima exhibição dos anões da Lituânia para uma numerosa assistencia infantil e de senhoras.



CONSTRUÇÃO DE DOURADO S/A FUTURAS INSTALAÇÕES DA SOCIEDADE HIPICA BRASILEIRA RUA JARDIM BOTANICO N° 522

ENGENHEIRO RESP. ALBERTO DOURADO LOPES
ARQ. AUTOR DO PROJETO MARIO C. P. DE AMORIM

O lançamento da pedra fun- damental da SOCIEDADE HIPICA BRASILEIRA

Mais uma grande
realização de
DOURADO S.A.

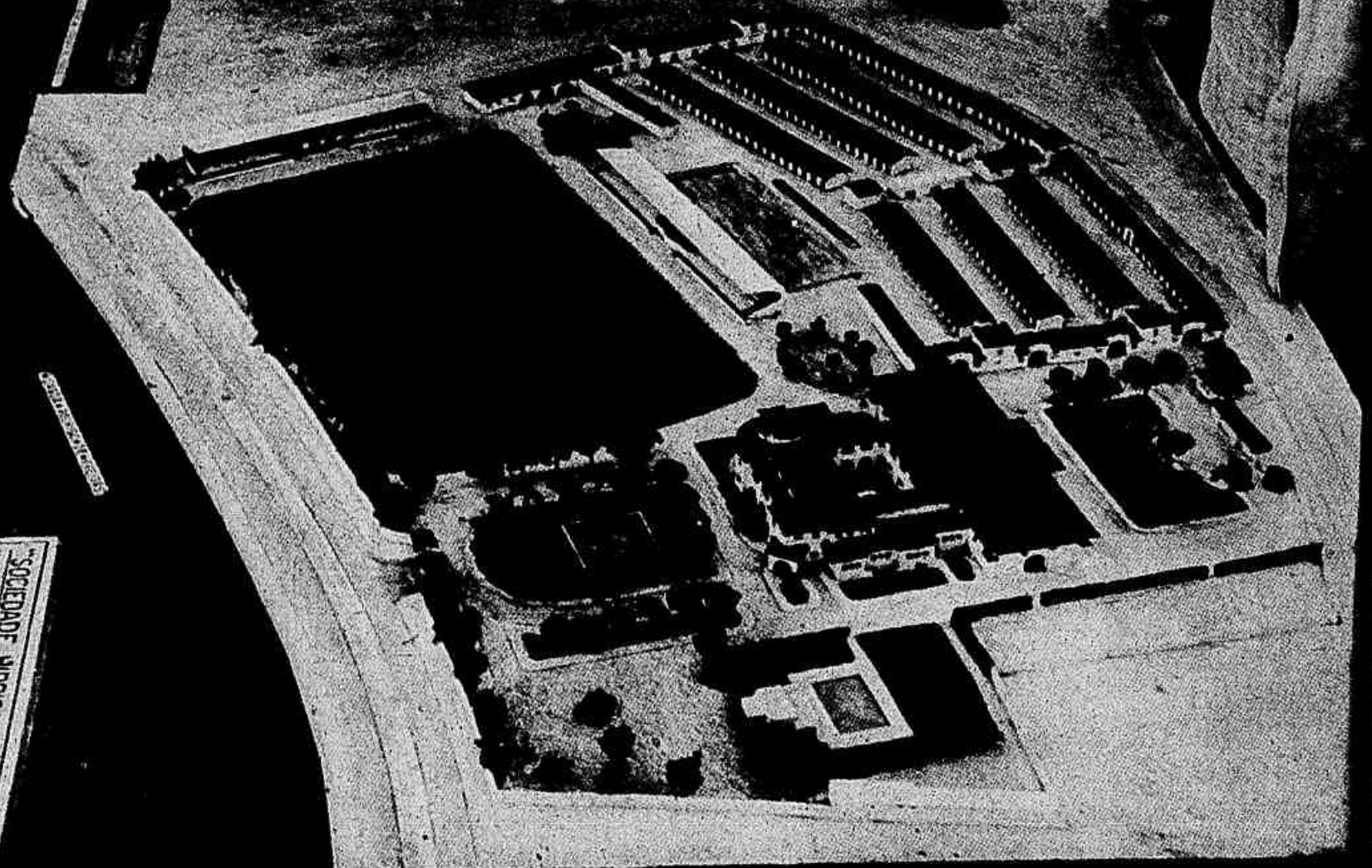
Flagrante colhido por ocasião do lançamento da pedra fundamental da sede da SOCIEDADE HIPICA BRASILEIRA, quando discursava o prefeito Henrique Dodsworth.

A nossa página apresenta vários aspectos das cerimônias realizadas por ocasião do lançamento da pedra fundamental das instalações e sede da SOCIEDADE HIPICA BRASILEIRA, cuja construção está a cargo de DOURADO S/A, firma que desfruta grande renome, sendo justamente considerada como uma das mais importantes do Rio de Janeiro.

Ao ato inaugural compareceram os srs.: Henrique Dodsworth, prefeito do Distrito Federal; Lourival Fontes, diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda; general Meira de Vasconcelos; ministro Armando de Alencar, presidente da Sociedade, e muitas outras pessoas representativas.

No momento em que foi colocada a pedra fundamental, falou o ministro Armando de Alencar, sô-

SOCIEDADE HIPICA BRASILEIRA
VIZINHA DAS NOVAS INSTALAÇÕES DA SEDE
EM CONSTRUÇÃO NA AVENIDA
MARIO C. P. DE AMORIM



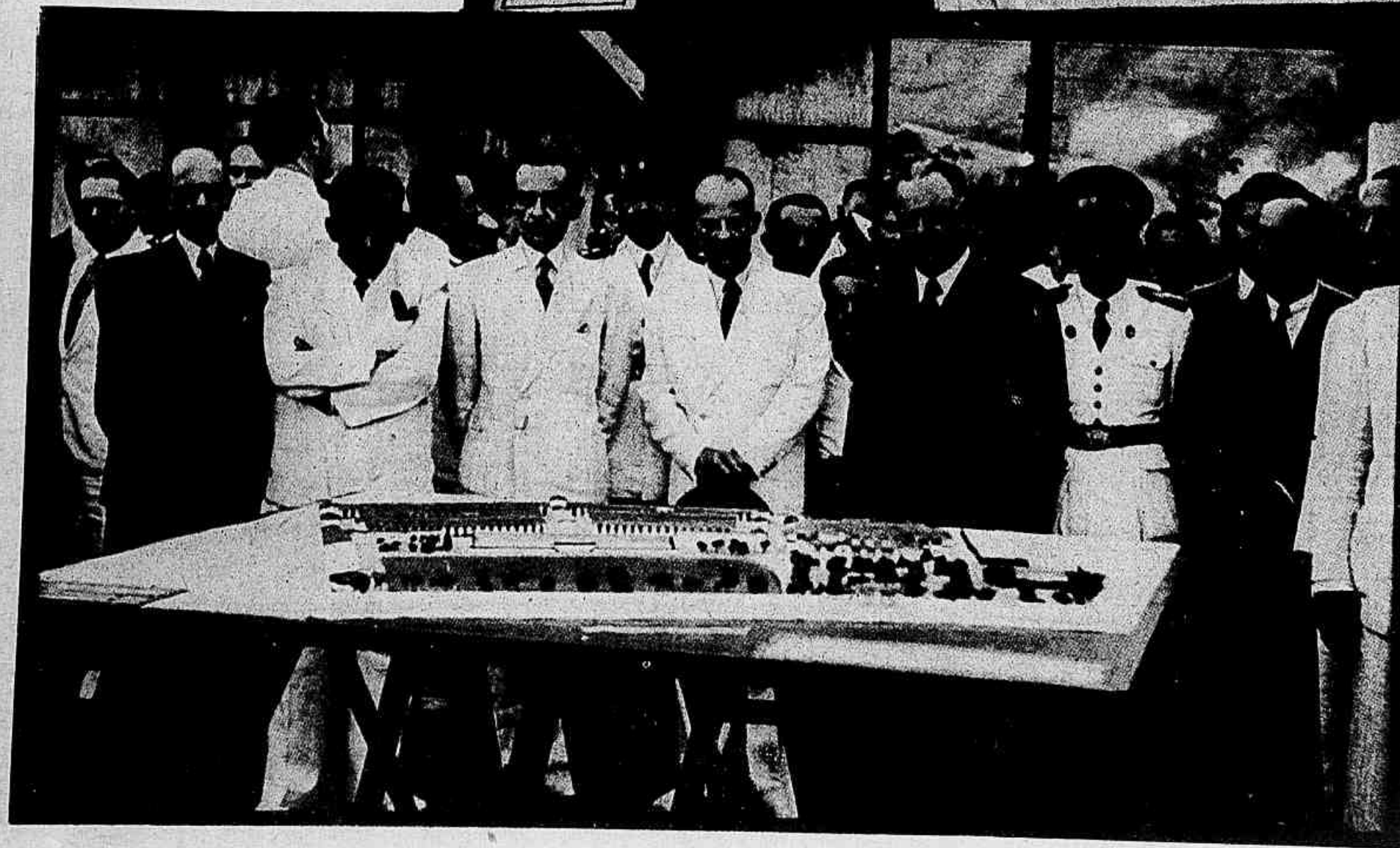
Maquette das instalações e sede da SOCIEDADE HIPICA BRASILEIRA.
(Projeto da firma DOURADO S/A.)

bre os objetivos da instituição e suas futuras instalações.

Em seguida, discursou o prefeito Henrique Dodsworth, fazendo votos pelo êxito das obras que se iniciavam e pela prosperidade crescente da instituição.

As instalações da SOCIEDADE HIPICA BRASILEIRA ocuparão uma área de cerca de 58 mil metros quadrados, devendo as obras estar concluídas dentro de um ano, mais ou menos, estando a construção a cargo, como dissemos acima, da firma DOURADO S/A.

À esquerda: — O sr. Henrique Dodsworth, após o ato inaugural, ladeado pelos srs. general Meira de Vasconcelos, Lourival Fontes, ministro Armando de Alencar e membros da firma DOURADO S/A.

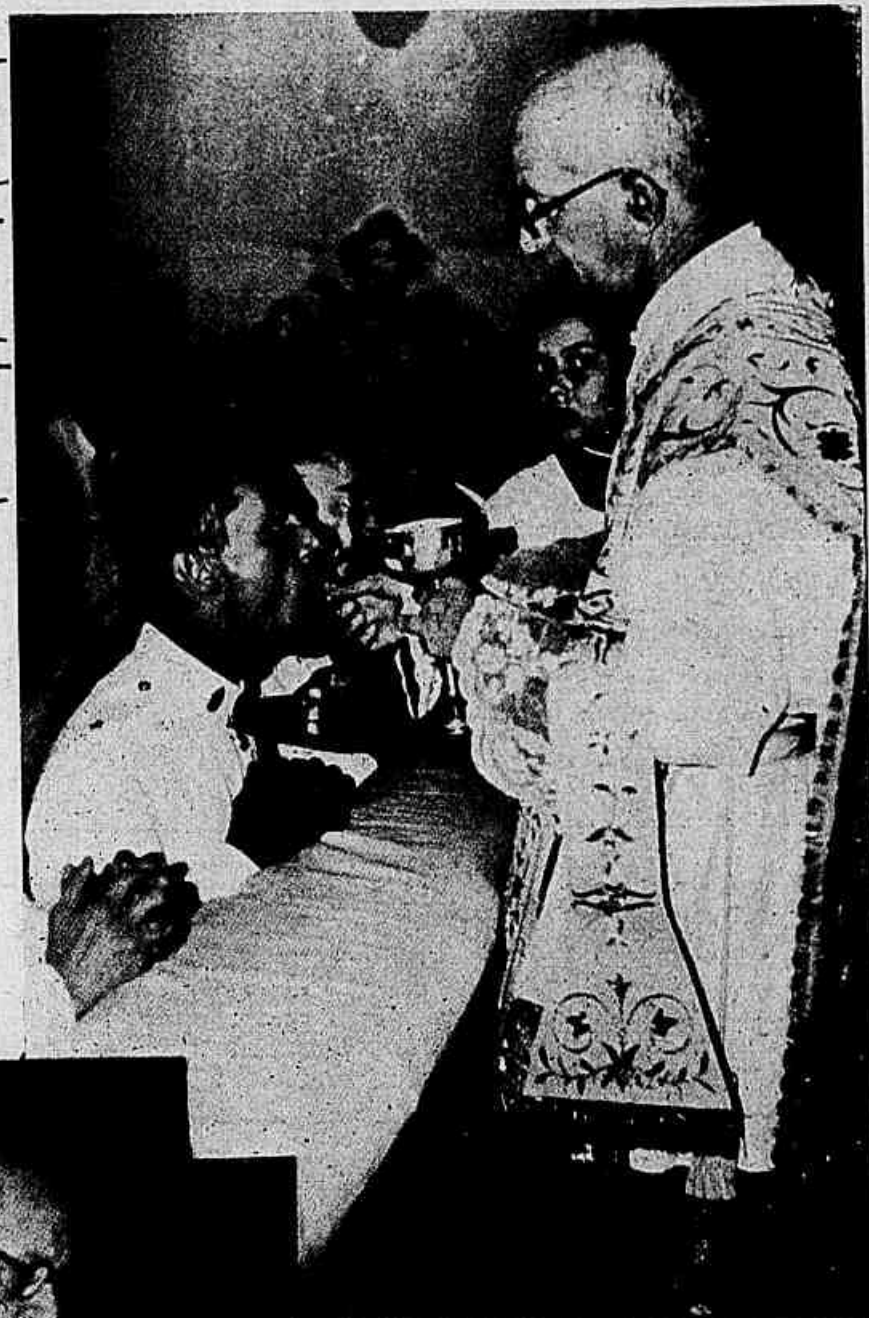


A PÁSCOA DOS MILITARES

Uma empolgante
demonstração de
fé católica.



O cardeal dom Sebastião Leme num dos momentos em que rezava, durante a Missa. Mais ao fundo vê-se o almirante Gltahy de Alencastro.



O padre está dando a hóstia aos cadetes que estavam presentes à cerimônia.



Em bancos especiais no recinto do altar, estavam os generais Francisco José Pinto e Sílio Portela.



Um detalhe de soldados no instante da comunhão.

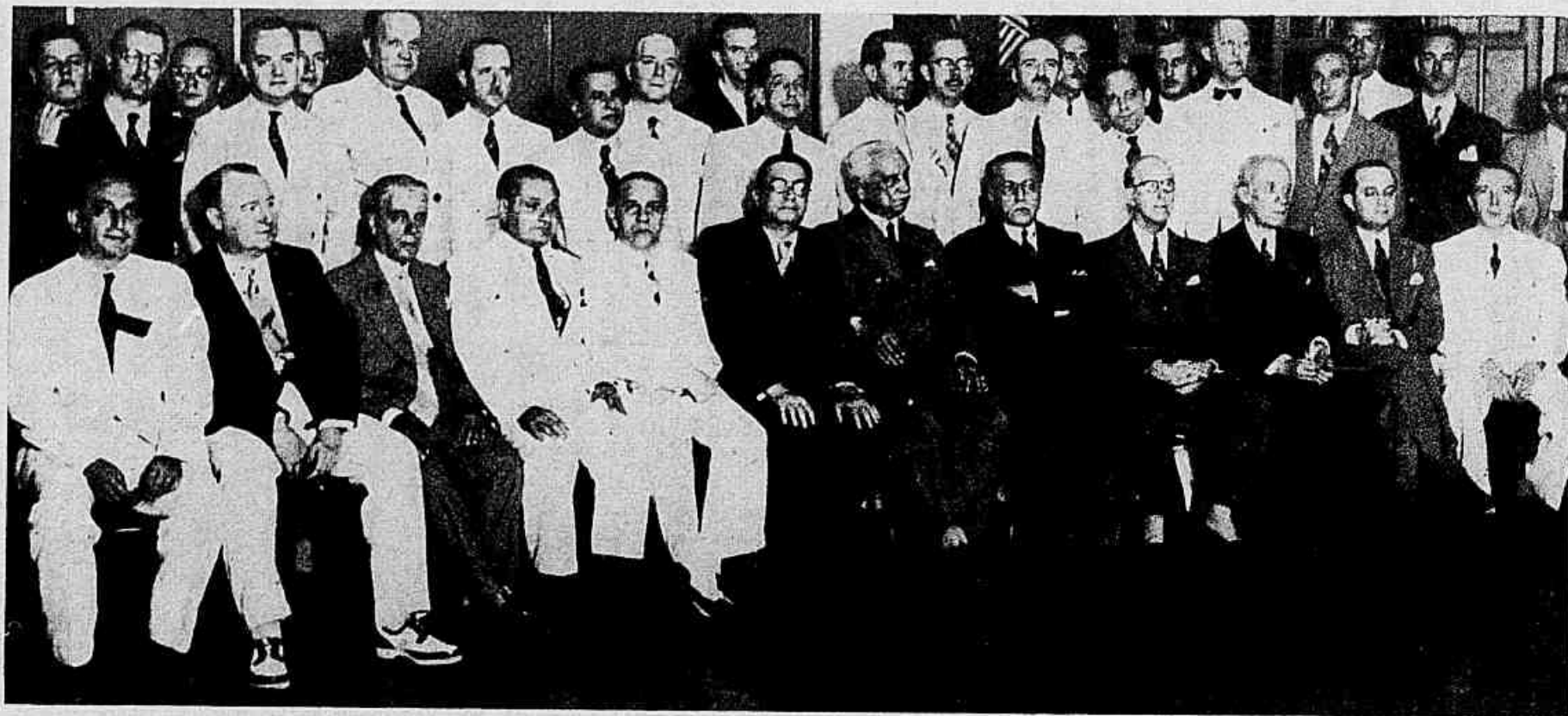
A Páscoa dos Militares teve origem na tradição da Igreja Católica, que pede aos seus fieis que comunhem ao menos uma vez ao ano. Motivado por isso, em geral na época da Páscoa, são escolhidas as datas em que se realizam comunhões coletivas de determinadas profissões ou classes. Conforme bela e simples circular do general Francisco José Pinto, na qual foram convidados os oficiais e praças da

O general Franco Ferreira, com as mãos cruzadas, ouve serenamente as palavras do padre.



No interior da igreja. Alunos da Escola Militar seguem atentos o Santo Sacrifício.

ativa e da reserva de mar, terra e ar, este ano foi marcada a data do domingo 4 de maio para a cerimônia, que se realizou na matriz de Santana, sob a presidência de sua eminência o cardeal d. Sebastião Leme. Terminou sua circular o general Francisco Pinto com estas palavras: "Enquanto o mundo anda dividido e em guerra, celebremos nós, no Brasil, a festa da união e da paz".



"A FORÇA DA LEI E A AÇÃO DO JUIZ" NO CLUBE DOS ADVOGADOS — Inaugurando as atividades culturais do Clube dos Advogados, no corrente ano, o desembargador Alvaro Goulart de Oliveira, presidente do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, pronunciou aplaudida conferência sobre "A Força da Lei e a Ação do Juiz". No grupo acima figuram muitos dos magistrados e juristas presentes à reunião, destacando-se (sentados, da esquerda para a direita) os srs. Toscano Espinola, Miranda Jordão, Raul Camargo, Ademar Tavares, Frederico Sussekind, José Antonio Nogueira, ministro Eduardo Espinola — presidente do Supremo Tribunal, Justo de Moraes — presidente do Clube dos Advogados, Goulart de Oliveira, Frutuoso Aragão, Luís Gallotti e Romão Côrtes.

de luz", "Árvore de prata", "Floração tropical" e mais "Depois da guerra", composição dramática altamente expressiva, em que se mostra a que consequências pode levar o pacifismo lírico dos povos que se desarmam na hora em que todos se armam.

SOL A DOMICILIO

Voando, um dia, sobre Paris, o engenheiro francês Pierre Arthel, que morava num apartamento sombrio, contemplou os milhares e milhares de tetos banhados pela luz solar e imaginou a possibilidade dum sistema que colhesse aqueles raios luminosos e os projetasse para dentro das casas. E ao cabo de longas experiências obteve um dispositivo que permite apagar a luz do sol e clarear com ela sótãos, estações do caminho de ferro subterrâneo e até as minas mais profundas.

O heliostato Arthel consiste num espelho enorme, acionado por um motor que do terraço das casas acompanha automaticamente o curso do sol e reflete os seus

Noticias e comentarios

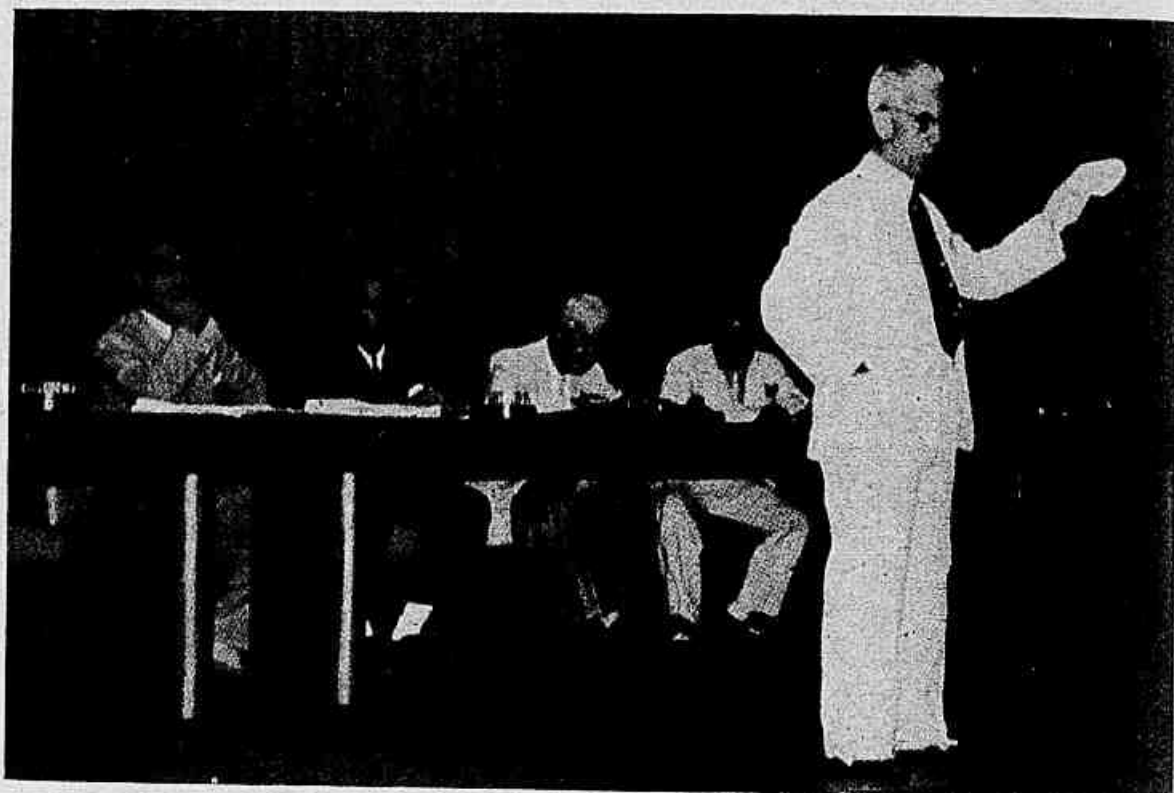
Revista da Semana



A nossa capa

A gravura da nossa capa representa um trecho da terra carioca através da visão artística da sra. Odette Barcellos, figura representativa da pintura brasileira contemporânea. **Quaresmeiras em flor** é o seu título e o seu motivo. É um aspecto da lagôa Rodrigo de Freitas, a montanha do Corcovado ao fundo, um céu luminoso de meio-dia, e no primeiro plano as árvores floridas com toda a poesia de Abril.

Esse quadro é um dos muitos que podem ser vistos e admirados na exposição inaugurada com brilhante êxito, no dia 2, no salão da Associação dos Artistas Brasileiros no Palace-Hotel, exposição em



NA A. B. I. Aspecto da Assembléa Geral Ordinária da Associação Brasileira de Imprensa, no momento em que o sr. Herbert Moses, presidente, procedia à leitura do Relatório.

que ainda merecem destaque varias telas da nossa illustre patricia, como "Canto

raios em outro espelho fixo que, colocado junto a uma janela ou uma porta, envia a luz assim obtida para dentro da casa. Daquela feixe principal de raios luminosos nascem outros, menores, que, colhidos e aumentados por espelhos de menor dimensão, se propagam de aposento em aposento, por orifícios praticados perto do teto.

O feixe principal representa 32.000 velas. Os motores são de impulso automático e são regulados por termostatos.

Os heliostatos Arthel estão sendo usados, há alguns anos, na França, Bélgica, Holanda e África do Norte. As lojas comerciais da Haya são iluminadas por esse processo, e na Repartição Central dos Correios, de Amsterdam, dispõe dum feixe de luz que pode graduar a seu bel prazer.

O jorro de luz elétrica que se obtém com um Arthel eleva-se a 80 % nos países meridionais. E como os raios solares captados pelos heliostatos não produzem calor, o sistema é de especial utilidade nas regiões quentes onde permite que se conservem fechadas as cortinas contra o calor de fóra e se gose uma suave claridade no interior das casas.



EXPOSIÇÃO H. DE IRAJÁ

Aspecto colhido no Palace Hotel ao ser inaugurada a 57.^a exposição de quadros do pintor patricio dr. Hernani de Irajá, sob o patrocínio da Associação dos Artistas Brasileiros e Sociedade Brasileira de Belas Artes.

Uma data brasileira



Em 3 de Maio se comemora a descoberta de nossa Terra. E' a data oficial do momento em que as caravelas portuguesas de Cabral se aproximaram pela primeira vez das praias que bordejam nosso litoral. Aqui no Rio, diversas comemorações se realizaram e entre elas destacamos as que vemos acima — à esquerda o historiador lusitano Jaime Cortesão, realizando uma conferência no Liceu Literário Português, e em baixo, à direita, um aspecto da assistência. Os outros dois aspectos fixam a solenidade que foi levada a efeito na Glória em frente à estátua de Pedro Álvares Cabral, vendo-se dois jovens estudantes colocando nela um cêsto de flôres, e senhores, senhoras e crianças, dentre os que estiveram presentes.

O amor e a morte

Há no livro de Rosita Forbes **Conheci estes homens** a comovedora página que se segue:

—De toda a minha vida só quero recordar uma página... disse-me sir Basil Zaharoff, mostrando-me um retrato de sua esposa. — Deseja saber como a conheci? Foi na escadaria do palácio do Escorial, perto de Madrid. Certa moça

que se encontrava a pequena distancia de mim singularmente me chamou a atenção. Era a primeira vez que eu a via. O seu rosto pareceu-me o mais lindo e mais triste que já me fôra dado olhar. O cavalheiro que a acompanhava trazia o peito coberto de condecorações. Os presentes afastavam-se para lhes dar passagem. De repente, o homem, tomando brutalmente o braço da companheira, fê-la soltar um gemido. Sem refletir propriamente no



PRIMEIRA CONFERENCIA INTER-AMERICANA DE ADVOGADOS

A sessão solene do encerramento da Conferência na sala das sessões da Câmara dos Deputados do majestoso edifício do Capitólio, em Havana, quando falava o delegado brasileiro, dr. Edmundo de Miranda Jordão, fazendo o discurso oficial em nome de todos os delegados americanos. Na mesa se encontra, além de outras figuras, o sr. Sommer Smith, embaixador dos Estados Unidos da América. O Congresso, que se abriu a 24 e se encerrou a 29 de Março último, congregou quasi todos os países da América, representados por cerca de quinhentos delegados, tendo nele sido ventilados magnos problemas. As resoluções desse conclave serão publicadas brevemente. O Congresso, realizado em Havana, foi presidido pelo dr. Manuel Fernandez Superville, presidente da Federação Inter-Americana de Advogados.



EXPOSIÇÃO GASTÃO FORMENTI

Aspecto tomado no ato inaugural da exposição do pintor patricio Gastão Formenti no salão da Associação Chistã de Moços.

que fazia, esbofetei o homem. Era D. Francisco de Bourbon, duque de Marchena, primo do rei de Espanha; e ela, a adorável criaturinha de dezoito anos que o acompanhava, era sua esposa. Imagine a senhora o escândalo! Batemo-nos no dia seguinte. E fui gravemente ferido.

Estava no hospital há duas semanas quando uma senhora me veio visitar. Negouse a dar o nome. Embora, porém, trouxesse o rosto coberto com espesso véu, imediatamente a reconheci. Era ela! Condenou, embora com extrema doçura, o meu arrebatamento; e deu-me a entender que nessa mesma noite partiria com o marido...

Subornando os encarregados de me guardar, consegui fugir do hospital e chegar à estação antes da partida do trem. Enchi o vagão de flôres. E, aproveitando um descuido do marido, pude trocar algumas palavras com ela.

Dai por diante as flores que nunca deixei de lhe enviar, onde quer que ela estivesse, constantemente lhe falavam do meu amor. Durou isto trinta anos. Morto o duque, casámo-nos. Fomos muito felizes, muito, talvez de mais...

A voz de sir Basil Zaharoff perturbou-se, emudeceu. A esposa morrera ano e meio após o casamento.

Recebendo a Mitra e o Báculo

(Conclusão da pag. 27)

D. Pedro Massa paramentou-se no seu altar com o amito, alva, cingulo, estola cruzada, pois ainda era considerado padre, e capa de asperges. Os bispos assistentes estavam com mitra branca, roquete e outros paramentos. Depois de algumas cerimônias iniciais D. Pedro Massa começou a Missa como simples padre até o momento do Evangelho, em que a interrompeu para o início das cerimônias da sagração. Após ser sagrado voltou ao mesmo altar, e como bispo continuou o Santo Sacrifício até o ofertório, quando passou para o altar-mór. Todas as consagrações da igreja católica são feitas durante a missa.

PRELUDIO DA SAGRAÇÃO

Interrompida a Missa, os bispos assistentes conduziram D. Pedro Massa perante D. Bento Masela, que se achava sentado em frente ao altar num trono de metal dourado, forrado de setim vermelho, denominado faldistório. Ficaram alguns instantes em silêncio, após o que D. Helvécio falou em latim a frase ritual: "Reverendíssimo Padre, pede a santa Madre Igreja Católica que eleveis ao onus do episcopado este padre aqui presente".

O sagrante perguntou então: — "Tendes o mandato apostólico?"

Respondeu o primeiro assistente: — "Nós o temos".

"Que seja lido" falou D. Bento Masela.

Sentam-se todos e um capelão faz a leitura do Breve, que lhe entregou o assistente. Terminada a leitura o sagrante fala com voz profunda: — "Deo Gratias".

EXAME DO ELEITO

Começou aí D. Pedro Massa a ser interrogado sobre os costumes e a fé por D. Masela em voz alta e por D. Helvécio e D. Henrique em voz baixa.

Quando o sagrante lhe perguntou se estava resolvido a regular sua vida pelas Sagradas Escrituras, respondeu o bispo eleito:

— Sim, de coração quero consentir e obedecer em tudo". Continuou depois o exame e quando se fez a clássica pergunta — "Anatematiza todas as heresias?" ouviu-se a resposta precisa do novo bispo — "Anatematizo".

D. BENTO ALOISI MASELA INICIA A MISSA

O sagrante começa o santo Sacrifício ajudado por D. Pedro Massa, enquanto os assistentes ficam sentados em seus lugares, recitando o salmo e a confissão, auxiliados por seus capelães, que seguram os santos livros enquanto eles lêem.

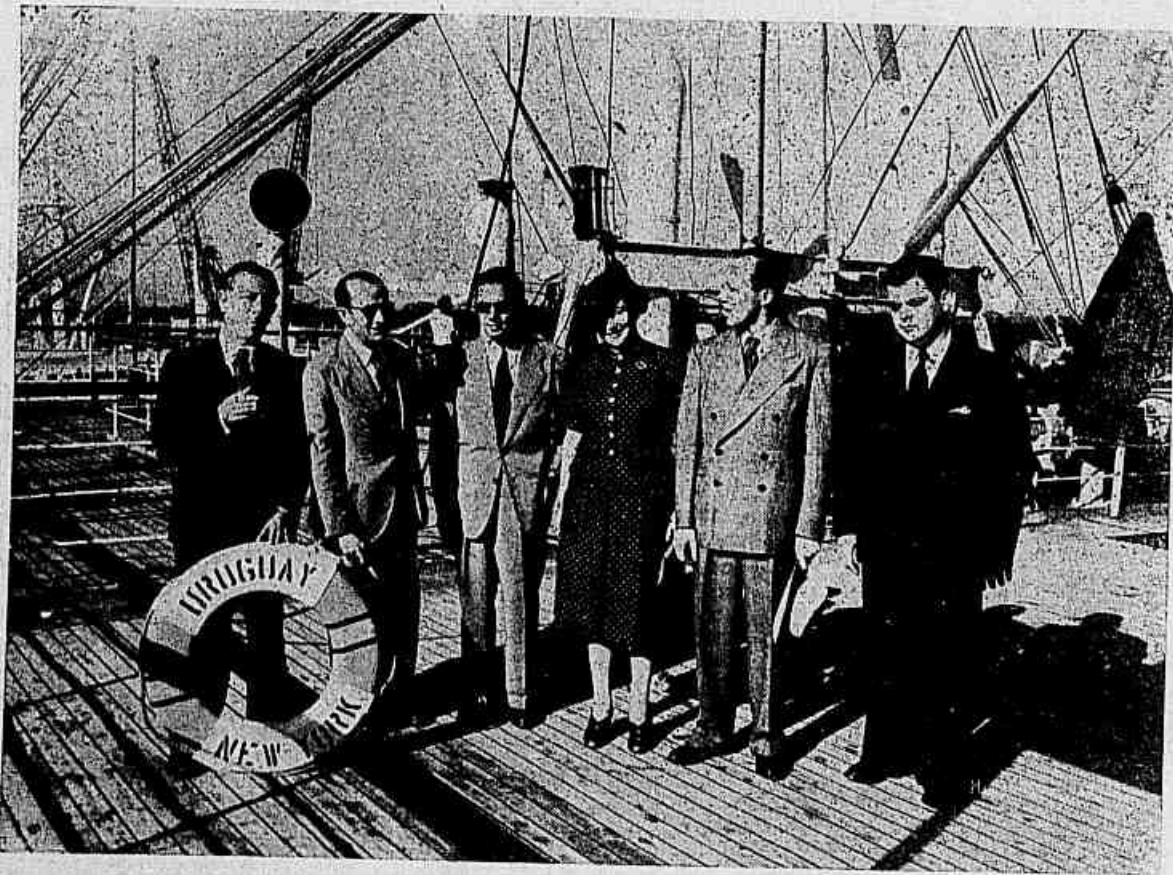
E' um dos momentos mais solenes de toda a cerimônia. O silêncio que há na igreja indica a grandiosidade do rito que se está processando. As vestes e os paramentos dos bispos lembram indumentárias exóticas, enquanto a mitra nos traz á mente sacerdotes de épocas distantes, de religiões estranhas. Como é diferente todo esse surpreendente cenário que temos diante de nossos olhos!

Depois disso, D. Pedro Massa dirigiu-se ao seu altar, onde lhe tiraram a capa de asperges e lhe calçaram as sandálias de seda prateada, e recebeu a cruz peitoral. Desta maneira o eleito começou a Missa, como de ordinário, mas no meio do altar e sem se voltar para o povo ao dar "Dominus vobiscum", reminiscência das antigas cerimônias litúrgicas da Igreja. Quando chegou ao ultimo Aleluia, antes do Evangelho, foi a missa interrompida para recomençar posteriormente.

AS LADAINHAS E A PROSTRAÇÃO

Estava quasi chegando o momento da sagração propriamente dita. D. Aloisi Masela juntamente com os dois assistentes fala: — "O bispo deve julgar, interpretar, consagrar, oferecer, batizar e confirmar" — frase na qual são enunciados os deveres essenciais do novo bispo. Começou então a ser pedida a bênção de Deus para o eleito pela intercessão dos Santos. Para isso são cantadas as ladainhas de Todos os Santos, durante as quais o futuro bispo permanece prostrado por terra sobre o tapete.

Regressa da América do Norte o dr. Pierre Bouillette



Pelo "Uruguay" chegou de Nova York o dr. Pierre Bouillette, engenheiro químico-perfumista, diretor dos Laboratórios de Pesquisas da Companhia Gessy. S. S. regressa de uma demorada visita aos centros industriais dos Estados Unidos, onde o levou importante missão da grande fábrica brasileira de sabonetes e perfumes.

Falando à imprensa, o conhecido técnico, que conta com largo círculo de amizades em nosso país, onde já se acha radicado há vários anos, declarou que volta satisfeito com os resultados de sua viagem à América do Norte, onde foi especialmente para tratar da aquisição de novas máquinas e equipamento do mais moderno e aperfeiçoado, que habilitarão a Gessy a atender à crescente procura destes apreciados produtos. Disse ainda s. s. que, conhecendo intimamente a indústria perfumista da Europa e dos Estados Unidos, pode afirmar que os brasileiros tem motivo de orgulhar-se pelo notável progresso que se alcançou aqui neste difícil ramo industrial, em cuja vanguarda se coloca a Gessy pelo espírito progressista que a anima e a que se deve sua extraordinária força de expansão.

No clichê vêem-se o dr. Pierre Bouillette e sua exma. senhora, quando eram recebidos pelos representantes da imprensa, amigos, diretores e funcionários da Gessy.

Centenário de Salvador de Mendonça



No edifício do Silogeu Brasileiro, a Academia Carioca de Letras realizou mais uma sessão comemorativa do centenário de Salvador de Mendonça, a qual foi presidida pelo nosso colaborador dr. Escagnolle Dória e teve a presença do desembargador Sussekind Mendonça.

Por trás do altar-mór estava a "Schola-Cantorum" dos Salesianos, que começou a entoar o nome de cada santo seguido de cântico "ora pro nobis".

— "São Benedito!"

— "Ora pro nobis!"

— "Santa Cecília!"

— "Ora pro nobis!"

— "Santa Bonifácia!"

— "Ora pro nobis!"

Durou cerca de meia hora, finda a qual começou a verdadeira sagração iniciada pela imposição do Evangelho.

IMPOSIÇÃO DO EVANGELHO

Dom Bento Aloisi Masela conservou-se de pé, voltado para o povo, tendo os bispos assistentes ao seu lado. D. Pedro Massa ajoelhou-se diante dele para que o representante do Papa colocasse um grande missal, aberto, sobre as espaldas, de tal forma que tocassem na cabeça do eleito a parte superior do livro e nos ombros a inferior. Esta parte da cerimônia simboliza que o bispo possui a inteligência do Evangelho como legislada, mas também está sob o jugo de suas leis.

Nessa posição continua o Evangelho até quasi o fim da cerimônia.

IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

Neste momento é que o eleito se torna bispo. O sagrante e os assistentes colocaram as mãos sobre a cabeça de D. Pedro Massa e disseram com gravidade: — "Accipe Spiritum Sanctum", isto é: Recebe o Espírito Santo.

Logo em seguida falou D. Bento Masela:

— Sede propicio ás nossas supplicas, Senhor, inclina sobre vosso servo aqui presente o vazo fecundo da graça sacerdotal e derramai sobre ele a virtude e a eficácia de vossa bênção.

O RITO DAS UNÇÕES

Os próprios padres católicos têm afirmado serem as unções, com o óleo santo, ritos de grande antiguidade, utilizadas na consagração de pessoas ou cousas a Deus. Com o óleo denominado de crisma, mistura de óleo e de bálsamo, fazem-se unções na cabeça e nas mãos do novo bispo. Era assim que se fazia outrora a unção dos reis.

Uma faixa de linho branco com bordados simbólicos dourados foi amarrada nesse momento na frente de D. Pedro Massa. Ajoelharam-se todos e D. Bento Masela entou o "Veni Creator", que o cântico continuou, enquanto ele se sentava no faldistório e com a mitra e o anel, mas sem as luvas, ungiu a cabeça do novo bispo de Ebron dizendo:

— "Que pela bênção celeste tua cabeça seja ungida e consagrada na ordem pontifical", fazendo em seguida três sinais da cruz sobre a cabeça ungida.

Pouco depois D. Pedro Massa ajoelhou-se e estendeu as mãos abertas e unidas. Com o polegar, o sagrante as ungiu falando — "Que estas mãos sejam ungidas de óleo santificado, do santo crisma, e sejam ungidas e consagradas como David foi sagrado rei e profeta por Samuel."

Depois disso foi feita a entrega das três primeiras insignias; o báculo, o anel e o Evangelho, tudo entremeadado de frases rituais.

CONTINUAÇÃO DA MISSA E OFERTÓRIO

Voltou então D. Pedro Massa a rezar a Missa, já nesse momento como bispo consagrado. Estava com uma mitra amarela e vestes da mesma cor, com muitos bordados dourados. Seu báculo era prateado e dourado.

Antes de continuar a Missa, seus cabelos foram penteados com um grande pente de marfim e purificada a sua cabeça com miolo de pão.

Depois do Credo, aproximaram-se os padrinhos levando os presentes simbólicos: duas velas acesas, dois grandes pães e dois barris de vinho. E' uma interessante reminiscência dos primeiros tempos da Igreja, quando os crentes davam ao celebrante o necessário á Missa: O pão e o vinho para a consagração e as velas para serem acesas nesse momento.

Depois disso D. Bento Aloisi Masela e D. Pedro Massa continuaram a celebração da Missa no mesmo Altar-Mór até o instante em que foram entregues a Mitra e as Luvas. Feito isto o sagrante e um dos assistentes entronizaram D. Pedro Massa, que ficou durante alguns minutos sentado de frente para o povo. Levantou-se pouco depois e, acompanhado de D. Helvécio e D. Henrique, foi até á porta da igreja pela ala central, voltando pelo mesmo caminho até o altar, onde cantaram a ultima prece, "Te ergo quaesumus", após o que foi D. Pedro Massa abraçar e agradecer ao sagrante e assistentes, dizendo:

— Ad multos annos! Ad multos annos! Ad multos annos!

Três horas e meia se passaram. D. Pedro Massa foi ao seu altar e concluiu o Evangelho, mudando em seguida as vestes pontificais.

Terminara a sagração de um bispo.

O DIA DO TRABALHO



O Presidente da Republica quando pronunciava o seu discurso, declarando instalado, em todo o paiz, a Justiça do Trabalho.



Aspéctos tomados no dia 1.º, ao realizarem-se as principais comemorações da data festiva nacional.

O presidente Getulio Vargas acionando o martelo elétrico para bater a primeira estaca da construção do Obelisco que será erguido na Praça Onze de Junho em homenagem a S. Ex.

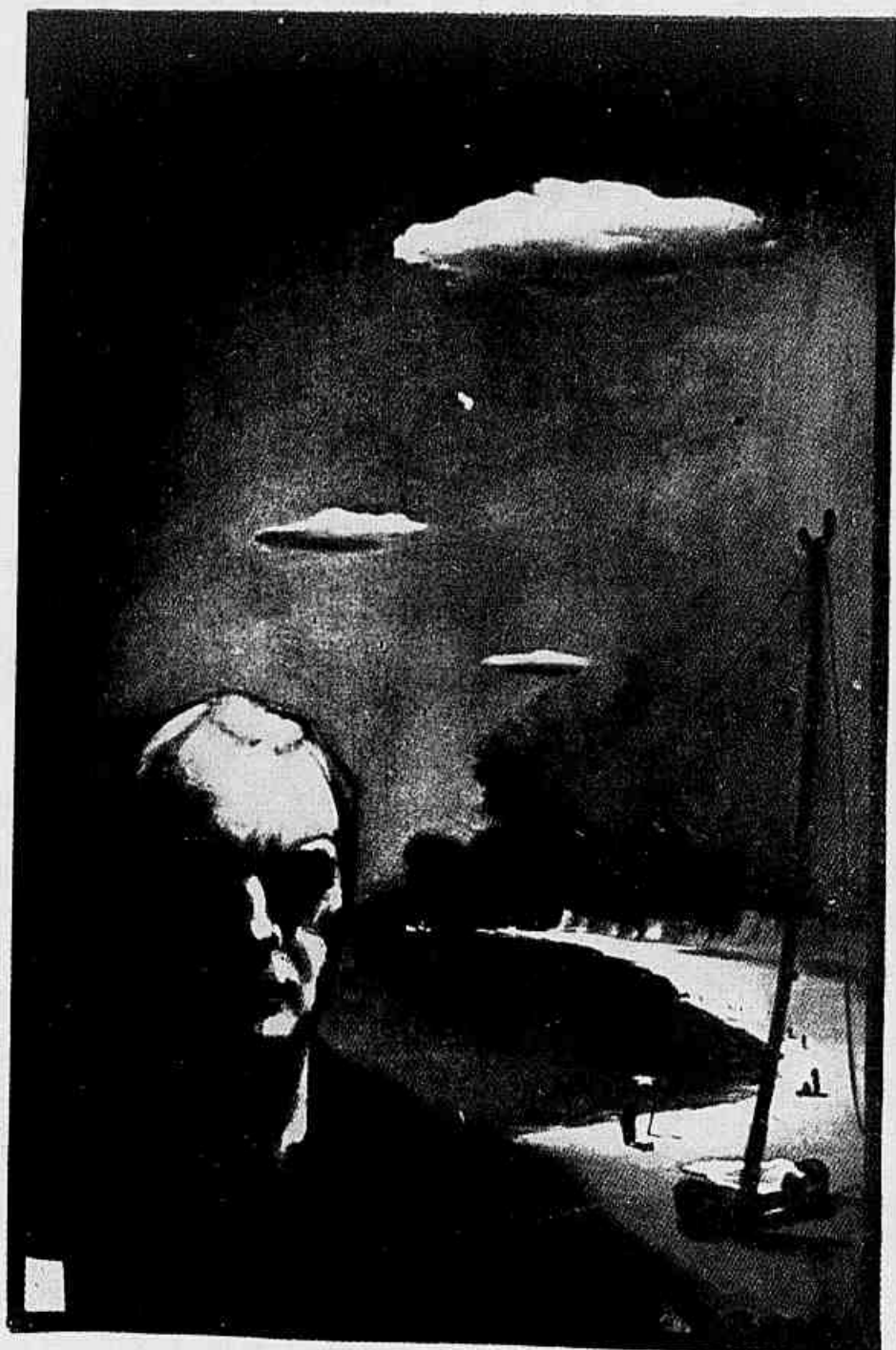


Aspécto parcial do desfile operario realizado no estádio do Vasco da Gama com a presença do Chefe da Nação.



Outro aspécto colhido na praça de esportes do Vasco da Gama, durante a demonstração física.

ARTE



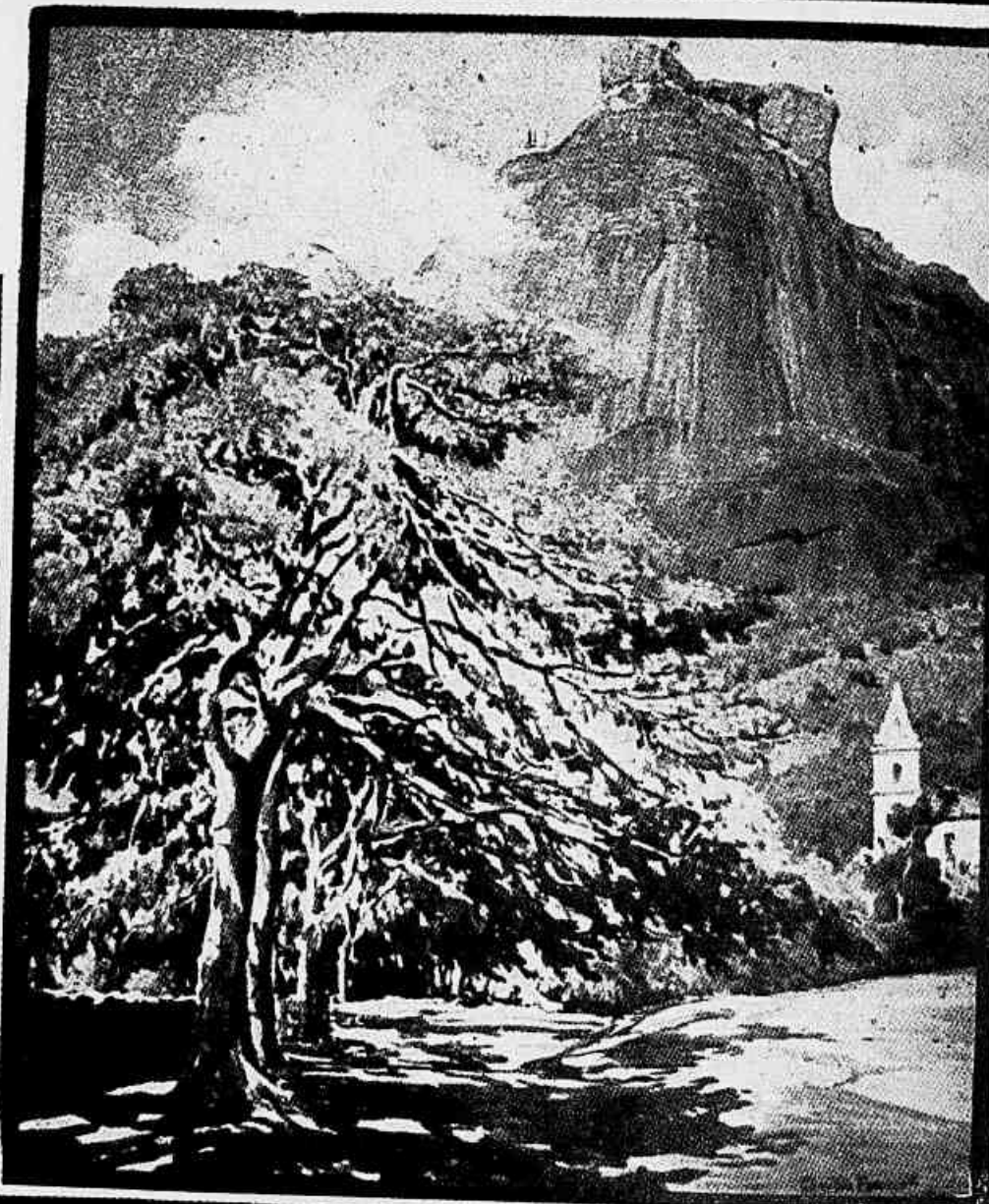
"Lembrando Europa" — óleo de Jan Zach, artista tchecoslovaco que está expondo seus trabalhos no salão do Pálace Hotel. Estudou na Escola de Artes e Indústrias e na Academia de Belas Artes de Praga. Obteve vários prêmios em concursos internacionais de arte e arte decorativa, representando a arte da Tchecoslováquia que nos últimos 20 anos foi das mais célebres na Europa.



"Cactus" — aquarela de Jan Zach. Foi esse pintor que decorou o Pavilhão Tchecoslovaco na Feira Internacional de Nova York. Também é conhecido na Europa e na América do Norte como ilustrador de livros.



"Véu para a Comunhão" — Na exposição retrospectiva de Carlos Reis, estão reunidos alguns dos mais belos quadros, existentes no Rio, do grande pintor português falecido há pouco tempo. Entre eles se destaca o que apresentamos nesta página.



"Flamboyant" — bela paisagem de Gastão Formenti, cuja exposição está se realizando atualmente no salão da S. B. A. O conhecido artista nacional pintou-a dum recanto da Gávea.



Ao lado :

"Antiga capela" — outra tela de Formenti, apresentando um velho aspecto do bairro de Humaitá.

F JORNAL DAS FAMILIAS



VESTIDOS MODERNOS PARA NOIVAS

Modelos de Outono.



1 — Costume de crepe marocain branco; nervuras no casaco e bolsos aplicados. 2 — Costume de lã ou linho mesclado. Pregas duplas no casaco e na saia. 3 — Manteau de crepe espesso azul marinho, guarnecido com pespontos. 4 — Vestido de crepe azul marinho com desenhos brancos, gola e punhos de fustão branco.



5 — Vestido de crepe preto, guarnecido com bordado de seda branca.
6 — Vestido para jantar, de crepe marocain cor de vinho acompanhado por um bolero, enfeitado com renda grossa. 7 — Vestido de tafetá rosa com pintas pretas. Faixa de fita de fantasia. 8 — Vestido elegante de crepe bege claro guarnecido com lentejoulas baças em tons vivos.



eliminado, sua pelle alisada e seu corpo adquirirá elasticidade e elegancia com os "Banhos de Esbeltez Sarowal".

"BANHOS DE ESBELTEZ SAROWAL VENDEM-SE NAS PRINCIPAIS PERFUMARIAS E NAS DROGARIAS."

Pedidos do interior attendem-se no mesmo dia. Folhetos gratis. Envie o coupon

BANHOS DE ESBELTEZ



SAROWAL

DIMINUE O PESO

Com este agradável banho de beleza, sem exercício, sem drogas perigosas, V. S. pode adquirir um tipo elegante e esbelto, e por uma forma agradável e sem prejuízo para sua saúde. Milhares de senhoras e homens o experimentaram. Tomam na intimidade de suas habitações os "Banhos de Esbeltez Sarowal".

Durante muitos annos as fontes thermaes, famosas em todas as partes do mundo, foram o recurso das pessoas que desejavam conservar-se jovens e ageis.

A sciencia, que tudo investiga e descobre, reuniu nos "Banhos de Esbeltez Sarowal" os principios activos dessas fontes. Assim, pois, tem V. S. á sua disposição as virtuosas aguas que manterão seu corpo jovem, dando-lhe uma forma esculptural.

Para o banho dissolva V. S. em uma banheira de agua quente o conteúdo de um dos 4 pacotinhos que contém cada caixa de "Banhos de Esbeltez Sarowal".

Tome um "Banho de Esbeltez Sarowal" esta noite e o achará agradável e refrescante.

Pese-se V. S. antes e depois do banho, e noites depois, ao repetil-o, V. S. poderá constatar por si mesma a diminuição do peso que corresponda á sua estatura; um banho por semana bastará para conserval-o.

Depois de cada banho, V. S. se sentirá mais jovem. Na manhã seguinte de cada banho, V. S. experimentará a sensação de ter descansado bem.

Notará que se alisam mais as rugas da pelle, e que seu corpo adquiriu maior agilidade. Não é necessario que V. S. se prive nas suas refeições dos alimentos que mais aprecie. Não lhe fazem falta os exercicios cançativos, nem as drogas que arriscam sua saúde. Seu excesso de peso será

LABORATORIOS VINDOBONA

Rua Uruguayana, 104-5º and. - Tel. 23.1100 - Rio de Janeiro.

LABORATORIOS VINDOBONA

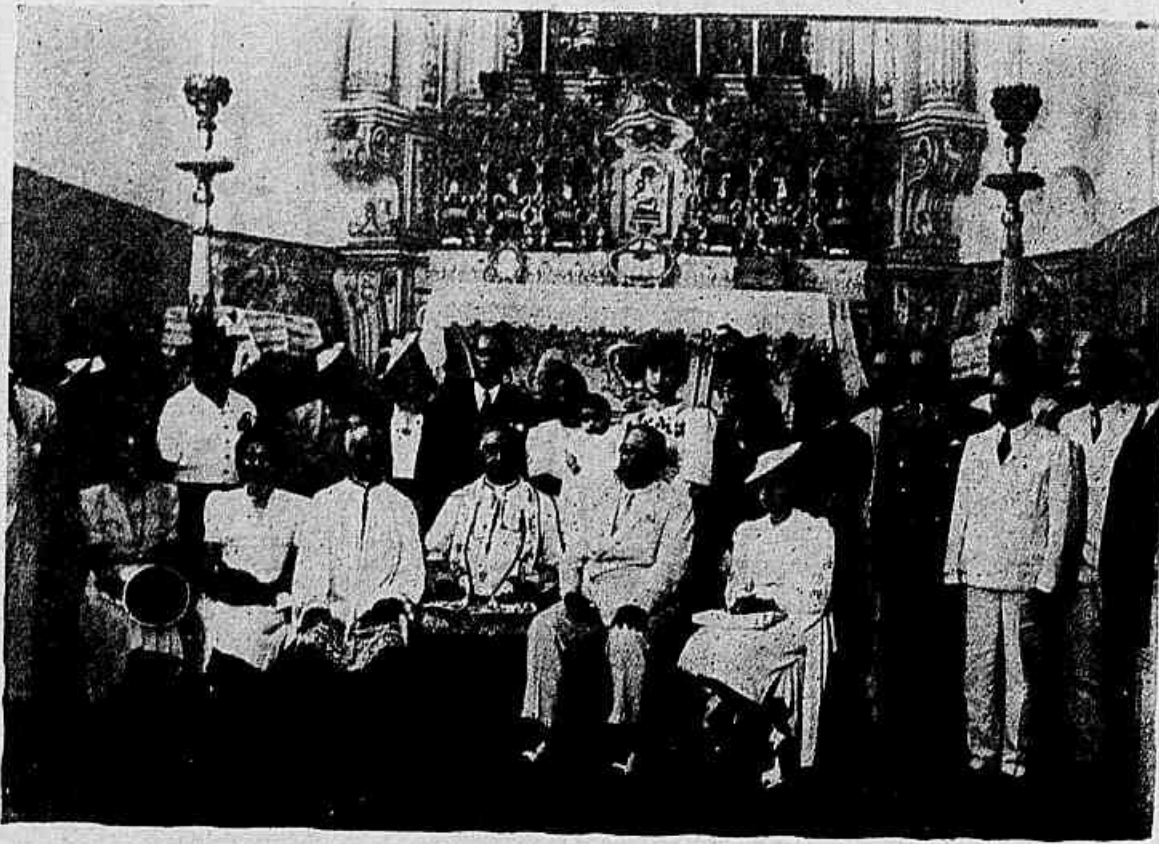
R. S. 5

Rua Uruguayana, 104 - 5.º andar — Rio de Janeiro

NOME.....

RUA.....

CIDADE..... ESTADO.....



Na Igreja da Gloria do Outeiro, celebrou-se o batismo do menino Mario Fernando, filho do sr. Mario G. Braga, nosso representante em São Paulo, e de sua esposa d. Bianca Borla Braga. O distinto casal veio especialmente a esta capital, para realizar no tradicional templo da Gloria o batismo de Mario Fernando, que é um robusto menino. Foi celebrante D. Benedito Alves de Souza, bispo de Orisa, acolitado pelo conego Alfredo Soares. Serviram de padrinhos o dr. Machado Coelho, antigo deputado federal, e d. Jandira Brigido, esposa do dr. Virgilio Brigido. Estiveram presentes ao ato o dr. Rodolfo Sá Earp, dr. Walfredo Machado, dr. Flores da Cunha, dr. Asdrubal Cardoso, sr. Arthur Hermann, dra. Joana Lopes, escritora Rachel Prado, sra. Roberto Miranda Jordão, sr. José Magalhães e sra. d. Maria Gervasio e o sr. Armando Braga.

As aventuras de Totó

Totó e varios outros cachorrinhos entre os quais Titi, saíram a passeio num dos ultimos domingos.

Era de tarde e estava fazendo um lindo sol. Pensaram em ir ao cinema mas Totó explicou que nos dias bonitos não se deve ir ao cinema e sim conhecer-se a natureza e os lugares mais belos da cidade ou vilarejo em que se mora.

Assim ficou resolvido e foram até o Alto

da Boa Vista proximo ao qual está a famosa cascatinha da Tijuca.

Os cachorrinhos eram todos amigos, mas por brincadeira resolveram fazer uma com o Totó, afim de vê se ele era mesmo esperto como se dizia. Estavam esquecidos dum conselho velho e bom que diz: não devemos nunca fazer brincadeiras perigosas, que possam resultar em prejuizo para alguém.

Combinaram fingir que se tinham perdido do Totó, afim de deixa-lo sozinho e vê se ele tinha ou não medo. Caminharam para os lados do açude "Solidão" e ali, enquanto Totó bebia um pouco dagua para matar a sede, correram e se esconderam.

Totó, quando saiu do açude, reparou que seus companheiros haviam desaparecido. Viu logo que era brincadeira e não se importou. Medo é que não sentiu nenhum. Como é que Totó, cachorro corajoso que já andara pelas selvas da Amazonia e de Mato-Grosso ia ter medo da floresta civilizada da Tijuca?

Mas Totó pensou um pouco e viu que seus companheiros, pouco experimentados na vida da mata por serem cachorros acostumados á vida de cidade e das ruas asfaltadas, poderiam se perder de verdade ou sofrer algum acidente.

Procurou a pista deles e devido ao bom



Heloisa, Maria Helena e Neyde, filhas do tenente coronel Otacilio Uruai (Itajubá — Minas).



Maria Isabel, filha do sr. Zeno Portella e d. Flauzina Portella.

PAGINA das CRIANÇAS

faro que possuia encontrou-a logo. Desfagadamente foi seguindo-os no caminho da Cascatinha.

Lá ele viu que todos estavam alegres, comemorando o que diziam ser a derrota de Totó, que eles imaginavam perdida, mal sabendo que estava ali pertinho ouvindo tudo que conversavam.

Totó, que tem alma nobre e forte, não se incomodou com as zombarias.

De repente os cachorrinhos, chefiados por Titi resolveram subir até o alto da cascata. Ali, sem ter o cuidado necessário, começaram a andar desprevenidamente e, por isso, dois deles escorregaram. Já iam rolando pela ribanceira a baixo, destinados a uma morte horrivel, quando Totó, pendurado num cipó forte, balançou-se que nem Tarzan e foi agarra-los a tempo de evitar sua morte. Todos os cachorros ficaram admirados daquela salvação corajosa e ainda mais do aparecimento súbito do cachorro mais inteligente do mundo.



Jalmir, filho do sr. Geraldino Cinto e d. Hormezina de Souza Cinto.

Ainda a micção infantil

Vimos no ultimo numero quais os metodos mais adequados á obtenção do controle infantil da micção. Com eles a criança tende a urinar em momentos mais ou menos ordenados e a compreender que o deve fazer em lugares especiais.

Aos dois anos de idade ela já pede á jovem mãe que a conduza ao quarto de banho, nas horas em que disso sentir a necessidade. E' nessa época que, geralmente, os meninos e as meninas deixam de molhar os lençois — uma das cousas que mais incomodam aos pais.

Além da micção é importantissimo o problema da evacuação, pois desta depende em grande parte a saúde da criança

e do adulto. A prisão de ventre é um dos maiores flagelos da vida moderna, demasiado sedentária e desregada, do mesmo tempo. Da prisão de ventre, além de diversos males intestinais advêm intoxicações que diminuem a energia e a capacidade de trabalho do individuo além de lhe roubarem a alegria e a boa disposição.

Ora, se a criança se habitua a uma evacuação metódica e normal, dificilmente estragará e dificultará as funções fisiológicas.

No principio o melhor é o garoto não ter um aparelho sanitario idêntico ao dos adultos. "Uma cadeira apropriada, com apóio nas costas, mas sem espaço para brinquedos é o mais aconselhavel.

A cadeirinha deve ser de uma altura tal que o garoto fique com os pés bem firmes no chão.

O aparato especial que se costuma colocar sobre os aparelhos sanitários de adultos, é apenas aconselhado quando há um lugar para descanso dos pés" — é o que afirma o professor Bela Schick, um dos maiores pediatras contemporaneos.

E' verdade que a maioria das pessoas não poderão construir um aparelho sanitario especial para as crianças, mas o essencial é incutir nelas metodo, sem chamar demasiado a atenção para essas cousas.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.



Marina, Jorge, Zenaide, Azurêa e Wálkíria, filhos do casal Herotides Lucio Oliveira e d. Ilaniza Ribeiro de Oliveira.

BICODE
DE / ENHORA / E VERRUGA /
ELIMINAÇÃO GARANTIDA
TRATAMENTO / DA CUTIS /
PELA / CIENCIA MODERNA
SÃO PAULO AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471

Crônica de Paris

A moda é sempre muito interessante nesta época do ano. Que prazer para os olhos ver novamente os tecidos alegres, os tons vivos e suaves, pondo de parte os tecidos escuros do inverno. É o triunfo dos vestidos flexíveis e leves, deliciosamente estivais. Nota-se especialmente a voga dos vestidos singelos de tecidos laváveis, linhos, cretonnes, zephyrs.

Os desenhos multicôres, os detalhes fantasistas, as guarnições alegres contribuem também para dar graça e encanto a essas graciosas criações. Muito xadrez e muita lista nos tecidos, empregados em sentidos diversos num mesmo modelo.

Os fechamentos em diagonal, os numerosos bolsos, os cintos, as palas, as pregas, os plissados, os recortes, as guarnições de *lingerie*, os bordados com *soutaches* e o enfeite com cadaço zig-zag completam esses vestidos com a sua nota de fantasia.

Alegres também e muito movimentados os vestidos elegantes para a tarde, tecidos leves de um só tom de fantasia.

Os babados, as *ruches*, as flôres, fitas, rendas, trabalhos de agulha, os lindos acessórios, todos os encantadores detalhes têm uma grande importância e tornam estes vestidos mais atraentes ainda.

A silhueta não mudou muito, vendo-se a saia *cloche* visinhando com a saia de linha reta, mas em geral os corpos são blusados. Os ombros continuam alargados, a cintura fina.

Marinette.



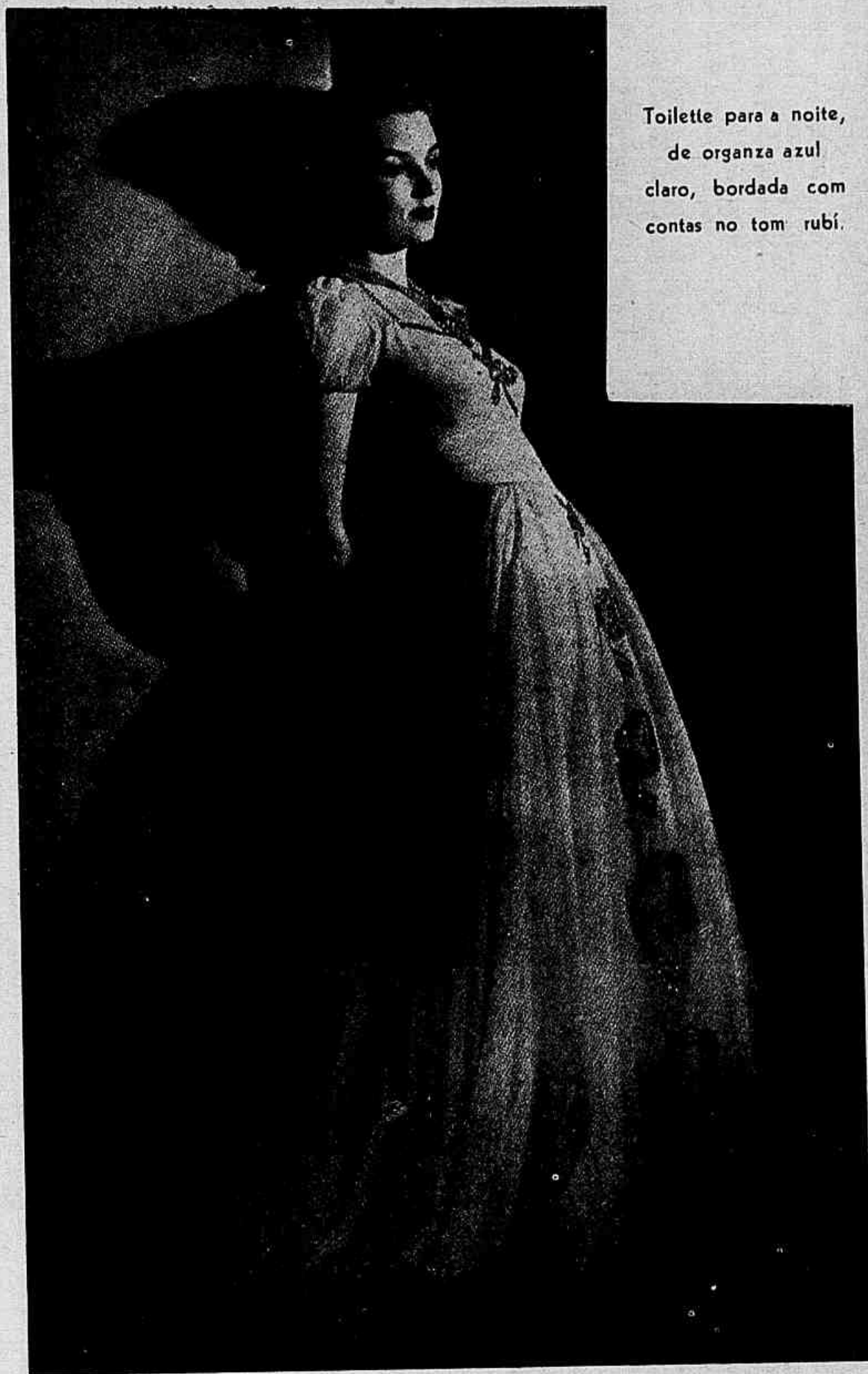
Vício da juventude

Após um dia de intensas ocupações, as horas fatigantes deixaram sinais de cansaço no rosto, que privado de encanto e atração, perdeu o vício da juventude.

Para vivificar a cutis com um efeito imediato e eficaz, o "Creme Contra Rugas" de Elizabeth Arden deve ser aplicado, sobre as marcas do rosto e côlo. O "Creme Contra Rugas" permanecendo por meia hora na cutis, depois de uma limpeza da pele com o "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Ardena Tônico para a Pelle", não somente elimina as rugas e linhas, como proporciona novamente á tez, o brilho que pela manhã ostentava.

Elizabeth Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA

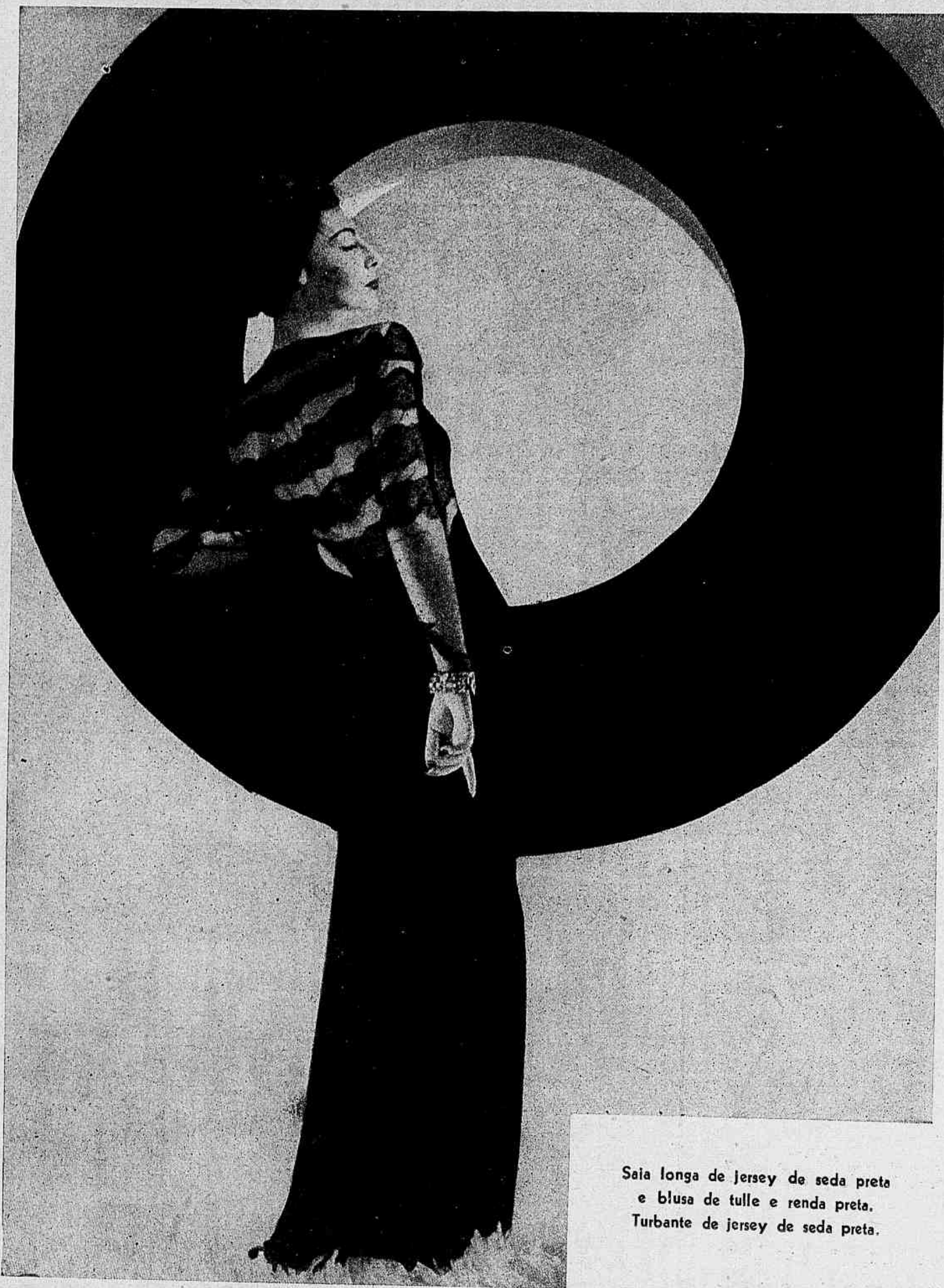


Toilette para a noite,
de organza azul
claro, bordada com
contas no tom rubi.



Vestido de crepe de fantasia, com drapés na gola e na cintura.

1 — Redingote de crepe marocain azul marinho. 2 — Vestido de crepe verde jade, abotoamento nas costas.



Saia longa de jersey de seda preta
e blusa de tulle e renda preta.
Turbante de jersey de seda preta.

CONSELHOS PRATICOS

A proteção dos papéis e livros contra os insectos

Entre as substancias empregadas, das mais activas que podem ser utilizadas estão em primeiro lugar a benzina e a naphtalina. A benzina tem uma acção muito curta,



Vestido de crepe branco florido.

porque se evapora muito depressa, sobretudo quando é muito pura, mas tem a vantagem de agir muito energicamente sobre os insectos maculando o papel, seja no seu estado perfeito, seja no seu estado de larva.

Como meio preservativo ou como meio curativo, póde-se applicar a com um pincel e um pedaço de flanela, na superficie dos velhos livros cujas capas estão atacadas pelos nocivos insectos; mas é preciso repetir muitas vezes a operação. Mas quando a benzina não está perfeitamente purificada, deixa manchas de gordura nos pontos que foram molhados, emquanto que quando está pura evapora-se completamente sem deixar vestígios.

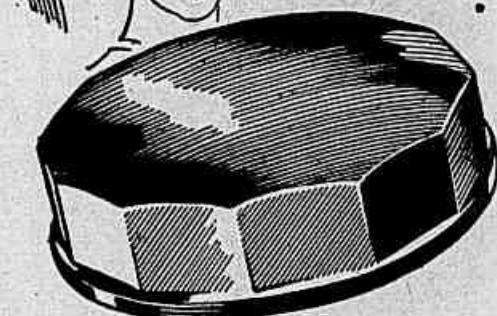
A naphtalina é de um emprego mais comodo; sua acção não é tão energica como a da benzina, mas volatiliza-se muito lentamente, seu efeito preservativo prolongando-se mais. Emprega-se em pó, salpicando-se directamente as folhas dos livros e os papéis. Mas póde-se tambem conservá-la dentro de envelopes de papel fino que são collocados dentro dos livros.

Deve-se tambem impregnar o couro das encadernações atacadas pelas traças com essencia de alfavema, com a ajuda de um pouco de algodão. Operação que deve ser renovada todos os tres ou quatro annos.



Vestido de linho ou fustão, guarnecido com botões.

O rubor
nas faces
fascina
o seu
amado?



Rouge
Zande

empresta às faces uma cor suave e acariciadora que faz realçar a beleza natural. É mais fácil obter uma maquilagem perfeita usando sómente os produtos ZANDE. Seis cores, para todas as cutis.

Só se vende ZANDE nas melhores casas — mas a um preço que o põe ao alcance de todos os rostos.



... e o Baton ZANDE!
Para se obter lábios suaves de delicados contornos que exercem magnética atracção. ZANDE adere durante mais tempo. Seis cores. Quatro tamanhos.



Vestido de tecido listado, em seda ou linho.



Vestido de crepe ou de zephyr com listras multicôres. Na pala e nos bolsos as listras colocadas no sentido horizontal.

Dois interes- santes modelos



Vestido de crepe marocain azul marinho bordado com contas de aço, ou marron com contas douradas.



Vestido de crepe, guarnecido com aplicações formando flôres, folhas e arabescos, executados com o próprio tecido.



Vestido de crepe ou linho, guarnecido com festões e botões.



Costume de crepe azul, a saia plissada, a blusa de cambraia bordada.



Vestido para a noite, que tanto pôde ser executado em crepe de seda como em tecido de algodão.

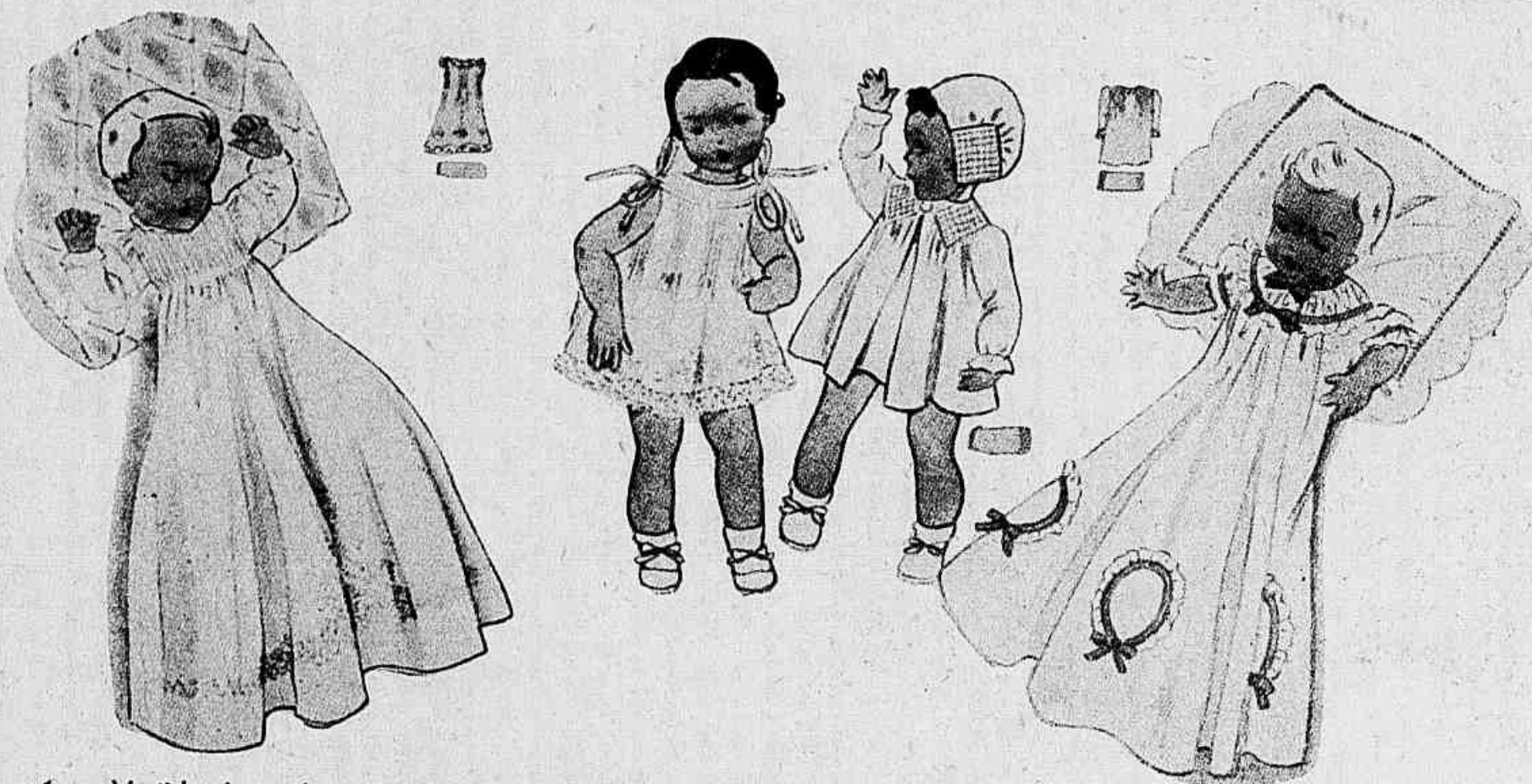


Vestido de linho côr de coral. A tira da frente, golla e bolso com pespontos brancos.



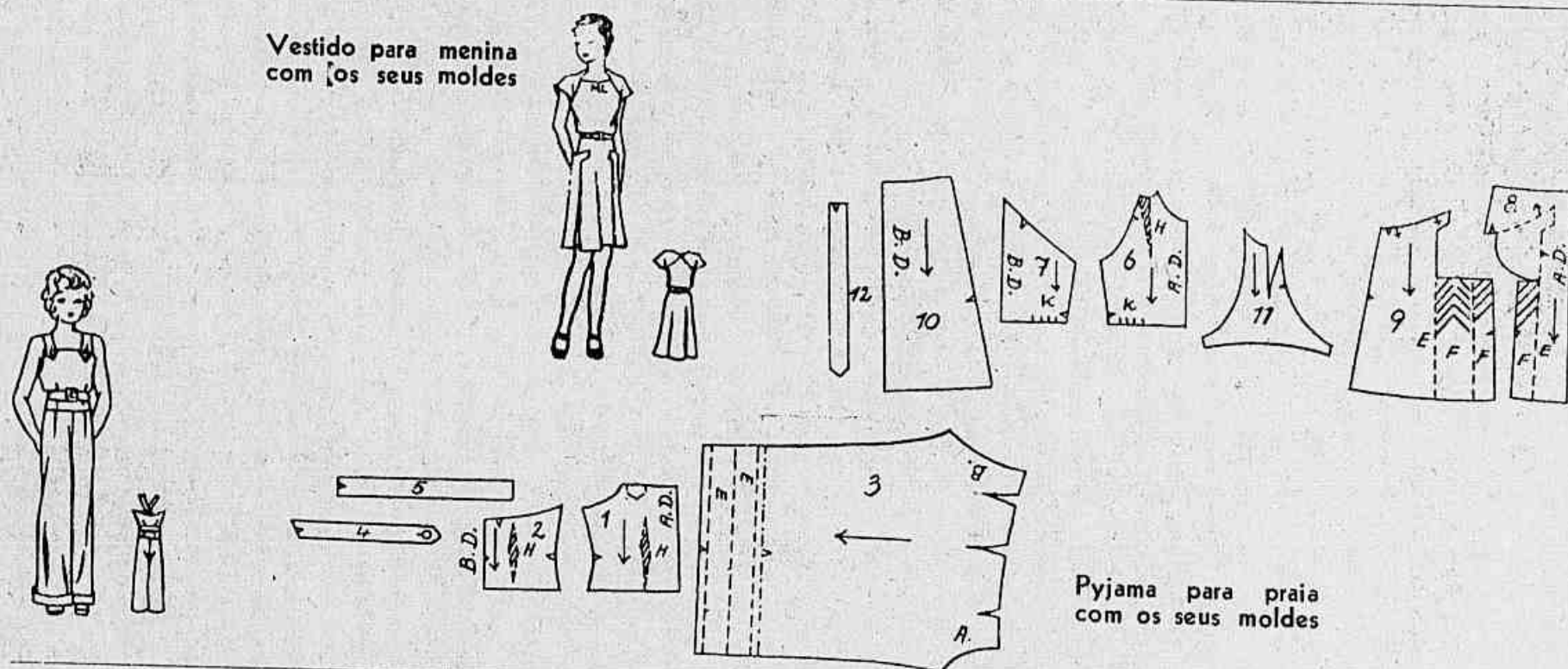
Muito interessante este vestido de crepe marocain marron, guarnecidos os bolsos com soutaches no tom ouro velho.

Modelos para Crianças



1 — Vestido de cambraia branca com preguinhas e bordado. 2 — Vestidinho de crepe ou cambraia, enfeitado com preguinhas, renda e bordado. 3 — Manteau e touca de crepe marocain branco, guarnecidos com pespontos vermelhos. 4 — Vestido longo de crepe da China enfeitado com babadinhos e fitas.

Vestido para menina com os seus moldes



Pyjama para praia com os seus moldes



1 — Roupinha de linho verde, guarnecida com pespontos. 2 — Roupinha de linho amarelo claro, gola, cava e bolsos com picot de crochê com linha amarelo mais vivo. 3 — Roupinha de zephir de xadrez. 4 — Roupinha de fustão branco com vizes de linho vermelho.

PRECEITOS DE HIGIENE

Tal genio, tal estomago

Se ha pessoas que suportam as contrariedades com impassibilidade, que nunca se exaltam, estas estão infelizmente em minoria; dizem os medicos que o mau humor, a agressividade tem como principal fator o mau funcionamento do estomago.

Deve-se pois tratar do estomago dos mal humorados, porque seria ineficaz procurar corrigil-o sem tratar da causa que provoca o mau humor.

Um medico inglez, anos atraz, procurou estudar as causas do mau humor, solicitou então, por meio dos jornaes, ao grande publico inglez fornecer-lhe os elementos para o estudo.

Num simples pedido, elle mandava um questionario impresso, que lhe era devolvido depois de escritas as respostas. Da sua coleção muito completa de informações, resultaram coisas curiosas. Verificou-se que o mau genio é raramente hereditario, a não ser no caso das doenças nervosas. Mas é frequentemente, pelo contrario, em relação inversa do humor daquelles com quem convivem. Tal membro duma familia torna-se tanto mais despótico quanto os outros membros são naturalmente mais doces, mais conciliantes.

Mas o que impressiona é a proporção de pessoas de bom genio. Entre duas mil pessoas dos dois sexos sobre as quaes foram fornecidos dados, 960 somente foram notadas como "amáveis, calmas, pacientes, indulgentes, placidas, alegres, conciliantes", enquanto que 1.040 eram declaradas "susceptíveis, caprichosas, vingativas, acrimoniosas, azedas, egoistas, briguentas, coletricas, injustas, ciumentas irritadas, etc., etc.

Segundo o seu estudo, estabeleceu o tal medico, na medida do possivel, a escala decrescente que segue, segundo as profissões. Os de mais mau genio são os escritores, depois os militares, os financeiros, os desocupados ricos, os negociantes, os advogados, os homens politicos.

Mas não restam duvidas que o principal fator do mau genio é a má digestão. Muitos dispepticos são, com effeito, desagradáveis, freneticos, rabugentos, sobretudo durante o periodo que estão soffrendo. No entanto esses soffrimentos não têm a violencia de algumas outras dores que, elas, não determinem um estado de espirito tão nitidamente acusado.

Alem disso, nos doentes do estomago, ha ás vezes periodos que passam melhor, no entanto o seu genio não se torna normal; continua aborrecido, sombrio. Não se constatando a mesma coisa em outras doenças dolorosas: tomando-se por exemplo o cancer, vê-se o doente, naturalmente quando ainda ignora o mal que está soffrendo, voltar ao seu humor normal e ficar cheio de esperanças assim que os seus soffrimentos diminuem ou cessam.

Parece resultar disto que o papel do elemento dor não está do ponto de vista psicologico o unico em jogo. As conexões nervosas do estomago explicam perfeitamente a depressão que acompanha a crise, mas é difficil explicar o estado mental.

A descrição seguinte, feita por um grande doente do estomago, dá do estado mental dos dispepticos um excelente tema.

"Durante a crise, disse ele, qual seja a causa que a provocou, não somente sinto uma grande depressão devido ao meu soffrimento, mas ainda sinto-me num

estado de espirito muito especial. Tudo irrita-me e horripila-me, e mesmo, se o meu pensamento afasta-se do meu mal, continuo a ver tudo negro e pelo lado peor.

Quando a minha mulher vem para junto de mim, aborreço-me; quando me deixa só, acuso-a de indiferença; ao menor barulho que fazem meus filhos, impaciento-me, mando embora o empregado do meu escritorio que vem saber noticias minhas, trato de imbecis todos os meus subordinados. Parece-me que cometeram contra mim todas as especies de injustiças, etc.

Apezar de saber que a minha vida não está correndo perigo, estou sempre

triste e desesperado como se já fosse morrer.

No entanto quando os meus soffrimentos vão se acalmando pouco a pouco (nunca duram mais de quarenta e oito horas), começo a alimentar-me. Meu pessimismo melhora um pouco, mas não completamente; incrimino ainda as pessoas que me rodeiam, aborreço-me por causa do regime severo que tenho de seguir — eu que era tão apreciador das apetitosas iguarias e dos bons vinhos. Numa palavra continuo susceptivel e impertinente. Depois, uma bella manhã, acordo bem disposto, tenho ideias ternas, vejo tudo cor de rosa, todo o mundo parece-me justo e amavel, tenho vontade de andar a pé, de cantarolar, feliz de viver, de sentir-me bem... Infelizmente sei o que isto quer dizer: se á noite a crise vae voltar...

Na maioria dos casos, esses doentes mal humorados pertencem á categoria dos dispepticos com hipersecreção do suco gastrico. O regime desses doentes deve ser em geral na base das massas, do leite, do assucar e do arroz; a carne, o pão, o alcool devem ser completamente prohibidos. Mas, como em geral as doenças não têm as mesmas causas, cada doente tem que ser tratado especialmente, os mesmos remedios não servindo para todos.

Tratem-se pois todos aqueles que soffrem do estomago a tempo, não somente para não soffrerem, mas tambem para não fazerem soffrer os outros.

Mães brasileiras, lembrem-se das dispepsias futuras, não deixem seus filhos comerem pão em demasia, como infelizmente o fazem a maioria das crianças do nosso paiz. Ensinem-lhes a mastigar bem, outro meio essencial para conservar um bom estomago.

LEIAM A CENA MUDA

A MELHOR REVISTA
CINEMATOGRAFICA

Publica em todos os numeros enredos dos melhores films.

Vestuarios para a 1.^a Comunhão



- 1—Costume composto de calça de sarja azul marinho e blusa de seda branca com gola azul marinho. 2—Costume de lã cinzenta com revers de setim. 3—Vestido de organdi, guarnecido com babadinhos plissados. A touca com a mesma guarnição. 4—Vestido de cambraia branca com bordado inglês e prégui-nhas. Na touca uma guirlanda de margaridas. 5—Vestido de crepe georgette, enfeitado com tiras fran-zidas. Na touca a mesma guarnição. 6—Vestido de fino voile branco com largas pregas e pontos abertos. 7—Vestido de crepe georgette, as palas da blusa e da saia com franzidos ninho de abelha. 8—Vestido de crepe marocain guarnecido com festonados. Póde também ser executado em organza. 9—Vestido de crepe ou cambraia guarnecido com nervuras. 10—Vestido de crepe georgette, enfeitado com viéses e finas prégas. Os véos de tule ou de organdi.



Guirlanda de rosas singelas cor de rosa, vae do alto da cabeça á nuca.

Os penteados guarnecidos com flôres e plumas



Grande pluma azul como o vestido encobre quasi todo o penteado.



Penteado guarnecido com gerânios vermelhos.



Original guarnição de cerejas e fita de velludo preto.



Penteado enfeitado com guirlandas de mysotis.



De flexível setim rosa claro este lindo vestido plissado.

Ensemble para tennis, vestido de linho branco, sem mangas e com a pala e bolsos pespontados. Bolero do mesmo tecido rodeado com pespontos.



Vestido de crepe azul com pintas brancas, camiseta e faixa de crepe branco.

MORTA ou VIVA

A
SUA PELLE
REJUVENESCE
EM 8 DIAS
COM
A

MASCARA DE LAMA
MARCA REGISTRADA SOB. O. N.º 48091
APLICADA EM SUA CASA OU NOS
SALÕES DA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
M.ª CAMPOS
SOB CONTROLE MEDICO, JUNTA-
MENTE COM O
CREME de MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
A VENDA EM TODO BRASIL
DEPOSITO: ASSEMBLEA IIS. F. RIO

Mesa de almoço para casamento



Toalha de setim branco, conchas de porcelana branca com friso azul como os pratos, guarnecidas com grandes rosas brancas.

ALMOÇO DE CERIMONIA

Cocktail de laranja — Ramequins de Dijon — Filets de linguado com risoto — Linguas de carneiro com laranjas, pirão de batatas — Frangos com leite de côco, bolo de xuxús — Costeletas de vitella grelhadas com molho Colbert — Salada de diversos legumes — Gelatina de pecegos — Schmankerls de Munich

COKTAIL DE LARANJA

Fazer derreter dentro de uma vasilha com succo de 4 laranjas meio quilo de assucar, juntar a casca (cortada muito fina) de duas laranjas verdes e uma garrafa de vinho Médoc. Deixar em infusão uma meia hora, coar e servir bem gelado.

RAMEQUINS DE DIJON

Pôr numa panella, um copo de agua, uma pitada de sal, uma pitada de pimenta, uma colherinha de assucar e 150 grs. de manteiga; deixar ferver o liquido; juntar depois de retirada a panella do fogo 175 grs. de farinha de trigo, mexer com uma colher de maneira a obter um angú bem ligado (mexer sobre o fogo). Despejar em seguida num alguidar a massa, juntar 120 grs. de queijo gruyère picadinho, depois 3 ou 4 ovos inteiros.

Tomar então a massa com uma colher e arrumar sobre o taboleiro em pequenas bolas, passar por cima gemma de ovo desfeita com um pouquinho de manteiga e collocar sobre cada bolo um pequeno pedacinho de queijo. Vae assar em forno quente.

FILETS DE LINGUADO COM RISOTO

Preparar um bom caldo de peixe, com as aparas dos linguados e uma boa posta de peixe, uma cebola, alguns tomates um bouquet de cheiros. Cozinhar em separado duas ou tres duzias de ostras. Depois de coado o caldo separa-se um pouco para cozinhar os filets e com o resto prepara-se o risoto.

Refogar num pouco de manteiga cebola ralada, juntar o arroz e depois o caldo do peixe, temperar com um pouco de pimentão doce.

Os filets são postos para cozinhar no caldo de peixe no qual juntou-se um pouco de vinho branco.

Arrumar numa travessa o risoto no centro e em volta os filets de linguado; arrumar sobre elles as ostras cozidas e despejar por cima o molho que se engrossou um pouco com maisena e manteiga.

LINGUAS DE CARNEIRO COM LARANJAS

Pôr para cozinhar 10 linguas salgadas em bastante agua, retirar depois as pelles, arrumar numa panella, regar com um pouco de molho de carne, deixar tomar côr e reduzir o molho. Retirar as linguas e juntar na panella um pouco de caldo de carne, deixar ferver e passar no coador.

Pôr numa panella meio copo de vinagre, deixar ferver até reduzir á metade, juntar ao molho das linguas, engrossar com um pouco de fécula; alguns minutos depois, juntar 2 colheres de geleia de groselha, retirar logo o molho do fogo.

Arrumar num prato as linguas, enfeitar em volta com gomos de laranjas acidas (retiradas as pelles); juntar no molho gomos das laranjas.

FRANGOS COM LEITE DE COCO

Partir os frangos em pedaços, a carcassa em duas partes. Picar bem uma boa cebola e pôr para refogar na manteiga até alourar; juntar então os pedaços dos frangos e ir juntando o caldo de carne necessario para fazer um bom ensopado.

Assim que os frangos estiverem cozidos juntar algumas colheres de leite de côco e uma ou duas colheres de crême de leiteria (ou de leite na falta do crême), engrossar o molho com um pouco de farinha de rosca.

BOLO DE XUXUS

Retirar a casca de 12 xuxús e passar por uma peneira depois de cozidos e bem escorrida a agua, embeber numa tigela de leite miolo de pão picado, passar por uma peneira, misturar na massa dos xuxús, assim como 4 gemmas, 1 colher e meia de maisena, 1 colher bem cheia de manteiga, 4 colheres de queijo de Minas ralado e por ultimo 4 claras muito bem batidas.

Untar uma fôrma com manteiga e polvilhal-a com farinha de rosca, despejar dentro a massa e pôr para cozinhar no forno em banho-maria.

COSTELETAS DE VITELLA GRELHADAS COM MOLHO COLBERT

Depois de bater e aparar as costeletas, passar no tempero; depois mergulhar na manteiga derretida, e arrumar sobre a grelha, tomando o cuidado de viral-as para assar bem dos dois lados.

Molho Colbert — Mexer bem 150 grs. de manteiga com um pouco de salsa bem picada, juntar uma pitadinha de nôz moscada. Pôr numa panella 2 a 3 decilitros de bom caldo de carne bem temperado, deixar ferver e retirar para o fogo brando, ir juntando pouco a pouco, mas mexendo sem parar a manteiga preparada, dividida em pequenas partes, mas alternando a manteiga com o succo de dois limões, evitar a ebulição. — Quando o molho estiver bem ligado, juntar fóra do fogo uma boa colher de vinho Madeira. Servir immediatamente.

GELATINA DE PECEGOS

Tirar as cascas de uma duzia de pecegos bem maduros, passar a polpa numa peneira, juntar um copo de calda de assucar, juntar 10 folhas de gelatina já desfeitas na agua e clarificadas. Collocar a vasilha sobre o gelo e bater a mistura com um batedor até começar a ligar, juntar então um calice de licor de marasquino e depois meio litro de crême de leiteria batido e adoçado.

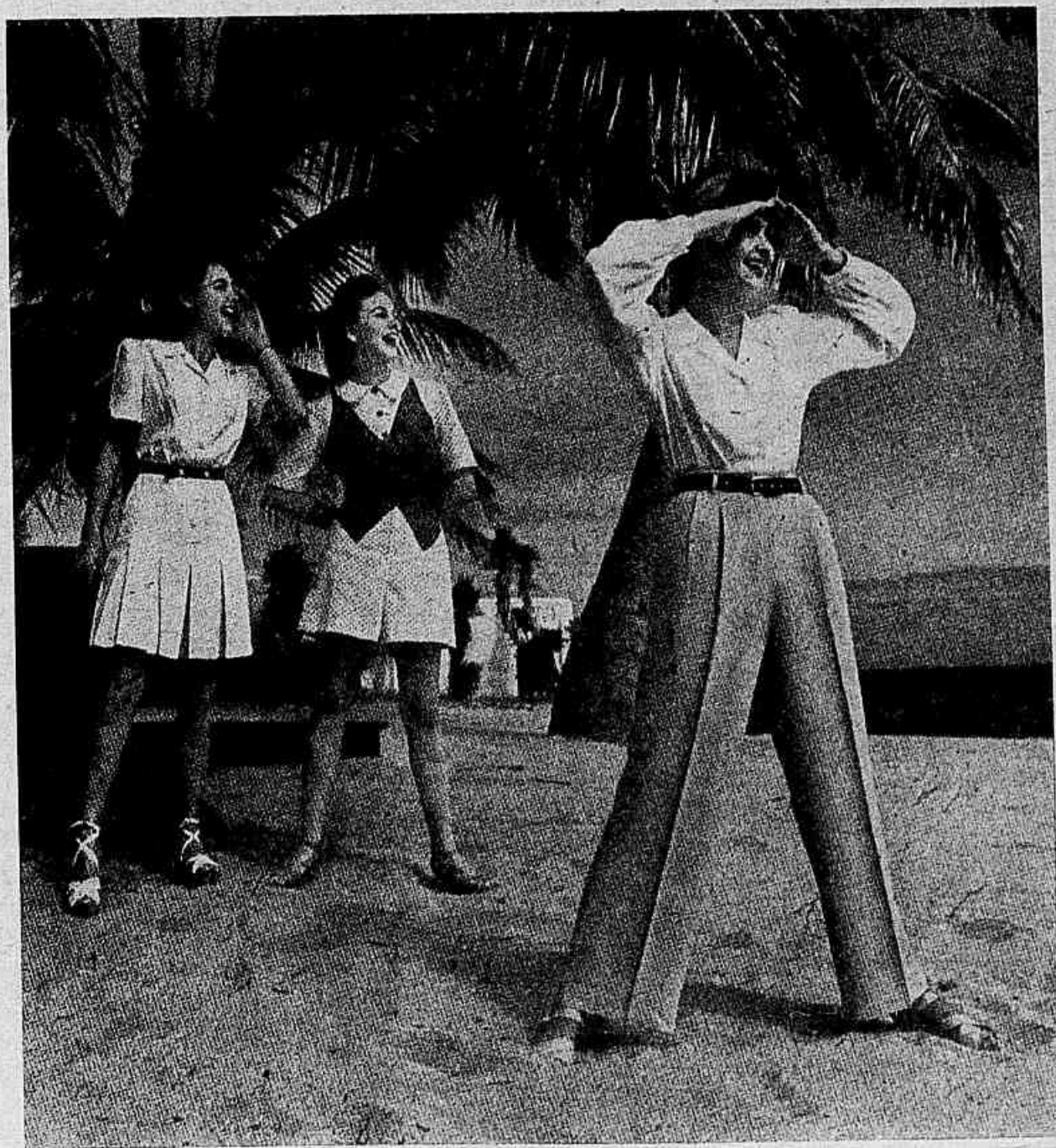
Despejar a mistura numa fôrma e pôr na geladeira; na falta desta collocar a fôrma dentro de um alguidar e rodear com gelo. Mergulhar rapidamente a fôrma na agua quente para a gelatina sahir perfeita da forma.

SCHMANKERLS DE MUNICH

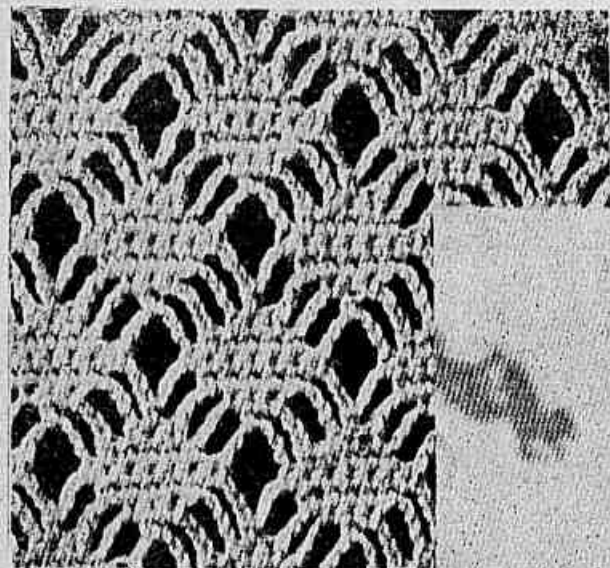
Desfazer, em meio litro de leite morno, 200 grs. de farinha de trigo, e levar a panella ao fogo brando, mexendo sempre para ficar com a consistencia cremosa; deixar esfriar.

Aquecer uma grande frigideira, engordurar o fundo com um pouco de manteiga clarificada, espalhar sobre o fundo uma fina camada do preparado, virar logo a frigideira para deixar cahir a parte que não ficou grudada no fundo, para obter uma camada muito fina, deixar tomar côr. Com a ponta da faca desprende-se a massa do fundo da frigideira e enrola-se em feitiço de cartucho. Pôr no forno para acabar de tomar côr.

Vestuarios para a praia



- 1 — Vestido de fustão branco, a saia com pregas duplas. Cinto de couro vermelho.
- 2 — Short, colete e blusa numa só peça. Em linho ou fustão branco com pintas azul marinho o short e blusa, e colete do mesmo tecido azul marinho com pintas brancas.
- 3 — Calça de lã côr de cinza, blusa de crêpe branco.



VESTIDO DE CROCHET RENDADO



Este vestido foi executado em **crochet** com **cordonet** 6 fios n. 5 (á la Croix) em branco, guarnecido com bandeirolas de feltro de tons vivos.

O ponto rendado é feito da seguinte maneira: Sobre uma trancinha do tamanho necessário: 1.ª carreira — 7 pontos baixos, 5 malhas de trancinha, passar cinco malhas da trancinha, 7 pontos baixos, 5 malhas de trancinha, etc. 2.ª carreira, 3 malhas de trancinha, voltar (x) metter a agulha de **crochet** no segundo ponto baixo da carreira precedente e fazer 5 pontos baixos, 3 malhas de trancinha, 1 ponto baixo no aberto formado pelas 3 malhas de trancinha da carreira precedente, 3 malhas de trancinha (x); 3.ª carreira — 1 ponto baixo, 3 malhas de trancinha (x); metter a agulha de **crochet** no segundo ponto baixo da carreira precedente, fazer 3 pontos baixos, 3 malhas de trancinha, 1 ponto baixo antes do ponto baixo unico da carreira precedente, 1 ponto baixo sobre e ainda um depois, 3 malhas de trancinha (x); 4.ª carreira — 2 pontos baixos, 3 malhas de trancinha (x), um ponto baixo sobre o segundo ponto baixo da carreira precedente, 3 malhas de trancinha, metter a agulha de **crochet** no segundo ponto baixo da carreira precedente, 5 pontos baixos, 3 malhas de trancinha (x). Recomeçar a primeira carreira. Durante este trabalho, os pontos baixos são sempre feitos tomando com a agulha de **crochet** todos os fios da trancinha formada pelo ponto baixo da carreira precedente. As guarnições são feitas com pontos altos, mas passando só uma vez o fio sobre a agulha de **crochet**. Usar uma agulha de **crochet** de aço n. 15. Para a boa execução deste vestido, é indispensável trabalhar seguindo um molde, as medidas dadas são para manequim 33.

Saia: Frente — Começa-se pela parte de baixo fazendo uma trancinha de 78 centímetros, trabalhar diminuindo de cada lado (segundo o molde). Mas quando medir 64 centímetros, começar a abertura para a incrustação do bolso; para isso deixar 14 centímetros livres a 13 centímetros da direita e trabalhar sobre esses 13 centímetros durante 7 cents, diminuindo sempre á direita. Juntar á esquerda uma trancinha de nove centímetros e meio e continuar diminuindo ainda a direita de modo que a 79 centímetros de altura esta metade da frente tenha somente 19 centímetros de largura. Continuar sobre a outra metade restante que se termina também com 79 centímetros de altura e 19 centímetros de largura.

Panno de traz — Sobre uma trancinha de 75 centímetros de comprimento fazer uma diminuição de cada lado, de maneira que ao medir 79 centímetros de altura tenha apenas 35 centímetros de largura.

Bluza. Frente — Lado esquerdo — Fazer uma trancinha de 19 centímetros, trabalhar a direito no lado esquerdo e aumentando do lado direito (costura) para que quando medir 20 centímetros de altura o trabalho tenha 22 centímetros de largura neste ponto; formar a cava seguindo o molde. Quando medir 34 centímetros de altura formar a golla e quando medir 38 centímetros enviezar o hombro sobre 12 centímetros de largura e 4 centímetros de altura. Do lado direito para o bolso, quando medir 20 centímetros de altura deixar 9 centímetros e meio á direita do trabalho e trabalhar sobre as outras malhas durante 7 centímetros

Senhora!

Na toilette diaria nunca deve ser esquecida a sua **HIGIENE INTIMA**

Metrolina

**ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA**

(formando a cava á esquerda). Abaixo desses 7 centímetros juntar á direita uma trancinha de 9 centímetros e meio e continuar sobre toda a largura da frente que se termina da mesma maneira que o lado esquerdo.

Costas — Sobre uma trancinha de 35 centímetros trabalhar aumentando de cada lado de maneira que quando medir 20 centímetros de altura as costas tenham 45 centímetros de largura. Neste ponto formar as cavas seguindo o molde. Quando medir 36 centímetros de altura, enviezar os hombros como na frente. Quando medir 38 centímetros de altura formar o decote sobre 14 centímetros de largura.

Mangas — Sobre uma trancinha de 46 centímetros de comprimento trabalhar aumentando de cada lado, de maneira que quando a manga tiver 11 centímetros de altura tenha também 46 centímetros de largura. A partir deste momento, diminuir de cada lado de maneira a terminar a manga com 28 centímetros de altura e 26 centímetros de largura. Para os punhos, fazer em pontos altos duas tiras de 34 centímetros de comprimento sobre 3 centímetros e meio de largura.

Para os lados, fazer 2 tiras de pontos altos de 3 centímetros de largura e 99 centímetros de comprimento. Para o cinto uma tira de 3 centímetros e meio de largura por 72 centímetros de comprimento (mais ou menos conforme a volta da cintura). Para a incrustação da frente formando bolsos, sobre uma trancinha de 14 centímetros trabalhar a direito durante 7 centímetros, depois deixar 9 centímetros e meio á direita, fazer 28 centímetros a direito sobre os 4 centímetros e meio restantes, depois juntar uma trancinha de 9 centímetros e meio á esquerda e terminar por 7 centímetros a direito sobre os 4 centímetros e meio restantes. Depois de tudo passado a ferro pelo avesso reunir todos os pedaços por costuras. A tira da frente pregada e os bolsos forrados com retangulos de linho. As mangas são franzidas antes de pregar nas cavas. Fazer uma carreira de pontos baixos em volta da golla.

Recortar no feltro bandeirolas em feltros de tons vivos ou bandeirinhas brasileiras, o que seria mais patriótico; pregar-as sobre os bolsos.

MARILU'

Enviou da Argentina para o Instituto de Mme. Hygino, Avenida Rio Branco, 128-2º andar, sala 209, um creme que põe a pele como uma porcelana — "Creme PORCEL-LANA". Tem também uma agua da conservação que conserva a mulher sempre joven, sempre bela! Verdadeira Maravilha!



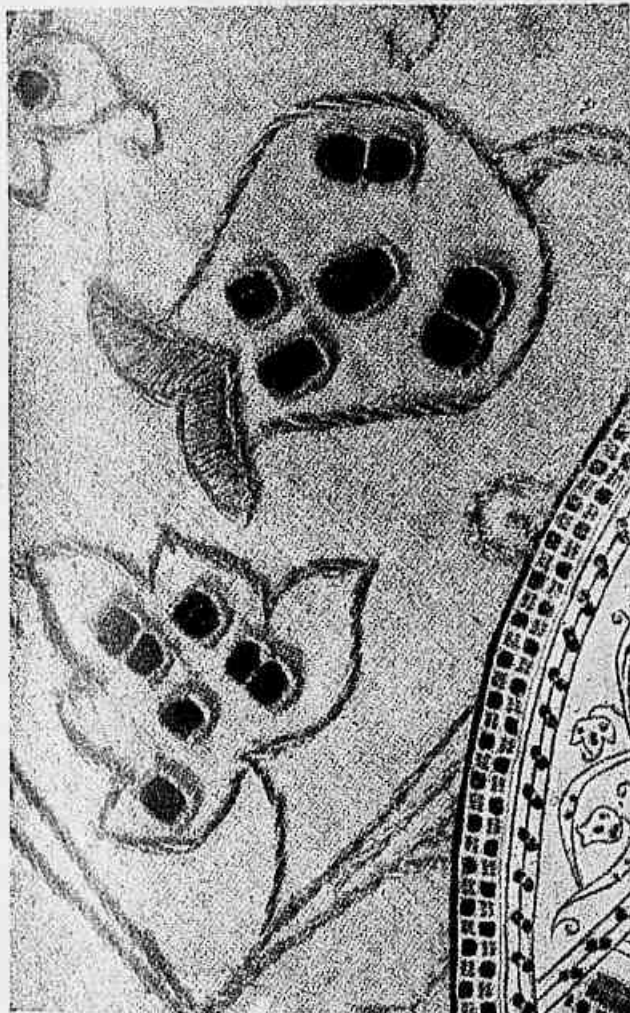
CAPSULAS

MENAGOL

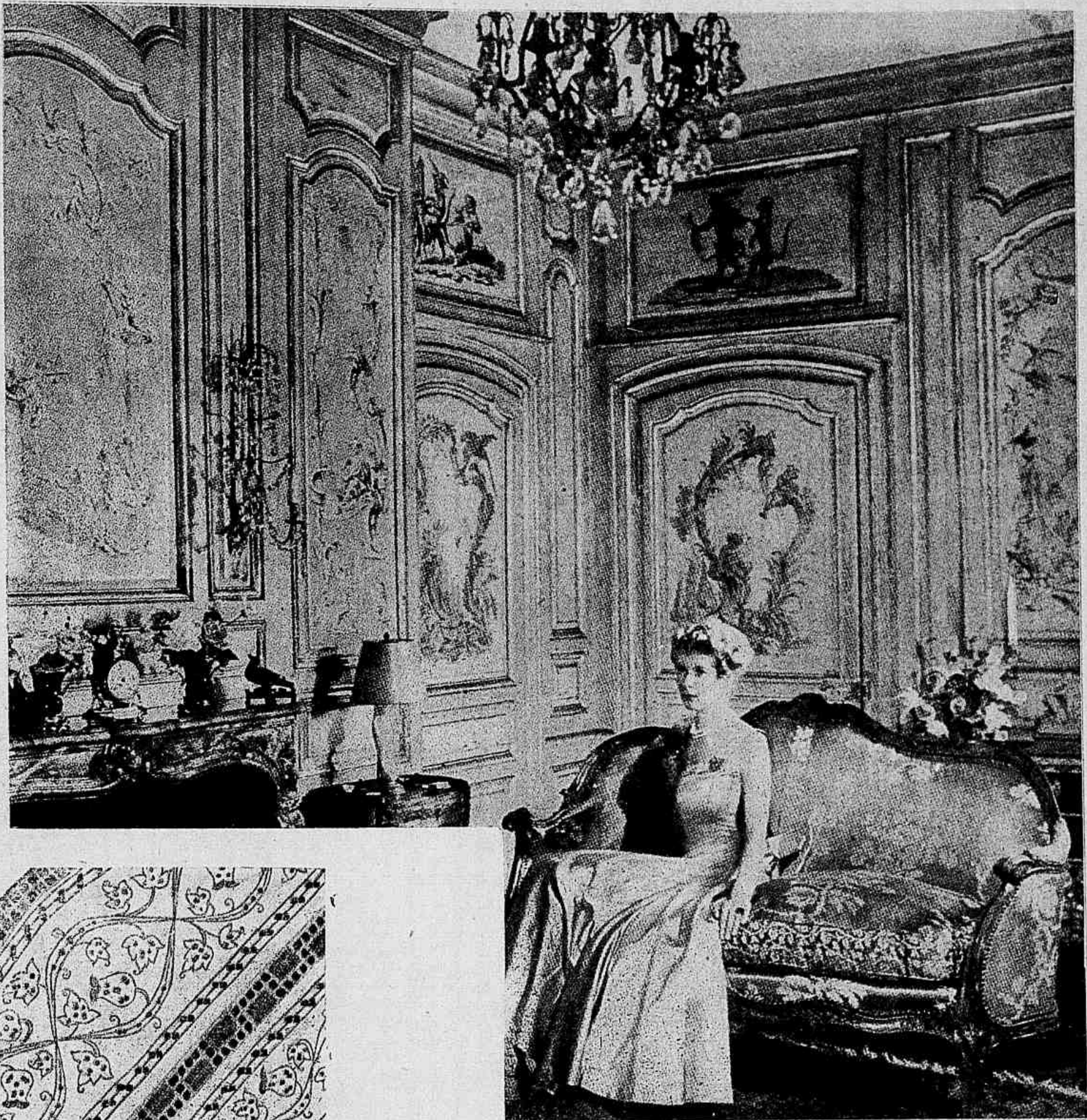
PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
APR. PELA CENS. SANIT. N. 96-J-L

Orna- menta- ção do Lar

Pano bordado
para mesa



De execução muito fácil este pano de linho crêpe bordado com linha bege C. B. n.º 16. O bordado como se pôde ver pelo desenho ao lado é feito com o ponto de haste e bordado inglês, neste mesmo bordado as cercaduras, cujos abertos são guarnecidos com barretes com picots. Os entremeios de renda de bilro ou de crochet, podendo se empregar o tom do linho ou do bordado.

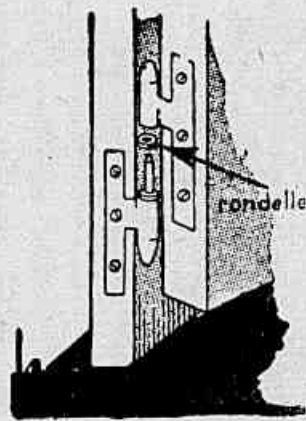


Rica sala de visitas numa residência em Nova York no estilo Luiz XV, os painéis no tom suave rosa e ouro. O damassê do sofá no mesmo tom rosa e a madeira trabalhada e dourada.

CONSELHOS PRÁTICOS

Quando uma porta fecha mal ou não fecha de todo

Sem dúvida um dos batentes desceu um pouco; raspa pelo assoalho e a lingueta da chave ou da maçaneta não fica mais em face da abertura no outro lado da fechadura. É preciso tirar o batente que desceu e meter, como mostra o nosso desenho, uma rodellinha de ferro (da espessura e diâmetro necessários) no espigão da dobradiça, que sustenta a porta; esta ficará na altura do outro batente. Caso seja preciso, juntar duas ou três rodellinhas. O que é preciso é que as duas partes da fechadura fiquem bem em face uma da outra.



Para fazer durar as solas dos sapatos

Depois de ter usado alguns dias os sapatos, para que a sola perca o envernizado, escova-se bem e passa-se uma camada de verniz copal. Deixa-se secar, o que necessita de alguns dias. Havendo pessoas que renovam esta operação até três vezes. Os sapatos assim tratados, tem uma duração muito maior.

Limpeza dos crepes

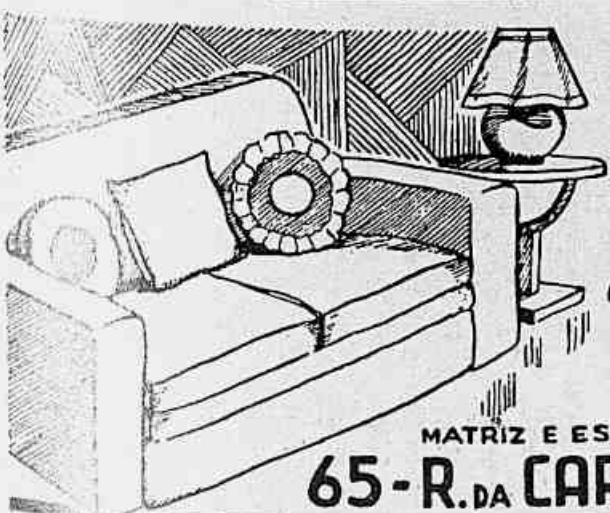
Os crepes de seda ou de algodão (não se trata aqui do crepe inglês para luto) podem ser lavados, mas são precisos certos cuidados, não esfregar, não torcer e agir da seguinte maneira:

Fazer mergulhar primeiro na água fria, depois preparar um banho quente com sabão raspado (palhetas), bater um pouco e assim que a espuma subir e estiver o líquido um pouco mais que morno, mergulhar o tecido, e deixá-lo um quarto de hora ou um pouco mais, mexer o tecido fazendo subir e descer, mudar de sentido e de lado, isto em geral basta, mas no entanto se há partes manchadas, esfregar muito levemente entre os dedos, não com toda a mão e sem apoiar.

O tecido limpo tirar da água de sabão e enxaguar em diversas águas frias. Quanto mais delicado o crepe, mais cuidado deve-se ter.

Em geral, não se passa a ferro nos tecidos crepês, porque o ferro faz desaparecer o encrespado. No entanto pôde-se ser obrigada, é preciso então deixar secar completamente e passar o ferro muito levemente, sem apoiar, a não ser que o tecido tenha encolhido muito e que se tenha interesse de esticá-lo.

Quando o tecido perdeu completamente o encrespado devido a diversas lavagens, há um meio simples de encrespá-lo de novo. Basta molhá-lo na água muito quente e enxaguar imediatamente na água muito fria. O tecido encolhe e encrespa.



GRUPOS ESTOFADOS

MOVEIS - TAPETES - CORTINAS

ASA UNES

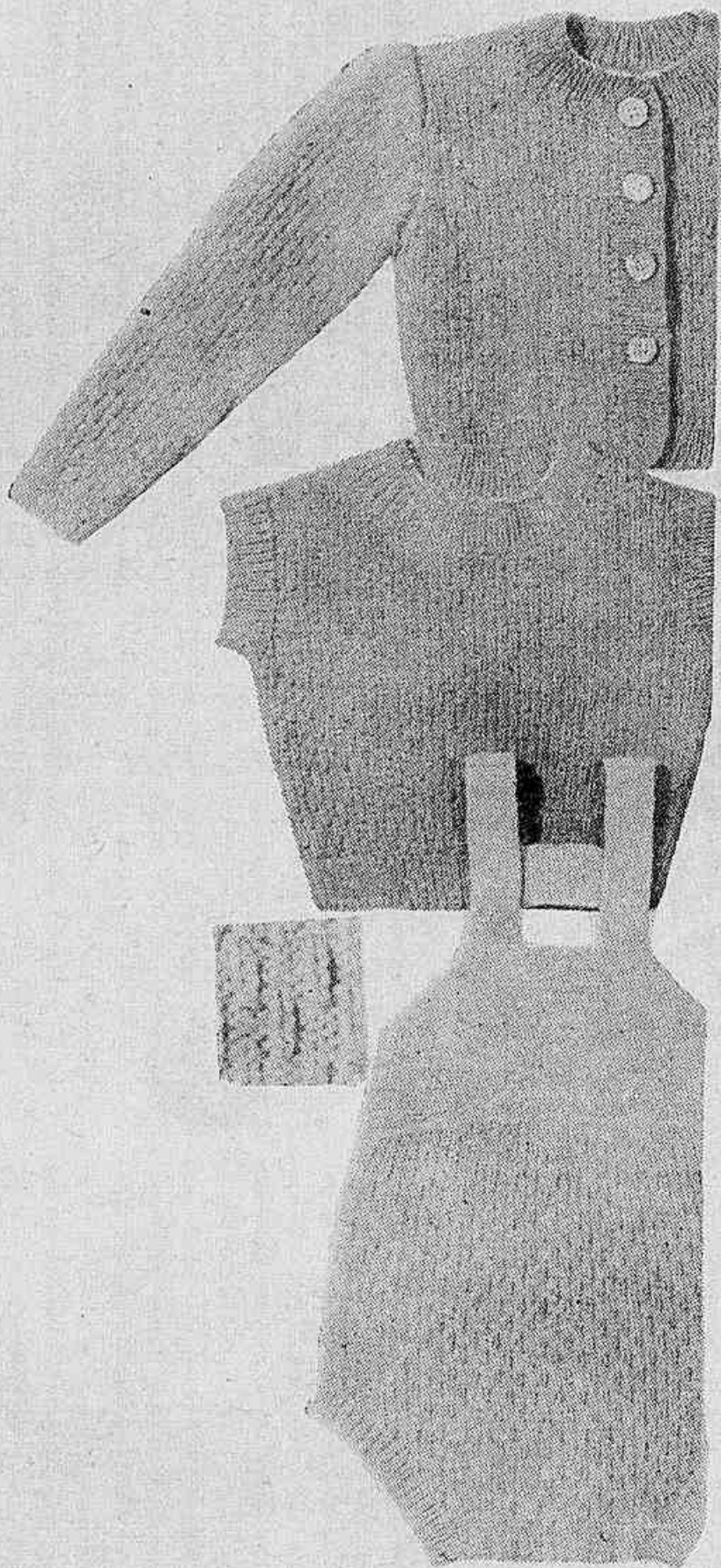
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

MATRIZ E ESCRITÓRIOS

E TAMBÉM NO ANEXO A

65 - R. DA CARIOCA - 67 - R. 7 DE SETEMBRO - 82 JUNTO A AVENIDA

Tres peças para a praia ---- Casaco, pull-over e roupa sem mangas em tricot de lã



Pontos empregados — Ponto de gaita rodeando o casaco, punhos, gola e cavas do pull-over, as pernas e a parte de cima da roupa. Ponto de fantasia; (x) 3 pontos pelo avesso, 1 ponto pelo direito. (x). Na volta tricotar os pontos como se apresentam: pelo direito os pontos pelo direito, pelo avesso os pontos pelo avesso. Este ponto é contrariado todas as 5 carreiras. Na 5.^a carreira tricotar-se pois 1 ponto pelo avesso (x) 1 ponto pelo direito, 3 pontos pelo avesso, etc.

Execução : — O casaco — Começa-se pela parte de baixo pelo ponto de fantasia (o ponto de gaita é feito depois). Para as costas pôr na agulha de tricot 91 malhas. Tricotar 11 centímetros e meio fazendo de cada lado 3 vezes o aumento de uma malha de cada lado com 3 centímetros de intervalo. Formar em seguida as cavas fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo, 2 vezes 2 malhas e 4 vezes 1 malha. Continuar em linha recta. Quando medir 20 centímetros e meio de altura, formar a gola fechando as 25 malhas do meio. Trabalhar cada lado separadamente, fechando do lado da gola com uma carreira de intervalo 4 malhas, 3 malhas, 2 malhas. Simultaneamente enviezar o hombro fechando 19 malhas em 4 vezes.

Frente — Pôr na agulha 45 malhas. O lado da abertura trabalha-se em linha recta, do lado da costura fazer 3 aumentos com centímetros de intervalo. Quando medir 11 centímetros e meio de altura formar a cava fechando com uma carreira de intervalo duas vezes 3 malhas, 2 malhas, tres vezes 1 malha. Quando medir 16 centímetros de altura, formar a gola fechando do lado da abertura com 1 carreira de intervalo 4 malhas, duas vezes 3 malhas, duas vezes 2 malhas e quatro vezes 1 malha. Quando medir 22 centímetros de altura enviezar o hombro como nas costas. Fazer o outro lado da mesma maneira.

Manga — Começa-se pela parte de baixo pondo na agulha de tricot 47 malhas; tricotar 3 centímetros no ponto de gaita, depois continuar no ponto de fantasia. Fazer de cada lado 13 vezes um aumento com cinco centímetros de intervalo. Quando medir 27 centímetros de altura, formar o arredondado fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo, 3 malhas, quatro vezes 2 malhas, quatro vezes 1 malha, cinco vezes 2 malhas, 3 malhas, 4 malhas e de uma só vez as 9 malhas restantes.

Fazer as costuras; depois com 5 agulhas de aço n. 1 (o trabalho foi feito com agulhas de marfim de 2mm. e meio de diametro) apanhar 178 malhas na parte de baixo do casaco, depois 62 num dos lados da frente, mais 5 malhas no angulo em baixo, 86 na volta da gola, de novo 62 no outro lado da frente e mais cinco para o outro angulo (398 malhas ao todo) tricotar em volta 3 centímetros no ponto de gaita fazendo do

CABELLOS BRANCOS SÃO SIGNAL DE VELHICE!

É preciso combater a causa do embranquecimento dos cabellos



★ Os cabellos brancos são, provocados pela destruição da materia pigmentar que lhes dá a cor natural a qual é atacada por um micro-organismo, que age como um verdadeiro oxydo.



HA muita gente moça de cabelleira branca. As feições, embora jovens, perdem todo o seu vigor, empanadas por uma cabeça encanecida. Cumpre corrigir o mal, combatendo-lhe a causa com o uso da Loção Brilhante, que é um poderoso microbicida. A sua applicação é facilima. Umas tantas gottas usadas pela

manhã no momento de pentear-se,devolverão aos cabellos brancos ou grisalhos a sua cor natural e primitiva. Nem as pessoas mais intimas explicarão o milagre por que o cabelo se torna sedoso e brilhante.

Em poucos dias começará a readquirir a cor primitiva, com a qual irão nascendo os fios novos

ALVIM & FREITAS, LTDA. • SÃO PAULO

Loção Brilhante

lado direito 4 casas fechando 4 malhas que são postas novamente na agulha na carreira seguinte.

Pull-over : **Costas** — Começa-se pela parte de baixo pondo na agulha de tricot 85 malhas, tricotar 3 centímetros no ponto de gaita e depois começar o ponto de fantasia, fazer tres aumentos com 3 centímetros de intervalo, de cada lado. Quando medir 14 centímetros de altura, formar as cavas fechando de cada lado com uma carreira de intervalo 2 malhas e quatro vezes 1 malha. Continuar a direito sobre as 79 malhas restantes até medir 23 centímetros e meio. Fechar então as 25 malhas do meio para a gola. Terminar cada lado separadamente fechando do lado da gola com uma carreira de intervalo 4 malhas, 3 malhas, 2 malhas, 1 malha. Simultaneamente formar o enviezado do hombro fechando com uma carreira de intervalo em 4 vezes as 17 malhas restantes. Fazer o outro lado da mesma maneira.

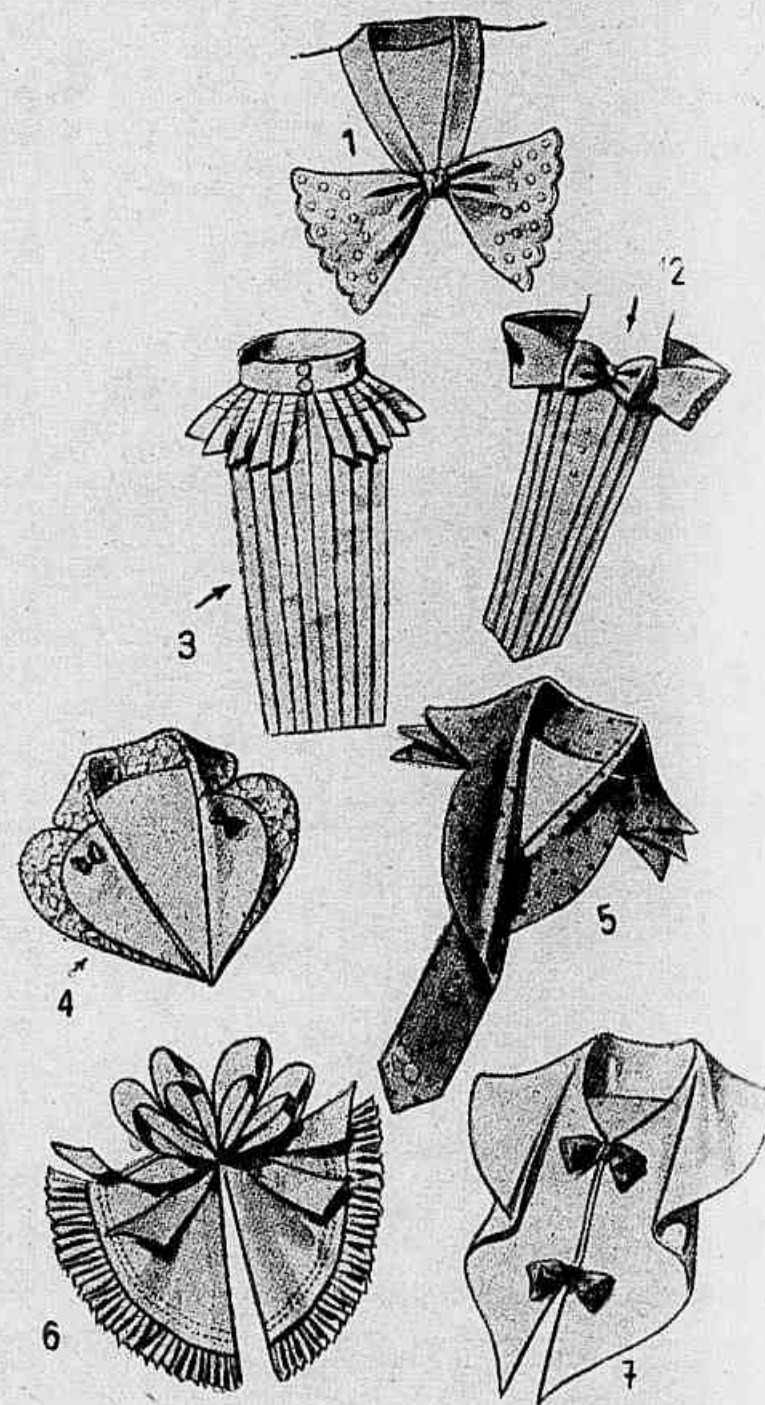
Frente — Pôr na agulha de tricot 89 malhas e seguir as explicações das costas até ás cavas. Formar estas fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo, tres vezes 2 malhas e duas vezes 1 malha. Quando medir 20 centímetros de altura fechar para a gola 9 malhas no meio. Terminar cada lado separadamente fechando do lado da gola com uma carreira de intervalo 5 malhas, 4 malhas, duas vezes 2 malhas duas vezes 1 malha, e com tres carreiras de intervalo tres vezes 1 malha. Quando medir 25 centímetros de altura enviezar o hombro da mesma maneira que nas costas. Fazer o outro lado da mesma maneira. Depois de feitas as costuras dos hombros apanhar todas as malhas em volta da gola (54 malhas na frente e 38 nas costas) tricotar uma carreira pelo avesso no direito do trabalho e depois fazer 3 centímetros de ponto de gaita. Fazer a mesma coisa nas cavas.

Roupas sem mangas : **Frente** — Começa-se pela entrepernas. Pôr na agulha de tricot 26 malhas, tricotar 4 carreiras no ponto de fantasia, fazer em seguida de cada lado, com uma carreira de intervalo, nove vezes o aumento de 1 malha, tres vezes 1 aumento de 2 malhas, duas vezes o aumento de 3 malhas e seis vezes o aumento de 1 malha. Tricotar 12 centímetros em linha recta. Depois tomar as agulhas mais finas e tricotar o ponto de gaita: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. Quando medir 6 centímetros e meio no ponto de gaita fechar de cada lado, alternadamente, uma vez 1 malha, uma vez 2 malhas (21 malhas ao todo) Quando medir 14 centímetros no ponto de gaita fechar as 16 malhas do meio. Trabalhar cada lado separadamente para formar as bretelles. Tricotar sobre as 11 malhas 18 centímetros em linha recta e deixar este lado á espera. Trabalhar a segunda bretelle da mesma maneira, collocar 16 malhas entre as duas bretelles e tricotar até obter tres centímetros, fechar as 16 malhas do centro e terminar separadamente as bretelles sete centímetros mais em linha recta. Fazer uma casa em cada ponta das bretelles fechando 3 malhas do centro, que são postas novamente na agulha na carreira seguinte. Terminar em ponta fechando de cada lado com uma carreira de intervalo 1 malha.

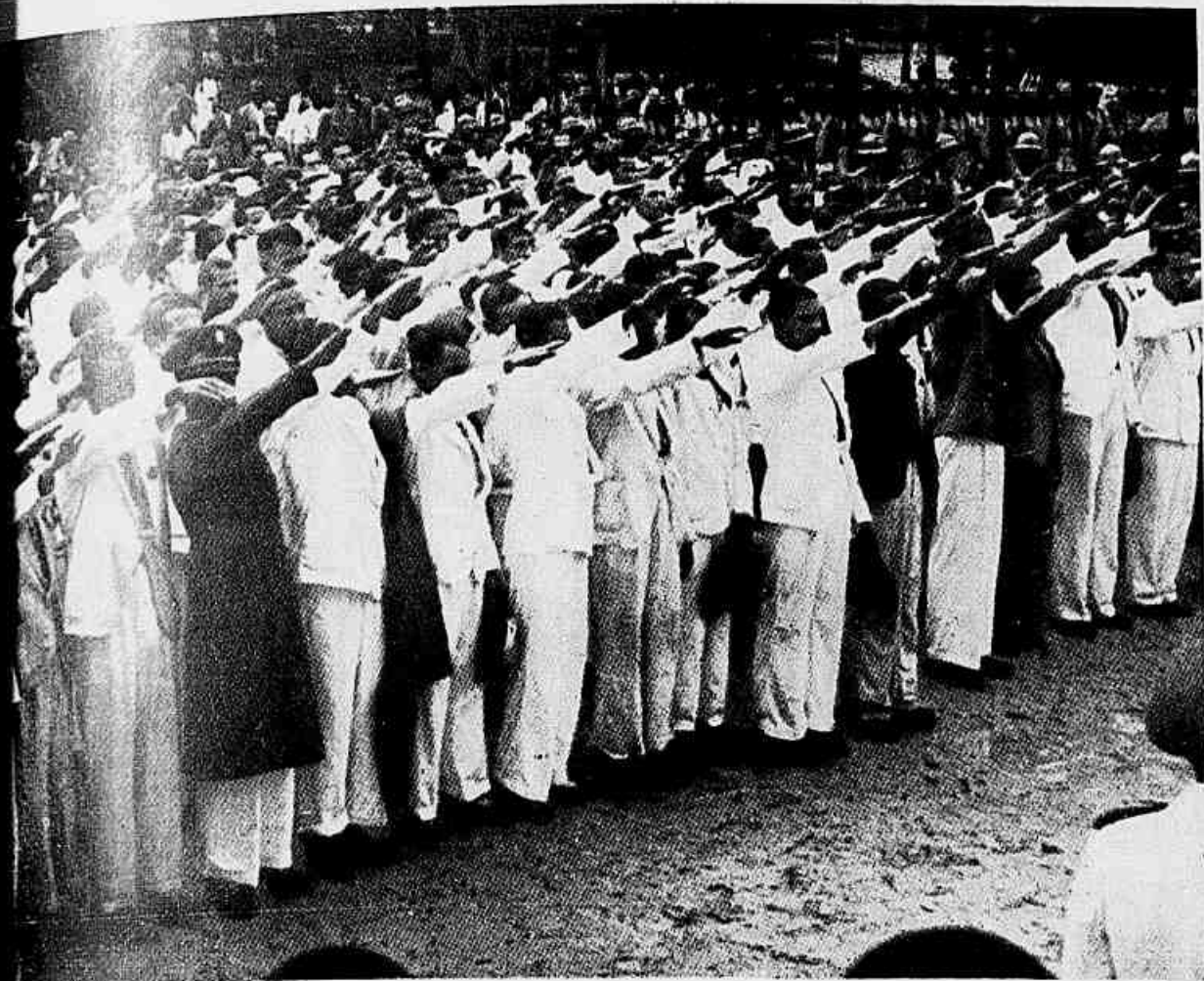
Costas — Pôr na agulha de tricot 26 malhas. Fazer de cada lado alternadamente uma vez o aumento de 2 malhas, uma vez o aumento de 1 malha até obter 80 malhas ao todo. Tricotar 12 centímetros em linha recta, para dar mais altura na parte do meio. Tricotar da seguinte maneira: partindo do avesso do trabalho tricotar 50 malhas, voltar. Tricotar sobre 65 malhas.

Voltar a tricotar sobre todas as malhas. Tricotar 6 centímetros no ponto de gaita em linha recta. Pregos os botões para as bretelles depois de feitas as costuras. Depois apanhar em volta de cada perna 95 malhas pouco mais ou menos. Tricotar uma carreira pelo avesso sobre o direito e depois 2 centímetros no ponto de gaita.

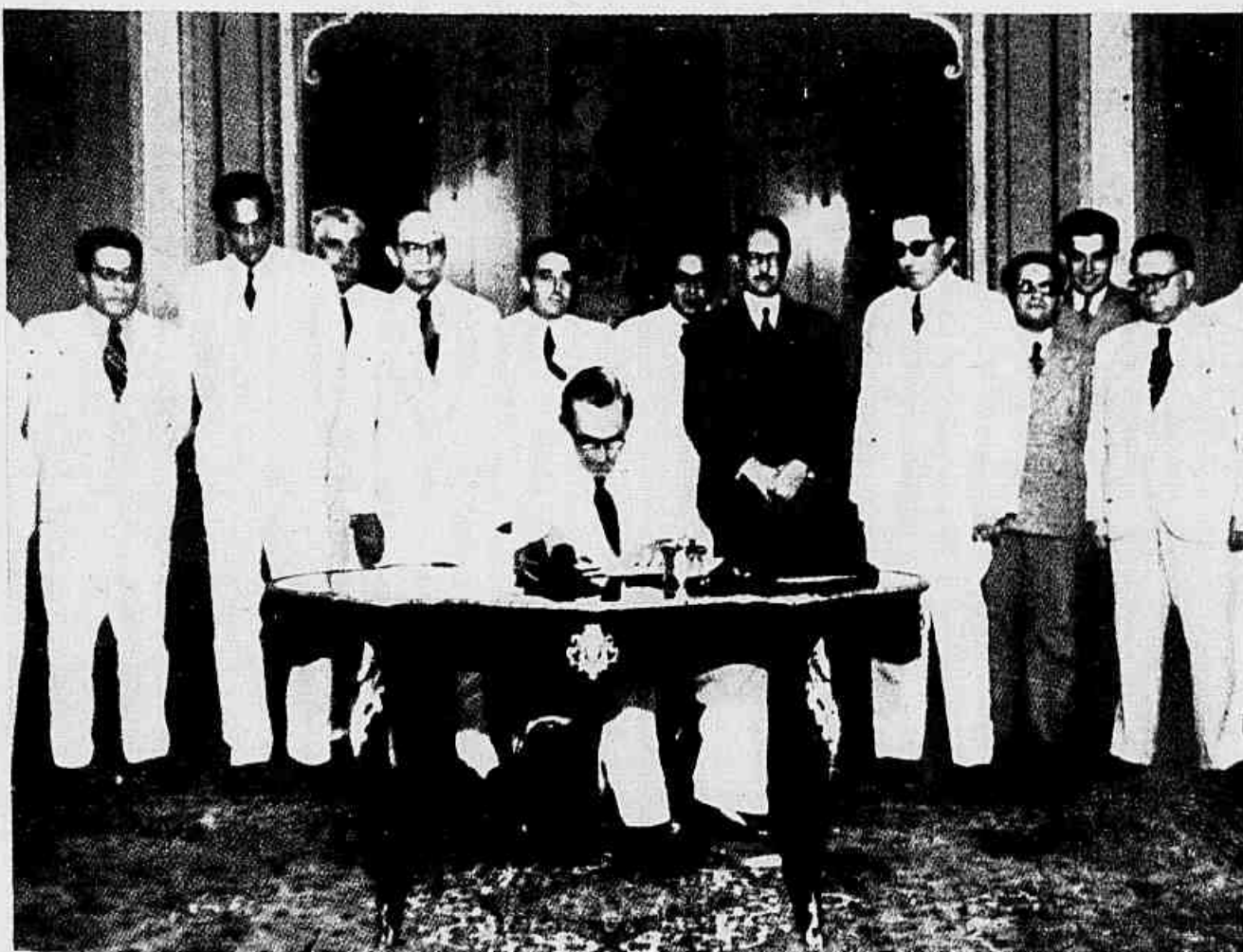
Golas, frentes, jabots e gravatas



1 — Gola e gravata de crepe de seda ou fustão branco, a gravata bordada. 2 — Frente, gola e gravata de crepe bege claro. 3 — Frente e gola de setim branco, guardada a frente com pregas e pespontos. 4 — Gola e revers de renda e crepe branco. 5 — Gola formando longos revers de crepe ou fustão, com pintas. 6 — De setim branco este jabot original com pespontos, babadinhos plissados e grande laço de fita de setim branco. 7 — Grande gola de crepe ou fustão branco.



Voluntários de terceira categoria quando prestavam juramento, por ocasião das manifestações pelo aniversário do Chefe da Nação.



A cerimônia da doação de 500 contos de réis, em apólices da emissão "Obras Públicas", à Faculdade de Direito da Baía, quando o dr. Landulpho Alves, interventor federal, assinava o respectivo decreto.

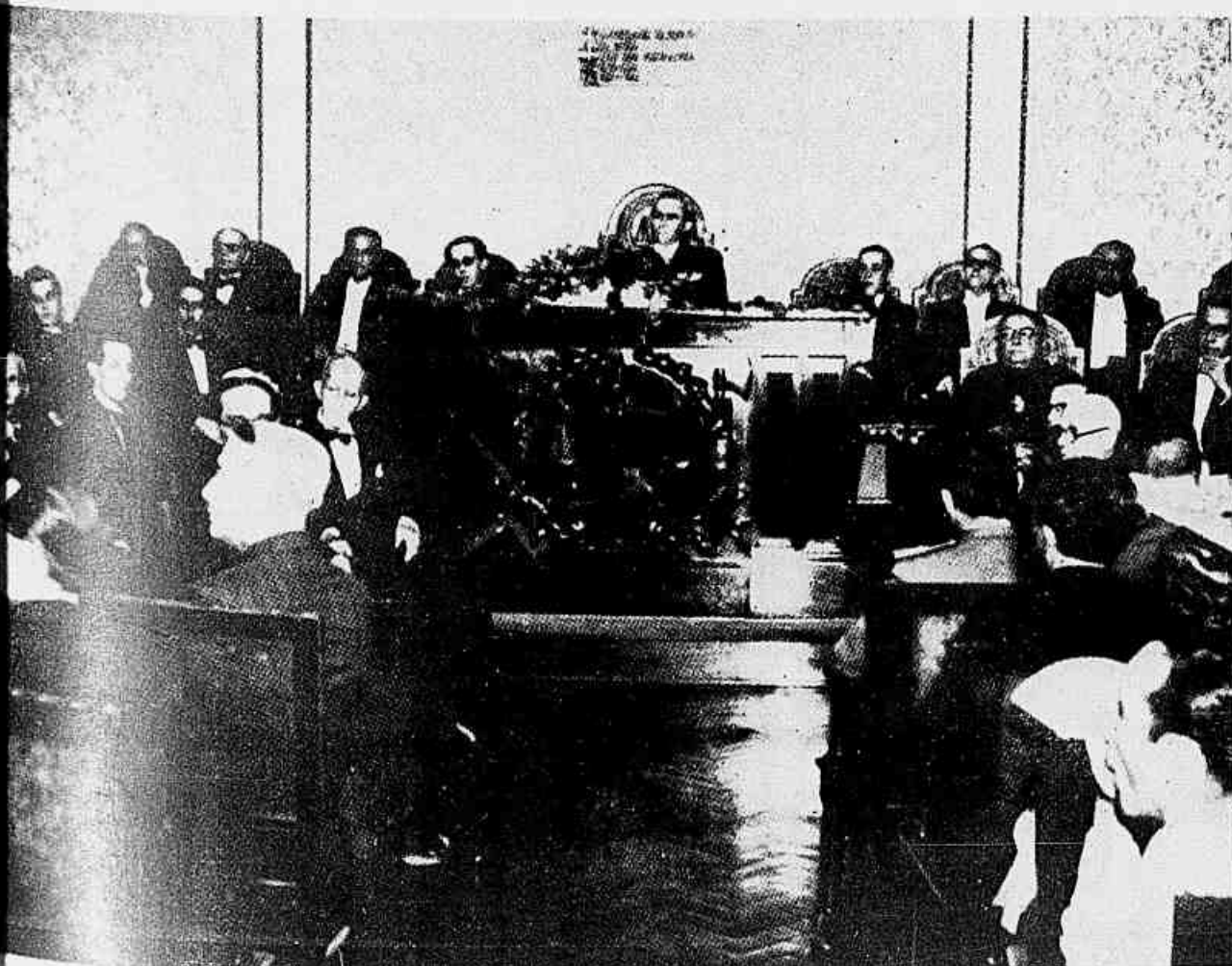
BAIA



O professor Jayme Junqueira Ayres proferindo sua oração numa das reuniões comemorativas do cinquentenário da Faculdade de Direito da Baía.



A cerimônia da inauguração dos retratos de cinco ex-prefeitos da cidade do Salvador, no Quartel do Corpo de Bombeiros.



Solenidade presidida pelo interventor Landulpho Alves, com a presença dos secretários de Estado, prefeito da capital, professores e alunos, na comemoração do 50.º aniversário da Faculdade de Direito.



O interventor Landulpho Alves acendendo a pira no Instituto Normal da Baía, por ocasião das Olimpíadas verificadas na data aniversária do Presidente da República.

DELIO SA'



C^{IA} SOUZA CRUZ